

# Pontos de Vista



Temas para  
Palestras e  
Estudos do  
Kardecismo

Octávio Caúmo Serrano



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

Octávio Caúmo Serrano

# Pontos de Vista

Editora

SEDAC-Sociedade Espírita de Divulgação e Apoio à Criança S/C

Revisão: Maria Alcântara Capa: O. C. Serrano

(Toda sabedoria emana da mesma fonte: Deus)

1a. Edição  
do 1º ao 3º milheiro  
1996

Impresso na Gráfica Sacomã Ltda, Rua Moreira de Godói, 572 fone e fax (011)  
9140644 CGCMF 51.191.187/000199 Inscrição Estadual 110.130.120.114

# Índice

1	Nosso Centro
2	Melhor prevenir
3	O desmentido não tem a força da notícia
4	Comitiva de recepção
5	Cuidados com a mediunidade
6	Sufrimento
7	Dormir e sonhar
8	Encíclicas do Cristo
9	Uma homenagem. E depois
10	Delegar funções
11	Sutilezas do além influenciando o pensamento
12	Espíritas de fachada
13	Filho adotado, troféu de amor
14	Quanto custa uma pizza?
15	Advertências
16	Chás, shows, bazares e bingos
17	A vida é uma só
18	Comportamento e participação
19	Que droga!
20	Tempo de casa não dá sabedoria
21	Epidemia de moral contagia o mundo
22	Anjos de guarda, guias e mentores
23	Bem-aventurados os fanáticos
24	Médium ou espírita?
25	A carne, o indivíduo e o centro
26	Otimismo
27	Só a competência valoriza o trabalho
28	Falta de colaboradores
29	O passe ideal
30	Será que precisamos de outro Consolador?
31	Estudando sobre a caridade
32	Vim, vi e voltei
33	Pais e filhos
34	Simplicidade e objetividade
35	Uma experiência prática
36	Considerações sobre o futuro
37	Evangelho no lar
38	Carma, obsessão, livre-arbítrio
39	O grande carma
40	Um diálogo
41	Espiritismo ou fatalidade
42	Os Essênios
43	Ciência ou religião
44	Os amigos e...os marotos
45	Um jeito errado de ver
46	A maior caridade
47	O lazer do espírita
48	Na defesa de um ideal
49	É questão de fé
50	O avesso da caridade

## *Apresentação*

Este livro é uma seleção de artigos publicados em jornais e revistas Espíritas, agora revisados, e foram desenvolvidos a partir de observações, estudos e debates sobre o Espiritismo, no Centro Kardecista "Os Essênios".

Agradecemos aos editores, que há vários anos vêm nos honrando com a divulgação das nossas ideias, e aceitamos coloca-las num volume, preservando-as, porque nos parece material útil e atual, quer para a divulgação doutrinária, quer para estudantes e pesquisadores que gostam de analisar o Espiritismo além da visão convencional.

Como abertura, em homenagem a Allan Kardec, transcrevemos um de nossos artigos como expressão de gratidão pelo bem que fez à humanidade com o legado do Espiritismo. Diante das dificuldades do momento, sem esses conhecimentos viver seria ainda mais difícil.

O autor março de 1996.

## Uma homenagem profética a Allan Kardec

O Courrier de Paris de 11 de junho de 1857, poucos dias após o lançamento de O Livro dos Espíritos, edita matéria sobre o fato.

O jornal informa que havia sido publicada obra deveras notável, até mesmo curiosa, se não houvesse nela coisas interessantes que não poderiam ser consideradas banais. "O Livro dos Espíritos", escreve, "é página nova do próprio grande livro do infinito e, estamos persuadidos, uma marca será posta nesta página."

Declara o editor, sr. Du Chalard, que não conhece o autor, mas que alguém que escreveu tal prefácio deve ter a alma aberta a todos os sentimentos nobres. Afirma, ainda, que jamais fez qualquer estudo sobre fenômeno sobrenatural, embora, vez que outra, se perguntasse o que haveria nas regiões onde se convencionou chamar "O Alto".

O jornalista, impressionado com a obra, não tem dúvida em recomendá-la. "A todos os deserdados da Terra, a todos quantos marcham e que nas suas quedas regam com lágrimas o pó das estradas, diremos: Lede O Livro dos Espíritos; ele vos tornará mais fortes. Também aos felizes que pelos caminhos só encontram aclamações e os sorrisos da fortuna, diremos: Estudai O Livro dos Espíritos e ele vos tornará melhores."

Mencionando que o trabalho é da autoria dos Espíritos, fala das sublimes respostas, mas enaltece as perguntas que as provocaram. Desafia os mais incrédulos a rirem quando lerem o livro em silêncio e solidão.

Após o comentário, propõe: "O senhor é homem de estudo e tem aquela boa fé que apenas necessita instruir-se? Então leia O Livro Primeiro, que fala sobre a Doutrina Espírita. E dos que se ocupam apenas consigo mesmo e nada enxergam além dos próprios interesses? Leia as Leis Morais. Todos os que têm pensamentos nobres no coração, leiam o livro da primeira à última página. Aos que encontrarem matéria para zombaria, o nosso lamento."

No título, dissemos tratar-se de uma homenagem profética. Naquele instante, o jornalista vislumbrou a estrada de luz que se abria com as revelações e só alguém

igualmente com grande sensibilidade poderia perceber a conotação divina que o livro apresentava.

Entre os espíritas, mesmo já tendo convivido com tais notícias há mais de cento e trinta anos, encontramos poucos com as convicções do editor francês que, de pronto, percebeu a chegada do Consolador.

**Revista Espírita Allan Kardec abril de 1994**

## *Prefácio*

Ao manusear nosso arquivo de recortes, meditávamos na importância da imprensa Espírita para a divulgação doutrinária.

A grande coleção de artigos, dos mais diferentes autores, permitia-nos observar que cada um oferece sua melhor contribuição para que o Espiritismo seja corretamente compreendido. Nas páginas dos periódicos Espíritas, essas ideias viajam e chegam aos mais distantes pontos, beneficiando muita gente. Agem como o fermento que, pouco a pouco, vai levedando toda a massa.

Dentre os autores que nos agradam, destacamos, quer pela objetividade da comunicação, quer pela forma particular como aborda os temas, o Octávio Caúmo Serrano, que nos últimos anos tem aparecido com frequência nos jornais e revistas do nosso sempre crescente movimento.

Por entendermos que o seu trabalho produz material de utilidade, solicitamos ao articulista que nos autorizasse a reedição de suas matérias, enfeixando-as em um livro. O Octávio não apenas concordou, mas doou todos os direitos sobre os seus escritos à SEDAC-Sociedade Espírita de Divulgação e Apoio à Criança S/C, entidade que ajuda àqueles que realizam programas educacionais ligados à infância, sejam nas artes, nos esportes ou na profissionalização dos menores.

O livro, que tem por finalidade contribuir para o estudo do kardecismo, sem ditar regras ou estabelecer padrões de conduta, não pretende se transformar em verdade irretocável, mesmo porque na Terra, por enquanto, a verdade não vai além dos "PONTOS DE VISTA" de cada um.

Miguel Pereira março de 1996.

## *1) Nosso Centro*

"Uma expressão comum no meio espírita: O NOSSO CENTRO."

Por que Nosso Centro ? Vamos a algumas considerações.

Frequentamos essa casa espírita, ali nos sentimos bem, ora como participantes, ora como assistentes, e assim vamos levando a vida. Normalmente fazemos isso uma vez por semana; exagerando, duas.

Mas conhecemos de verdade o nosso centro? Como começou, quem foi o fundador, ou foram, quais as atividades da casa ? Por falar em casa, é própria ou alugada? Sabemos o valor do aluguel, quem paga a luz, a água e o IPTU, hoje tão reclamadamente caro? Já paramos para pensar como tudo começou? Como se deu o "epiCentro"?

Hoje, ao chegarmos para a reunião, encontramos tudo organizado. Gostamos de ler e uma biblioteca, nos oferece livros selecionados da Doutrina Espírita, sem nenhum pagamento. Necessitamos de assistência espiritual, ou gostaríamos de participar dos trabalhos de passes, e ali encontramos a equipe formada, que nos atende. Incomoda-nos um problema familiar, envolvendo vícios e desarmonias, e ali nos socorremos da entrevista que orienta como venceremos as dificuldades.

Antecedendo ou complementando essa coleção de oportunidades, gostaríamos de ouvir comentários e explicações sobre o Evangelho do Cristo, à luz da Codificação Kardequiana, e ali está o expositor, para a nossa satisfação.

Vimos diretamente do serviço e temos sede. A água está filtrada, a vela foi trocada, o banheiro está limpo e equipado. Dessedentados, lembramos de colocar na caixa de vibrações ou sobre a mesa dos trabalhos, o nome de um amigo que tem problemas. A caneta, o papel, tudo está ali ao nosso dispor.

Na nossa casa espírita tem também, como convém a toda boa organização, mensagens que a Espiritualidade Superior oferece através dos médiuns e que como gotas de sabedoria vão nos equilibrando, pouco a pouco. Levamos até para casa porque são sob medida para alguém que conhecemos.

E na primeira vez que viemos ao centro? Ainda nos lembramos? Fomos recepcionados por alguém que, simpaticamente, nos explicou todas as

possibilidades que a casa oferecia: Evangelho, Passes, Entrevistas, Escola de Educação Mediúnica, Moral Cristã e tudo o que hoje conhecemos, mais ou menos.

Quando estávamos em perturbação psíquica, com a mediunidade explodindo, a equipe responsável nos assistiu, juntamente com os espíritos, para organizar nossos "dons" mediúnicos com o fim de melhor servirmos e servir-nos. Tudo gratuitamente e com carinho, ambas coisas raras de se encontrar hoje em dia.

Há também na nossa sociedade um quadro de avisos. Curioso que quase ninguém lê e há, com frequência, informações importantes. Cursos ministrados na casa ou em outros locais, palestras, promoções, campanhas, etc. Ali há endereços de jornais e revistas espíritas que nos convidam a que façamos uma assinatura. Por falar nisso, você leitor assina algum jornal ou revista? Um ano de assinatura custa menos do que um almoço. Já prestigiamos os irmãos que se esforçam na divulgação do Espiritismo, com sacrifício pessoal? Instruímo-nos e atualizamo-nos com a Doutrina, como convém a todo espírita, ou vamos ao centro para dormir? Reencarnação é algo precioso. Acreditamos realmente nisso?

Outra coisa que esquecemos, ou nem mesmo sabemos, é que o centro é uma organização jurídica e tem compromissos legais e fiscais. Tem livro de atas, livro caixa, entrega declaração de imposto de renda, paga licença de funcionamento e publicidade...

Segue-se, então, uma pergunta natural: Por que, diante de tantas dificuldades, as pessoas abrem centros espíritas?

Resposta, porque acima delas está a vocação para a caridade que começa a se ampliar nos corações humanos. Cada centro aberto evita que criaturas cheguem aos manicômios. A palavra evangélica contribui para diminuir a venda de psicotrópicos, porque organiza a alma e, por consequência, harmoniza o físico. Cada reunião de desobsessão retira das trevas espíritos que viveram descuidadamente e hoje se escravizam às necessidades humanas, por manterem sintonia com a inferioridade dos encarnados.

E qual tem sido nosso comportamento perante a casa que nos acolhe? Prestamos atenção apenas às falhas, não é? Criticamos a irmã que recentemente nos atendeu sem o sorriso habitual, sem imaginar que ela poderia ter em casa o esposo enfermo, ou desempregado, mas veio cumprir com a obrigação, mantendo-se em

seu posto. Será que somente nossas dores merecem atenção? Será que ainda pensamos que o espírita é invulnerável ao sofrimento?

E aquela dirigente, rigorosa na disciplina, que chama nossa atenção porque desaparecemos do trabalho por comodismo ou desinteresse, não será nossa benfeitora? Nós a vemos com mágoas, com melindres, porque ela detectou nossa irresponsabilidade. Detestamos ser corrigidos e não suportamos pressões, só que elas ainda são necessárias porque estamos inseguros.

Após esse teórico esboço do que acontece na casa espírita, onde até o amor entre as criaturas geralmente falta, propomos que todos nos unamos nas tarefas do NOSSO CENTRO. À hora da saída, qualquer um pode fechar o vitral, qualquer um pode apagar a luz, desligar o ventilador e fechar a porta. Todos reunidos, formamos o Espiritismo, a redentora Doutrina, que não tem papas ou gurus, ministros ou sacerdotes, mestres ou pastores. E a doutrina do auxílio mútuo, onde não há maior ou menor. E a lição que o Cristo ensinou a poucos que podiam entende-Lo na época e que Kardec popularizou, ainda mais, a fim de que um maior número de pessoas pudesse ser beneficiado. Pena que ainda sejamos poucos.

Mas cada cristão, com seu exemplo, irá animando o que está ao lado para que arregace as mangas e participe também. Neste instante de desentendimento universal, quando a palavra crise é a mais pronunciada por todos os povos da Terra, a única saída para mudar esse pessimismo generalizado está no **TRABALHO E NA CARIDADE.**

Dirigente Espírita março/abril de 1992

## *2) Melhor prevenir*

"Nossa ida ao Centro Espírita é como a visita ao doutor ou a internação hospitalar."

Poucas pessoas buscam a ajuda dos médicos para prevenir doenças. Com essa providência seriam evitadas muitas enfermidades, além de gastos e sofrimentos. O motivo do descuido é que sempre esperamos até que o corpo revele seus males.

Os problemas da alma, porém, demandam um esforço diferente para serem detectados, porque o envolvimento espiritual é de difícil diagnóstico. O paciente não vê a lesão, por aparelhagem específica, e quase sempre se recusa a aceitar que tem a moléstia.

Raio X, ultrassom ou tomografia, mostram claramente onde está o ferimento, mas não registram os tumores do espírito. Se compararmos a doença carnal que hoje assusta a humanidade, com o domínio das entidades inferiores sobre a criatura, veremos que quase não há diferença. Poderíamos definir a obsessão como AIDS da alma. Ao observarmos o HIV, vemos que há um processo de instalação inicial, quando o micro-organismo aproveita a promiscuidade ou a debilidade da criatura, para ampliar o seu campo de ação. Esconde-se por entre as células, a fim de fortificar-se, alimentar-se e minar a resistência do indivíduo.

AIDS, ou SIDA em português, significa a diminuição da imunidade do indivíduo frente às doenças. O organismo fica sem defesa e simples gripe pode trazer graves consequências.

O vírus não tem nome técnico, no processo obsessivo é chamado perturbador, obsessor, encosto, sofredor, etc. Mas sua ação é igual à do HIV. Aproveita-se da fraqueza espiritual, resultado da insatisfação, da tristeza ou da ganância da pessoa, e faz coro com as suas necessidades. Aos poucos vai dominando e o que era insignificante se transforma em problema. Simples crítica, inveja, ciúme, são suficientes para causar revolta e desequilibrar a criatura.

No caso do HIV, a ciência pesquisa na busca de tratamentos que diminuam os problemas de muitos infelizes, entre os quais os dependentes da hemodiálise ou da transfusão de sangue. Luta, igualmente, para obter uma vacina que proteja

todas as pessoas. Um dia os homens conseguirão, mas antes muita coisa terá de mudar na humanidade.

Virose da obsessão é mais fácil. O remédio existe em forma de trabalho. Há também outros medicamentos e o principal deles é a reforma moral. Pena que deixemos de lutar, porque tais dores não são percebidas de imediato fisicamente e nem podem ser operadas com a ajuda da anestesia. Diante da conjuntura, supomos que o problema é normal, causado por terceiros, e com o tempo resolverá por si mesmo, em processo natural. Engano, porque o inverso é o comum. De perturbação espiritual leve, poderemos chegar rapidamente à total alienação. A partir daí, ficaremos incapazes de qualquer esforço para fazer com que prevaleça a nossa vontade.

Preservar-se contra doenças, exercitar-se fisicamente, vacinar-se e usar medicação para ter um corpo saudável, é nosso dever e uma das formas de agradecer a Deus pela encarnação. Mas cuidar-se espiritualmente é fundamental, porque nenhum corpo estará sadio se a alma que o anima está enfermada. Além disso, o corpo é provisório e a alma eterna.

O ideal seria se todos procurássemos o Espiritismo como profilaxia, antes de adoecer, e se todos compreendêssemos que devemos ir ao Centro para servir e não para sermos servidos. Mas se houver descuido, estejamos certos que a obsessão, ou AIDS ESPIRITUAL, é doença curável. Basta um pouco de esforço e persistência do paciente. Com o uso da oração, mantendo a vigilância do pensamento e trabalhando em favor do próximo, o quadro pode ser rapidamente revertido. Mas prevenir, ainda é a maneira mais simples para encurtar o caminho das dores.

Correio Fraternal do ABC abril de 1995

### *3) O desmentido não tem a força da notícia*

"Se o Espiritismo fosse bom, Kardec não teria se suicidado." Um "pastor"

Na cidade de São Paulo, em programa de televisão de fim de noite, um pastor evangélico afirmou que "se o Espiritismo fosse bom Kardec não teria se suicidado." Imediatamente, um convidado kardecista tratou de desmentir a notícia.

Passados dois meses, lemos em jornal espírita entrevista que o mesmo senhor concedeu e que envolve o assunto em pauta. Na oportunidade, declarou que tinha ótima notícia, pois havia pesquisado e concluído que, efetivamente, Allan Kardec não havia se suicidado. Prometia não mais divulgar tal inverdade e propunha-se, caso fosse do agrado dos espíritas, a ir pessoalmente à federativa local e confirmar, diante de todos, a promessa que fazia.

Não podemos imaginar que membros dessa igreja, organizada como poucas, e que usando o nome de Jesus está construindo um império internacional desconheçam Allan Kardec e o Espiritismo, doutrina que tanto combatem. As outras religiões, até aqui, têm merecido deles pouca atenção, porque só falam no dinheiro e estão a cada dia mais desacreditadas. São doutrinas falindo por um discurso ultrapassado e por atitudes que desdizem a pregação.

O Espiritismo, em expressivo desenvolvimento, é para elas uma pedra no sapato e o que nos deixa surpresos é vermos os espíritas no meio dessas pessoas, supondo, ingenuamente, que elas iriam ceder espaços em suas empresas milionárias para que eles exponham suas ideias. Ingênuo equívoco. Sabem da nossa pouca competência no trato com a mídia, que requer capacidade de síntese, o que ainda não é o nosso forte, e por isso fazem o convite buscando expor-nos ao ridículo. Aprendizes, não competimos com esses profissionais da fé que conhecem de cor as escrituras, o que não é comum entre os espíritas. Usam capítulos e versículos para mostrar sabedoria e o povo, inculto, os vê como salvadores.

Treinados, e com discursos padronizadamente estabelecidos, os divulgadores dessa igreja sabem que o furo causa impacto e que o desmentido não tem expressão. Além disso, lançaram a mentira em rede nacional de televisão e

ofereceram a retratação em jornal que circula somente em alguns redutos do ambiente espírita. A dúvida permaneceu no ar.

Ao afirmar que se o Espiritismo fosse bom Kardec não teria se suicidado, o "pastor" procurou desencorajar os que pudessem nutrir alguma simpatia pela nossa Doutrina, especialmente do rebanho deles. Além disso, sabem que é grande o número de novos simpatizantes do Espiritismo frequentadores de Centros que nada sabem de Allan Kardec e se puderem criar nestes alguma dúvida, seria vantajoso para a sua causa.

Não é da nossa conta o que faz a tal seita que diz o que convenha aos seus interesses. Cada adepto que decida o que é melhor para si. Nossa preocupação é alertar os espíritas que, ávidos por verem suas imagens no ar, via Embratel, servem inocentemente de isca, na ilusão de que participam de ecuménico grupo de pescadores, todos com o mesmo ideal. Acreditam ser oportunidade para propagar sua crença, mas ao invés de divulgar o Espiritismo acabam por trabalhar contra.

A mansuetude da pomba deve ser acompanhada da astúcia da serpente, porque o plano inferior, competente e sutil, ataca de todas as formas. Pena que embora repitamos frases feitas, não tenhamos ainda os olhos de ver nem os ouvidos de ouvir. Cuidado, senhores, porque o momento pede redobrada vigilância.

O Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, mas da responsabilidade dos Espíritos Superiores, não sofre arranhões com episódios dessa natureza. Sua origem divina está acima das mesquinharias humanas. Mas, o mínimo que se espera dos praticantes é que não participem de farsas como essas, nem sejam coniventes com a falta de escrúpulos dos que só perseguem vantagens pessoais.

Não sejamos cordeiros na boca dos lobos!

A Voz do Espírito março/abril de 1995

## 4) *Comitiva de recepção*

"Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além túmulo?"

“Pergunta 140 do livro ‘O Consolador’ de Emmanuel/F. C. Xavier.”

Kardec perguntou aos espíritos por que o medo da morte. A resposta foi que isso se deve às repetidas encarnações em que o homem ouviu falar de céu e inferno e que após o desenlace tudo estava terminado. Diziam mais. Se houvera sido virtuoso, lhe estaria reservado o paraíso. Caso contrário, iria arder no calor infernal das zonas satânicas, sem que tivesse oportunidade para corrigir os erros.

A única atenuante, criada no interesse dos que manipulavam essas "verdades convenientes", era o purgatório, para proteger os amigos que ainda não tinham mérito para sentar-se ao lado de Deus e ganhar o direito à eterna contemplação. Com a chegada do Espiritismo, foi-nos revelado que continuamos vivendo mesmo depois de deixar o corpo e que um dia teremos de voltar para novas experiências.

Se de um lado isso diminui o medo da morte, com as revelações espíritas passaram a ser outras as indagações, entre elas, a que inicia este comentário. E qual seria a resposta?

O bom senso foi a chave usada por Kardec para compreender o mundo espiritual. Se os espíritos são as almas dos homens, analisava o Codificador, não possuem todo o conhecimento nem toda a sabedoria.

Nossos entes queridos não são diferentes da maioria das almas. Portanto, ao chegarmos na espiritualidade poderemos encontrar diferentes situações, tais como:

a) Nossos parentes desencarnados estão acima da faixa onde iremos desembarcar. Poderão nos visitar, esporadicamente, mas têm tarefas mais importantes do que simplesmente cuidar de nós. Além disso, se na Terra sempre nos desentendemos, porque agora pretender o milagre da pronta harmonia. A morte não muda as criaturas, já sabemos;

- b) Poderá ocorrer que eles estejam em faixas inferiores àquela onde vamos estagiar e, mesmo que queiram, não têm condições de chegar até nós. Têm, por enquanto, as próprias faltas a expiar;
- c) Convém também considerar que os familiares já podem estar reencarnados. Nossa mãe, que estamos ansiosos por rever, já está ao nosso lado, há tempo. E a netinha e nem percebemos.

Mas isto é aflitivo ! Quem irá nos receber quando chegarmos no mundo dos Espíritos. Haverá alguém?

É evidente que sim, sempre há. O tipo de Espíritos é que varia. Seremos recebidos por amigos, se tivermos merecimento pela ajuda que lhes prestamos enquanto na matéria. Encontraremos criaturas das trevas, se fomos nocivos à coletividade e ignoramos as dores e necessidades do próximo. Esta receita vale, inclusive, caso nossos parentes estejam presentes, pois nada poderão fazer por nós. A justiça na espiritualidade não aplica o "jeitinho". Ali é o mundo da justiça e da verdade.

Estas recomendações servem para que, aos poucos, convençamo-nos que quem melhor nos atende é a família universal. Perigoso imaginar que as desculpas usadas pelos pais para esconder erros dos filhos, possam ser aplicadas no mundo dos Espíritos. Conveniente ampliarmos a família por afinidade espiritual, ligação melhor do que a da consanguinidade. Quando agirmos assim, teremos muitos parentes de verdade, aptos a nos receber e encaminhar, evitando-nos o sofrimento, tão comum nos descrentes e descuidados.

Entre os homens, o concorrido cortejo fúnebre serve como homenagem e demonstração do prestígio do morto. Na erraticidade poderemos também ter nossa comitiva de recepção, da melhor qualidade. Para que isso ocorra, temos de prepara-la aqui. Depois será o tempo da recompensa, que virá do indigente e do asilado que hoje ajudamos. Uma vez consumada a boa lavoura, podemos aguardar confiantes os resultados. Mas quem plantou errado, não adianta chorar. Terá de conformar-se e começar de novo!

## 5) *Cuidados com a mediunidade*

"O médium, mais que procurador dos espíritos, é o propagandista do Espiritismo."

Mediunidade, ferramenta que permite auxiliar pessoas ou espíritos em dificuldade. Não é dom nem privilégio e sim uma possibilidade a mais de aprendizado e reparação dos erros do passado. É o que ensina o Espiritismo.

Lamentavelmente, a mediunidade costuma trazer alguns problemas, porque tanto o médium como os que vivem à sua volta, desconhecem sua importância e responsabilidade.

Da parte do sensitivo, ela pode ser motivo de vaidade sempre que ele se considere incomum e presenteado por Deus com dotes extras, sentindo-se uma pessoa especial. Agindo assim, não consegue controlar a faculdade, nem selecionar o que deva ou não ser divulgado. Da parte dos que o rodeiam, percebe-se comumente os males que estes causam. Médiuns que são usados, de maneira inconsequente, como porta-vozes das notícias do além e informantes sobre o futuro. Pessoas que nem conseguem viver o presente e se afligem com um tempo que talvez nunca chegue.

O Centro Espírita, local certo para a atividade mediúnica, deve orientar os que atuam nesse campo, a fim de que não se percam. Explicar que tem pouca utilidade a mensagem repetitiva, falada ou escrita, que já está no Evangelho e foi complementada por respeitável literatura espírita. O importante é ajudar os sofredores, esse sim, inadiável trabalho de amor ao próximo.

Com tal preocupação, permitimo-nos despretensiosa recomendação aos médiuns:

- 1 Jamais repita o erro do velho espírita, que menospreza o estudo e fica apenas com a mediunidade. Como entender os Espíritos quem não fala a língua deles. Participe de reuniões que possam melhorar os seus conhecimentos.
- 2 Não tenha pressa em relatar a vidência envolvendo problemas de terceiros. Isso irá ajuda-los pouco e é provável que você esteja vendo errado. Vidência é mediunidade restrita à capacidade evolutiva de cada médium.

- 3 Informações que criem pânico ou discórdia, jamais devem ser divulgadas. Só os inferiores têm prazer nesses recados.
  - 4 Não se envaideça com os elogios quanto à mediunidade. O mérito é dos Espíritos. Elogio em exagero sempre esconde segundas intenções.
  - 5 Analise o que diz para que as mensagens sejam equilibradas, mas não esqueça que os Espíritos são os autores das ideias. Reproduza-as com fidelidade a fim de não denegrir a imagem daqueles que o assistem.
  - 6 Dê exemplos de educação e brandura. O médium, mais do que procurador dos Espíritos, é o propagandista do Espiritismo. Ensine por atitudes. Não exija o que você mesmo não faz porque os obsessores irão querer testá-lo. O aflito, o ansioso, o neurótico, não pode ser médium da Luz. Controle-se.
  - 7 As programações espirituais incluem a sua presença. Não falte às reuniões porque não condiz com a caridade.
  - 8 Evite fazer do lar ponto de reunião mediúnica, para atender assuntos particulares. O Centro é o local indicado, porque além da divulgação do Evangelho conta com o auxílio dos responsáveis pela casa, encarnados e desencarnados.
  - 9 O médium deve esforçar-se para ser exemplo em casa, na rua, na escola ou no trabalho. O espírita é cobrado porque sabe mais e deve viver o dia-a-dia em benefício próprio e dos semelhantes. E preciso exemplificar o Evangelho nas vinte e quatro horas.
  - 10 Combata o ciúme, o rancor, a inveja, a indiferença ou qualquer sentimento negativo em relação aos demais companheiros. Eles desarmonizam a equipe e nenhuma organização da Espiritualidade Superior encontrará aí o "feixe de varas" mencionado por Kardec para realizar os trabalhos com segurança. Se ainda não é possível nos amarmos, incondicionalmente, ao menos respeitemo-nos, aceitando as limitações próprias da atual situação evolutiva em que todos nos encontramos.
- Médium, telefone que deve estar sempre disponível para que a chamada se complete. Deus vem tendo dificuldade para falar com seus filhos através desses emissários. E preciso paz, vigilância e harmonia na colmeia dos mensageiros do além.

## 6) Sofrimento

"A sociedade tolera com mais facilidade um buraco no caráter de um homem do que um furo em sua roupa." Provérbio inglês.

As palestras espíritas enfatizam a importância da dificuldade como recurso de progresso espiritual. A dor, definida como o combustível que move a humanidade, tem lugar garantido nas explicações evangélicas.

Entendida como punição ela é contestada, porque não haveria lógica Deus permitir o sofrimento dos filhos. Logo, sofrer não seria necessário porque o inerente à vida deveria ser a felicidade. Certa vez nos disse uma amiga, que seu marido, leitor contumaz de livros espíritas, embora de nada participe, discorda de que para crescer é preciso sofrer. Respondemos que também pensamos assim, realmente não é.

O sofrimento não é causa, é efeito; Ele não faz parte dos esquemas reencarnatórios. O que é programado são as limitações, que servem de amáveis freios e funcionam como testes ou provas a serem vencidas. Se isso será dolorido ou não, é da alçada de cada um.

Se bem percebermos, a dor é resultado da nossa própria incompetência com os exageros no prazer. Quando agradamos o corpo desgostamos a alma. Não se pode estar bem com dois senhores, ensinou Jesus. A indigestão vem depois do agradável excesso à mesa; o remorso vem depois da desonestidade para conseguir vantagem; o desconforto começa após a noitada de orgia; a dor do parto segue-se ao prazer do sexo. Felizmente tudo é temporário e novas oportunidades sempre chegam. Depois da tempestade vem a bonança. O uso indevido da bonança, porém, é o que tem procriado novas e mais terríveis tempestades.

Sofrer é decisão de cada um. Sofrimento é a infração às leis naturais, como o ódio é a disritmia do amor. Um é o veneno, o outro o remédio, e o homem a fábrica produtora de ambos, conforme estabeleça em suas programações. Acontece que usamos sementes de má qualidade e depois reclamamos da colheita. Quando o plantio é de ventos...

Compreender esse mecanismo não é difícil, mas aplicá-lo tem sido complicado. Por mais que haja esforço de renovação, há obstáculos quase intransponíveis. Os valores materiais ditam regras e a subjetividade espiritual ainda não é compreendida. Não há como pretender que apenas por sermos participantes do Espiritismo consigamos vencer com facilidade as fraquezas humanas. Entretanto, as atenuantes da imperfeição não dão ao homem o direito à acomodação, desistindo da luta contra as más tendências.

Temos profundas falhas morais camufladas e íntimas, mas também pequenos defeitos que não deveriam ser comuns no espírita. Promessas que não cumprimos; faltas a compromissos que assumimos livremente; desculpas inconvincentes; atitudes mal educadas, impaciência, desequilíbrio. Quando agimos mal sob a desculpa que a santificação não é atributo humano, ficamos inativos e não damos um só passo para remover manchas de caráter. Isso é o que acarreta sofrimento.

Queixamo-nos da obsessão e, no entanto, o que nos causa os maiores problemas é a autoperturbação. "Conhece-se o espírita pela sua transformação", diz O Livro dos Espíritos. "Vê como vives", ensina André Luiz, "és talvez o único Evangelho que o teu irmão tem pra ler."

A conduta dispensa o discurso e o esforço vale mais do que a conquista. Quem tem facilidades na Terra poderá, mesmo sendo um vencedor na sociedade dos homens, não ter igual prestígio entre os espíritos. Mas, alguém que luta e fracassa segundo a sociedade, pode ser um milionário, em razão do tesouro espiritual conquistado na resignação e na perseverança. E por isso que para uns o sucesso vem com facilidade enquanto outros, por mais que se esforcem, nada conseguem. A luta é responsabilidade nossa, o resultado decisão divina.

Sem desprezar o mundo material e suas benesses, não devemos esquecer que os valores da terra, segundo Hubert Rohden, serão retidos como contrabando quando formos atravessar as fronteiras entre os dois planos.

Correio Fraternal do ABC julho 1995

## 7) *Dormir e sonhar*

"Dormir durante a reunião é malbaratar o tempo"

Não há orador que não tenha vivido o dissabor de ver pessoas dormirem, ou mesmo bocejarem, enquanto ele tenta expressar suas ideias. Se não tiver relativa prática e autocontrole, se perderá e terá dúvida se o assunto está sendo bem explicado e se é matéria que efetivamente interessa aos ouvintes.

Confessamos que quando aconteceu conosco ficamos desconcertados e, por vezes, tentamos variar a forma de expor, e mesmo o tema, para despertar atenção. Com o passar do tempo e alguma vivência na exposição do Evangelho e da Doutrina Espírita, tudo ficou mais natural. Além disso, assistimos palestras de Divaldo Franco e Raul Teixeira e vimos pessoas dormirem, a despeito da extraordinária oratória desses irmãos. Isto suavizou nossas preocupações. Se nessas palestras algumas pessoas dormem, normal que as nossas se transformem em sessões de sonoterapia.

Mas, propomos uma verificação que nos permita entender por que as pessoas dormem nessas ocasiões? Analisemos:

- 1 Dormem porque estão cansadas, vieram diretamente do trabalho profissional, e o dia está quente;
- 2 Dormem porque a voz do expositor é sem inflexão, monótona, e o assunto está sendo mal exposto;
- 3 Dormem porque estão envolvidas por espíritos inferiores que tratam de interferir em sua mente, para que elas nada aprendam;
- 4 Dormem porque não tem interesse pelo que está sendo divulgado, já que o assunto não diz respeito aos seus problemas imediatos;
- 5 Dormem porque, embora tenham conseguido chegar ao Centro, não estão em condições de entender as mensagens.

Relacionados alguns prováveis motivos, vejamos:

1A - Plenamente justificável o cansaço e o calor, que favorecem a sonolência. Entretanto, diante da TV dominamos o sono. Quando queremos, superamos as dificuldades;

2A - A voz do expositor é monótona. Se tivermos o cuidado de valorizar as palavras mais do que a voz ou a figura do orador, descobriremos orientações interessantes;

3A - Um espírito inferior envolve a criatura o que a impede de aproveitar as lições. Se esporádico, não há motivo para preocupação, porque nossas companhias habituais não são mesmo do melhor nível espiritual. Mas se for constante, é necessário um tratamento para interromper possível processo obsessivo;

4A - Se o assunto não desperta interesse é porque nós não estamos interessados. Nada é tão desinteressante que não ensine algo. A técnica de prestar atenção transforma conversas aparentemente comuns em proveitosas lições;

5A - Aqui está, nos parece, a chave do problema. A maioria dos que dormem é porque ainda não têm condições para compreender as verdades que ali são ditas. São misseiros. Acreditam que por estar no templo durante alguns minutos, ficam quites com o dever religioso. A estes basta o mandamento da igreja que os obriga a visita-la uma vez por semana. Lamentável que até renomados espíritas, convidados a participar na composição das mesas, por vezes dormem durante as exposições, de frente para o público, oferecendo triste e comprometedor espetáculo.

A despeito do absurdo, há quem defenda que mesmo dormindo o espírito aproveita a lição. Não é preciso acordar o paciente porque a transfusão de conhecimento está sendo realizada. Valorizam o "sleeplearning" que cochicha ao pé do ouvido, através de parafernália eletrônica, para que o cérebro grave, sem qualquer esforço, línguas ou outros assuntos. Há os que garantem, que basta dormir com o livro sobre a testa. Graças a Deus que não é verdade, porque nada do que se consegue sem esforço vale a pena; não condiz com as finalidades de uma reencarnação.

Dormir durante a palestra, além de tudo o que foi argumentado, é falta de educação e desrespeito para com quem fala. Acreditamos, portanto, que além dos fatores físicos e espirituais, dorme durante os trabalhos quem não alcança a

importância daquele momento em sua vida. O sono não é causa, é consequência. Por mais brilhante seja o orador, sempre haverá os que estão ali, sem saber porque ali estão. São as imprevidentes virgens da parábola que descuidaram à chegada dos noivos. Por enquanto, não justificam as preocupações. Se nem Jesus consegue acordá-las, deixemos que durmam enquanto não chega o tempo delas. Enquanto isso, ocupemo-nos com os que estão despertos e sigamos em frente.

Jornal Espírita março de 1995

## **8) Encíclicas do Cristo**

"Sua ação no bem, dispensa o discurso."

Jesus não traz discursivas nem fórmulas mágicas para orientar a humanidade. Suas mostras são receitas de aprimoramento espiritual, que não incluem o princípio do "faça o que eu mando e não faça o que eu faço". Tem atitudes exatamente conformes com as pregações. Se dermos às suas orientações a forma das encíclicas, teremos laudas de uma só linha, porque Sua capacidade de síntese, própria dos enviados, não encontrou ainda similar.

Desembarca no planeta pela manjedoura, sem as pompas do templo, da sinagoga ou da catedral. Jovem, sustenta-se do trabalho, não da esmola. A sandália, a túnica e o manto surrados, sem o luxo dos paramentos, são Seu uniforme de Mestre. A mesa, junto aos seguidores, não usa o cálice de ouro. Não cobra pelos milagres; ora de graça e de graça ensina a orar. Recomenda o pagamento dos tributos, não pleiteia privilégios e prega nas ruas onde a poeira é o tapete, o monte é o púlpito e o coração do homem o altar.

Não o vemos recomendar invasões das terras nem censurar Roma pelos atos despóticos. Não faz demagogia com direitos humanos, mas recomenda que todos se amem. Refuta a hipocrisia do fariseu, mas perdoa a pecadora. Censura em Pedro a pequena fé, enquanto é bondoso com o equivocado Judas. Convida o publicano para ser Seu discípulo, mas dispensa o parálítico com a recomendação que não volte a pecar.

O Mestre dos mestres, pleno de misericórdia, conhece as almas e não exige delas além do que podem. Ensina que riqueza e pobreza são necessidades humanas e que os homens precisarão das dores ainda por muito tempo. Propõe que nos eduquemos para a saúde e para a doença, indiferentemente, porque ambas elevam ou destroem.

Ao ensinar sobre a "indulgência" recomenda que perdoemos setenta vezes sete e diz que não é o sadio o que precisa do médico. Não faz represálias negando-se a visitar povos onde existe o preconceito racial. Mostra, quando vai à Fenícia e sem censurar os senhores consola os escravos diante das cenas dantescas de Tiro e

Sidon. Nas agressões, inclusive na cruz, não pergunta "por que eu, o Messias". Entrega-se ao Pai e perdoa os algozes.

Fala da fome sem intimar a sociedade a repartir porque sabe que ela não tem disposição nem entendimento para tal. Toma meia dúzia de pães e alguns peixes e multiplica-os. Produz o alimento, Ele próprio, sem transferir a tarefa. Por isso raramente o vemos no templo, mas sempre em íntimo contato com a cidade baixa, junto aos miseráveis de Jerusalém. Não instiga, nem faz política para defender os pobres. Estes sempre existirão, ensina em casa de Lázaro quando Judas censura o desperdício com o óleo da unção.

Na análise entre "Pater i filii", exalta a coragem do menino pródigo que saiu em busca da experiência. Não o excomunga. Respeita-o e abre-lhe Seu coração, como faz com todos nós, filhos desgarrados, quando reencontramos o caminho.

No "Evangelius Vitae", enaltece o óbolo da viúva e não pede dízimos nem depósitos para os cofres da fé. A essência de sua "encíclica" é o sermão dito em canal aberto e direto, do Céu para a Terra, quando encoraja o pobre de espírito, prometendo-lhe o Reino, oferece ao de coração puro a visão de Deus, presenteia com a compaixão o misericordioso e exorta a que todos sejam luz e sal para melhorar o mundo.

No delicado assunto "Mater" desmistifica o mito da parentela e ensina que a família é resultado dos que se unem no amor. Concita-nos a espiritualizar o lar humano, ao qual nos escravizamos e agredimos irracionalmente. Crucificado, entrega à divina genitora o jovem João para ser adotado. Em pleno calvário, realiza o parto de luz quando entrelaça "mãe e filho", compensando-os pela dor que ali sentiam.

"Encíclicas" do Cristo! Não se desesperam com a pobreza humana, mas preocupam-se com a miséria do espírito. Não apenas alimentam, dão vida, porque protegem o homem que à medida que salda débitos compromete-se em dobro. E um sábio que ainda não compreende o amor. Nestes tempos de mar revolto, nenhuma outra encíclica, além das do Cristo, pode nos manter de pé. Quem desejar encontra-las é só folhear o Evangelho. E uma vez conhecendo-as, basta vive-las para que produzam resultados.

Correio Fraternal do ABC Junho de 1995

## 9) *Uma homenagem, E depois.,,*

"Dispense a provisória honraria dos homens em troca da glória eterna de Deus. "

Foi aprovado pela Câmara da Cidade de São Paulo, projeto que cria um dia para lembrar Allan Kardec. A partir de agora, por decreto municipal, 18 de abril é a data das comemorações e homenagens ao Codificador do Espiritismo.

Não podemos esconder a alegria quando vemos reconhecido o valor do prezado irmão que trouxe libertação à humanidade, através dos Espíritos Superiores. Aos poucos, o homem vai se dando conta do que representam O Livro dos Espíritos e seus filhotes, pois somente a reencarnação explica as diferenças entre as nações e as criaturas. O Espiritismo clareia a lei de ação e reação e livra o homem de preconceitos e revoltas. Ele aprende que é herdeiro de si mesmo, de seu passado. Sofre hoje porque ontem fez sofrer. É doente porque desprezou a saúde. Conhece a miséria porque foi o rico insensível.

Nada que pudéssemos exaltar em Allan Kardec serviria para qualificar quem foi esse missionário. Está acima das definições comuns e das bajulações do homem interesseiro.

Importante, por outro lado, registrar nossa preocupação como espírita, quanto a problemas que poderão advir dessa meritória honraria. Afinal, nossa doutrina vem se constituindo em apreciável filão, o que é sempre cobiçado pela atenta classe política. No passado houve deputada com vários mandatos conquistados junto aos leprosos. Atualmente, são os evangélicos que formam nas casas legislativas, de todos os níveis, bancadas respeitáveis.

Não nos vem à mente que o Espiritismo esteja ali representado. E nem é para estar. Seguimos Jesus, que não se uniu a Cesar com a desculpa de servir, e do Codificador que sofreu injúrias, por ser independente. Os espíritas não podem fazer política, nem ser politiquinhos, usando como braço o Consolador, porque nem servirão a Deus nem a Mamom.

Gostaríamos de estar enganados e não ter de ouvir notícias que comícios e campanhas, para eleger adeptos da nossa Doutrina, estariam sendo realizados nos salões dos Centros e das Federativas e nem que os partidos completem as suas siglas com um grande E, que venha a significar Espírita ou Espiritismo.

O risco sabemos que existe. Mesmo que não ostensivamente, receberemos em nossas casas, por malas diretas com endereços cedidos pelo movimento espírita, os pedidos de votos com o lembrete da criação do dia de Allan Kardec. Que não nos deixemos confundir nem sensibilizar. De nossa parte agradecemos, e queremos crer que o agradecimento é também de todos os espíritas, pela atenção que dispensaram ao nosso orientador e médium da Espiritualidade Maior. Onde esteja, que nosso irmão não se sinta desconfortável com a desnecessária oferenda, mas que compreenda os homens que ainda dependem dela para o estímulo de seus frágeis sentimentos.

Deus o abençoe, Amigo Kardec!

A Voz do Espírito maio/junho de 1995

## *10) Delegar funções*

"Mede-se a capacidade do dirigente pela eficiência dos colaboradores. "

Em nossa chegada ao Espiritismo, participávamos de Centro no sistema de médiuns em volta da mesa. O dirigente da sessão, tinha um assistente, sem função especial, pronto para substituí-lo nas emergências.

Depois de alguma intimidade com os da Casa, sugerimos que o encarregado permitisse ao auxiliar dirigir os trabalhos para verificar suas condições.

Discordou de pronto, porque a sessão era responsabilidade sua e não abriria mão da direção. Caso ele faltasse, completou, o substituto estava absolutamente capacitado para o serviço.

Menos de um mês e o previsto aconteceu. O dirigente não veio e o assistente entrou em pânico. Dava pena vê-lo tremer diante do público e nem conseguia recitar o Pai Nosso. Apesar de nosso pouco conhecimento, saímos em seu socorro.

Acontecimentos semelhantes são comuns nas casas onde os responsáveis ficam donos do Centro. Até mesmo os "subchefes", que controlam os passes, a entrevista ou a escola, assimilam a ideia e não permitem que se lhes roubem os postos. Estamos de acordo quanto à necessidade da chefia, o que é disciplina. Mas julgar que ninguém mais possa executar o trabalho é ignorância e pretensão.

As casas se queixam da dificuldade para conseguir trabalhadores. Mas, se bem observarmos, grande parte da culpa é de quem dirige. As tarefas devem ser delegadas porque o bom chefe, como acontece nas empresas, não é o que faz o serviço, mas o que ensina, orienta e supervisiona. É importante que haja rodízio de trabalhadores, a fim de que ninguém viciado nas funções que acaba executando mecanicamente, sem raciocinar sobre alternativas que possam aprimorar o trabalho. Com isso o colaborador cresce e pode servir em várias funções.

Senhor diretor de Centro Espírita, cuidado ! Trabalhe de maneira que se você desencarnar o Centro não morra também. O Centro não foi criado para servi-lo, mas para lhe dar a oportunidade de servir. Pode delegar, ensinar, que nunca faltará serviço para quem deseja trabalhar e ninguém perderá a importância. A

não ser aquela que nunca teve, própria dos que não se conhecem e vivem se iludindo.

O Clarim abril de 1995

## *11) Sutilezas do além influenciando o pensamento*

"A observação cuidadosa dos encarnados nos dá uma visão real do mundo dos espíritos."

Duas forças extraordinárias habitam a terra dos homens sem corpo. Poderosas comunidades, travam entre si incessante luta, quando utilizam todos os recursos para vencer a batalha. Falamos de trevas e luz. Enquanto o prazer da primeira é espalhar a discórdia entre encarnados ou desencarnados, a outra tenta harmonizar os seres. Entre ambas, encontramos o homem carnal, conflitado entre aspirações materiais e espirituais.

Exigentes, no que concerne aos amigos que irão privar de nossa intimidade, investigamos suas posses, postos que ocupam e sua expressão no seio da sociedade. Mas pelo descuido mental, permitimos que entrem na nossa vida os desencarnados que são o oposto do que selecionamos entre os "vivos". Assim, a espiritualidade das trevas age à vontade, porque escancaramos a porta mental. Aliás, orar e vigiar não fazem parte de nossas preocupações primeiras.

Uma queixa só. Reclamamos que o governo, a sociedade e a família nos pressionam em nossos direitos. Invadem nossa intimidade e tiram o que nos pertence. Curioso é que deixamos a mercê de qualquer um nossa única e verdadeira propriedade: o pensamento. E conveniente lembrar que a espiritualidade apenas amplia nossas intenções, desejos e inclinações. Daí a importância de renovar tendências e eliminar defeitos.

Essa luta impedirá que cheguemos às sarjetas ou aos manicômios. Os grandes processos obsessivos têm como semente a pequena insatisfação.

O título deste comentário-Sutilezas do além-, deve-se às nuances que escapam à observação. Enquanto as forças do bem se apressam na melhora do mundo, as negativas usam todo o tempo para golpear no momento certo. Não nos iludamos que os espíritas estejam imunes por conhecer o procedimento dos obsessores. Informados que este é o mundo das provas e dos resgates, chegamos a nos resignar aceitando as crises, os inimigos, as doenças e os desentendimentos familiares, como recurso evolutivo. Nesse caso, trabalhamos pelo bem sem que as dificuldades nos desencoragem. E nessa hora que o inimigo muda de tática.

Por não conseguir nos desanimar pela dor, invertem e cuidam para que não tenhamos problemas. Sem problemas ninguém luta. Eles nos conhecem e sabem que temos tendência à acomodação, que o amor ao próximo não se automatizou ainda em nós e nem praticamos a caridade na intensidade ideal. Não lutamos porque não sofremos e acreditamos que, por mérito, Deus, finalmente, nos oferece um pouco de paz. Por um tempo, é mar de rosas...

Afastados das tarefas, materializamos o velho ditado: "se melhorar estraga." Nada de centro, porque os problemas acabaram, graças a Deus, e temos de dar atenção aos familiares, os próximos mais próximos. O retrato exhibe um corpo feliz com alma em letargia. Não se pensa, nem se busca solução para as dificuldades. Não há dificuldades. Completou-se a fase dois do plano e o encarnado voltou à estaca zero. Cultua o corpo enquanto a alma dorme, enferrujando...

O momento fica crítico e entra em cena a misericórdia de plantão. As dores recomeçam pela ação da natureza. Corremos novamente ao centro espírita, onde os irmãos não negarão socorro, já que em ocasiões semelhantes nos atenderam carinhosamente. E começa tudo de novo.

Decepcionados, mas livres das ilusões que cegam os ideais, voltam as reclamações. Deus nos abandonou e, afinal, como participantes da Seara merecíamos alguma consideração. Só que neste novo turno os males demoram um pouco mais, para serem debelados, porque se desaparecerem depressa também nós desapareceremos. Mas, inconformados com a lentidão da melhora, mudamos de centro. E de centro em centro, de igreja em igreja, de seita em seita, procuramos soluções para o problema e não percebemos que somos o problema.

No Livro dos Médiuns, Kardec descreve a atividade das trevas com uma clareza que não conseguimos. Fiquemos atentos. Se a vida estiver boa demais, sem aborrecimento de qualquer natureza, cuidado ! Pode ser sinal de obsessão rondando e querendo se instalar. A Terra, mundo das dificuldades, não abriga privilegiados. A dor é o sinal comum porque sua presença modela o espírito, enquanto sua ausência amputa a coragem.

A única saída para a felicidade do homem está na máxima kardequiana, viver a caridade. Iniciemo-la em nós mesmos, valorizando a bênção da vida e a

oportunidade de crescimento espiritual. Nenhum minuto pode ser desperdiçado. É hora de muito trabalho, para auxiliar no bem comum.

As forças do mal, ardilosas e sutis, têm o tempo da eternidade. Temos de desapontá-las e impedir seu sucesso. Afinal, não se entra numa guerra combatendo dos dois lados. Ou ficamos com as trevas ou defendemos a luz.

A opção é livre.

A Voz do Espírito Janeiro/fevereiro de 1995

## *12) Espíritas de fachada*

"Os núcleos espíritas, um aglomerado de estranhos, estão enfraquecidos, não apenas administrativa, mas espiritualmente. "

Como teste para qualquer trabalhador, verifique se sabe o nome das pessoas com quem convive. Se desejar maior comprovação, identifique cada irmão de fé, suas condições de vida, profissão, problemas íntimos, enfermidades, traumas, desajustes... Aplicados seguidores do Mestre, esquecemos que foi Ele quem afirmou que os discípulos seriam reconhecidos pelo muito que se amassem. Do verbo amar, não amassar.

Poucos são os grupos onde os dirigentes têm o cuidado de informar os problemas de cada um. Pedir a prece para o que está em cirurgia, a inclusão de nomes nos Evangelhos particulares, o telefonema e a visita ao enfermo e ao ausente sem notícias, etc. Ensinar a fraternidade e informar que, igualmente necessitados, os colaboradores podem e devem buscar socorro no próprio agrupamento.

As casas vêm sendo minadas e a caridade é de fachada. Recebem pessoas, oferecem palavras decoradas, acompanhadas de algum bem, tudo conforme a padronização das instituições. Nada mais. Coração não toca coração!

Analisem esta experiência: Segunda à noite, companheiro se dirige ao centro para os serviços de passes e, vitimado por intoxicação, não consegue trabalhar. Ao saírem da sala, preocupados, os amigos o encontram em repouso contra o mal estar. No dia seguinte deveria expor uma aula em outro grupo e teve de providenciar substituição.

O que causou surpresa é que não houve um só "irmão" que se preocupasse em saber da saúde dele. Nem da nossa gente nem da casa onde ele faz palestras habitualmente.

Não defendemos que devamos ser amados, mesmo porque o amor no atual estágio não é algo que envaideça. Lamentamos pelas pessoas que não se servem das oportunidades para usar de cortesia e atenção. O desinteresse é o comum, embora não deveria sê-lo num centro espírita, onde a palavra amor é pronunciada cheia de "erres", inflacionadamente. Estamos perdendo valiosos referenciais de

vida e não se diga que isto é piegas ou romântico e não cabe nos tempos modernos. É, na verdade, a chave do entendimento que há muito procuramos.

Isto tem de mudar. Enquanto os conviventes de um núcleo forem frios, não se quiserem bem, não resistirem a melindres e ciúmes, teremos casas em corrosão, mais a serviço obsessivo do que do Evangelho. Sem o coração purificado não formamos unidade com o Plano Maior.

Os assistidos vêm e vão, sem convicção, enquanto que os participantes permanecem. São trabalhadores em hora extra na liquidação das contas e formam a espinha dorsal do movimento. Cuidemo-nos contra o assédio dos espíritos inferiores porque eles nos atacam nos valores materiais, com a ideia de nos desequilibrar.

As direções têm grande responsabilidade no enfraquecimento da casa espiritual. A competição pelo destaque é algo corriqueiro. Caciques deserdados em busca de tribo, não mostramos tendência para uma doação anónima. Não aprendemos a humildade e ainda precisamos da evidência, obstáculos que impossibilitam a afinidade com a modéstia e o desprendimento dos bons espíritos.

Em nossas frases prontas, divulgamos que o Espiritismo é a universidade das religiões; o mais alto estágio, por enquanto. Os espíritas, porém, não sintonizamos com ele e precisamos voltar ao jardim da infância para reciclagem, recordar e reaprender hábitos a fim de sermos orientados sobre a amizade, o respeito e o auxílio-mútuo, em baixa nestes tempos macroeconômicos. Isto fortalece e une os seres para que se sintam com vocação para irmãos.

Ao lado do lar, o centro espírita é local perfeito para essa preparação. Para que vivamos um Espiritismo saudável e atuante, temos primeiramente de ter centros fortalecidos no seu interior, tarefa básica de cada responsável. Depois que os companheiros de uma casa deixarem de ser estranhos entre si, e formarem uma família cristã, será hora de cogitar da união com todos os agrupamentos que participam do mesmo ideal.

A Voz do Espírito maio/junho 1994

### ***13) Filho adotado, troféu de amor***

"Se já existíamos antes de nascer, somos todos adotados... "

Em noite de estudo doutrinário, comentávamos página do livro OTIMISMO, de Joana de Angelis pelo médium Divaldo Pereira Franco, e passamos a meditar sobre o assunto.

A lição "Filhos Alheios" analisa o comportamento sempre difícil dos adotados e aconselha coragem àqueles que decidiram levar para suas casas os filhos de outras mães, dar-lhes o lar que não tiveram e transformá-los em homens de bem. Um gesto de amor, sem dúvida.

Ao estudar um pouco mais e meditar sobre o que leva as pessoas a adotar crianças, confessamos que tivemos dúvidas se o gesto é de puro amor ou se inclui alguma parcela de egoísmo.

Fomos levados a pensar no delicado problema porque as adoções partem quase sempre de casais sem filhos; adotam porque sem eles a família não está completa e eles próprios não podem procriar. Outros adotam porque os filhos se casam e esvazia-se a casa. Trazem crianças para preencher o lar e como forma de se ocuparem para administrar a velhice. Diríamos que são os avós adotantes. Com exclusão destes casos, há também os que adotam por inquestionável vocação de amor.

Mas não há como ignorar que há um tabu envolvendo a adoção. Mulheres que simulam a gravidez, viajam para ter o filho longe e só voltam depois de tudo resolvido. Supõem que os amigos acreditarão que o filho nasceu de parto próprio. Para completar a desnecessária farsa, a nova mãe encomenda o tipo que seja compatível com ela e com o pai, como quem escolhe um animal de raça. Por que esse complexo?

Esses lares podem fracassar, porque há despreparo do casal. Ao supor que a criança traz traumas inconscientes por ter sido abandonada, os pais serão condescendentes, o que fará com que o filho mimado se aproveite e explore a sua pouca competência. Isso ocorre porque a maioria desconhece que somos todos adotados, espíritos que retornamos aos corpos para novas experiências, e só herdamos dos pais o físico. Ninguém puxa por ninguém, mas por si mesmo, pelo

seu passado. Não se preocupem se a criança é filha de um malfeitor ou de um medíocre. Como uma individualidade, carrega sua própria bagagem espiritual.

O conhecimento faria com que as adoções fossem naturais e a mulher jamais se sentisse um ser pela metade, complexada, por não procriar nesta encarnação. Saberá que a esterilidade, sua ou do parceiro, obedece às leis de causa e efeito e exibiria o novo hóspede como um troféu de amor.

As saber que ali está um espírito em oportunidade de aprendizado, trataria de educá-lo corretamente. Assim não reclamaria que recebeu ingratidão daquele a quem ofereceu uma oportunidade. Afinal, não são apenas os adotados que têm se mostrado crianças-problemas; os "legítimos" não vêm sendo diferentes. O que falta, na verdade, é competência aos pais para a educação dos filhos, verdadeiros ou adotados.

Na questão 799 de O Livro dos Espíritos, Kardec perguntou como o Espiritismo contribuiria para o progresso? A resposta foi "Anulando o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz com que os homens realmente saibam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Não mais estando a vida futura velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é possível compreender o futuro. Destruindo os preconceitos da seita, da casta, da cor, o Espiritismo ensina aos homens a prática efetiva da solidariedade, levando-os a se unirem como irmãos."

Já puderam perceber que desejamos encorajar os pais para que não desanimem na luta para aprimoramento do caráter de seu filho adotivo, nem se preocupem em poupá-lo, imaginando possíveis traumas. De outro lado, também não devem se preocupar com os comentários sobre o seu rigor, quando as más línguas dizem que mais parecem padrastos do que pais; nos negócios da educação não se concedem abatimentos...

Registre-se nossa admiração pelos que adotam pessoas - crianças ou velhos - independentemente dos motivos. Desejamos que a missão seja plena de êxito e que possam colher as alegrias dessa generosa atitude. E se tropeços surgirem durante a caminhada, socorram-se da Doutrina Espírita, que é, definitivamente, esclarecedora.

Correio Fraternal do ABC fevereiro de 1994

## *14) Quanto custa uma pizza ?*

"Mais do que a assinatura anual de um jornal ou revista espírita."

Mas qual seria a razão desta pergunta?

O motivo é demonstrar que o espírita ainda não percebeu a importância dos órgãos de divulgação doutrinária e nem os benefícios que trazem, o que devemos a alguns idealistas que insistem em editar jornais e revistas. Fazem um trabalho que, no dizer do mentor Emmanuel, é a maior caridade que o Espiritismo espera dos homens. O público já deveria ter percebido o grande proveito que tira das notícias de um modesto jornal espírita que lhe chega às mãos, por vezes ocasionalmente, embora a princípio pareça que nada oferece de novo.

Ao assinarmos um jornal que trata do Espiritismo, ao invés de recebermos apenas nós, no centro, as informações da espiritualidade, a matéria chegará à nossa casa, ao nosso pai, nosso filho, nosso companheiro, que não participam dos mesmos pontos de vista. O jornal espírita se destina também a quem não é espírita, porque nós já temos o princípio da verdade e rompemos a inércia da fé. Todos concordam que, depois de entrar pela porta de uma casa e ali receber as bênçãos da calma, do equilíbrio, da cura, da informação, desejariam que os familiares também encontrassem esse caminho, especialmente o marido alcoólatra e o filho problema. Habitualmente, insistimos para que eles frequentem o centro, argumentando que se sentirão bem, mas não percebemos que mostramos desconhecimento do que ensina o próprio Evangelho.

"Ninguém é profeta em sua terra", ensinava Jesus porque "santo de casa não faz milagres".

O modesto jornal ou a singela revista, poderão ser o seu mensageiro e dirá com mais propriedade e clareza aquilo que o seu parente e o seu amigo não levam muito em conta quando quem fala é você.

Como o Espiritismo é a doutrina da caridade, os conceitos que envolvem a gratuidade dos trabalhos fazem com que a maioria não perceba que os jornais não são efetivamente vendidos. Além do que é arrecadado com assinaturas e eventuais anúncios, valores modestos, é necessária uma complementação da parte

dos responsáveis, além de doações feitas pelos poucos que compreendem a importância do serviço. A tarefa não visa lucro!

Gostaríamos de fazer uma proposta: Troque sua pizza deste fim de semana pela assinatura de um jornal ou revista que fale do Espiritismo e saboreie durante doze meses as suas informações, fazendo-o circular entre os da família e oferecendo a alguém que você perceba estar perdido em si mesmo.

Uma sugestão final, aparentemente desnecessária, que não é leia o jornal. Não assine apenas por caridade, acreditando que com a ajuda financeira, já fez a sua parte. O jornal deseja ajudá-lo, instruí-lo e gostaria mesmo de receber sugestões, críticas, contestações ou pedidos de esclarecimento, a fim de dinamizar este importante segmento da imprensa brasileira.

Acostume-se a participar. Para ter o direito de criticar os homens, os governos, os bandidos, é dever apresentar sugestões. Uma ideia, que por vezes parece simples pode trazer soluções ou, pelo menos, ser a primeira luz que clareie uma questão a ser melhor desenvolvida.

Finalizando, queremos dialogar com a criatura básica da estrutura do Centro Espírita, - o dirigente -sugerindo sua maior participação na divulgação da nossa imprensa: Leia os jornais que, habitualmente, chegam gratuitamente no seu centro; comente publicamente as matérias interessantes; assine pelo menos um, para dar exemplo; divulgue campanhas de assinaturas e não tenha medo que o frequentador fique sabido demais e você perca a importância; seu trabalho não lhe pertence, é de Jesus, e Ele tem por hábito agradecer por toda colaboração sincera que oferecemos aos irmãos menores. A mil por um, foi a promessa...

Jornal Auta de Souza dezembro de 1993

## ***15) Advertências***

"Vivemos o misticismo do terceiro milênio. Vigilância é a ordem. Aproxima-se finalmente o tempo da esperança. O ano 2001 anunciará nova era para a humanidade. "

Como ocorre em momentos como este, em breve aparecerão os "comerciantes da fé" e os milagreiros, com patuás, santinhos, energizadores e outras invenções. Falarão difícil, se vestirão de forma exótica e habitarão lugares que parecerão templos extra-humanos.

E preciso ficar atento, porque mesmo entre os espíritas, já se percebem ovelhas desgarrando. São os que abandonam a mediunidade gratuita, deixam de ser kardecistas para serem terapeutas, espiritualistas ou parapsicólogos. Infelizmente, a despeito de cobrarem consultas caras, a freguesia que se deixa enganar é grande.

O terceiro milênio não será coincidente com os calendários humanos. Se as dores, que equivocadamente pensamos ter chegado ao pior, estão somente no começo, fica difícil imaginar que em menos de dez anos possa ocorrer a transformação para o mundo melhor que irá caracterizar o planeta regenerador dos novos tempos. Muitos povos já vieram ao planeta e outras lautas gerações terão de passar até que as mentes se ajustem à fraternidade. Enquanto formos os filhos rebeldes, os pais incompetentes, os alunos indisciplinados e as criaturas viciadas; enquanto o sequestrador continuar vendendo vidas, o traficante enriquecer com a infelicidade dos lares, o jogador se iludir com a sorte; enquanto jovens e políticos picharem propriedades, não tem sentido acreditarmos na beleza de um mundo novo. Em uma década não, é pouco tempo.

O que se percebe, com clareza, é o entardecer das dores e que será preciso longa noite de angústias antes que nova manhã desperte a Terra para a vida nova. Mares e paisagens transformados, novo céu, rios e peixes, árvores e frutos, pássaros cantando. Neste momento, o homem abraçará o irmão e juntos recolherão o caído. Desaparecerão asilos e orfanatos porque nos lares haverá abrigo para todos. Mas a vigília da transformação não durará menos que dois ou três séculos. Queira Deus, sejam suficientes para a compulsória modificação da humanidade.

Nas disputas pelos valores que o mundo oferece, temos sido um híbrido de tolo e sábio. Na prevalência humana, expande-se a mediocridade; nos momentos raros em que amamos, realça a sabedoria. Para nosso mal, o material tem prevalecido.

Desejamos a paz e nessa tentativa procuramos os homens da esperança. Onde estão? Nos governos? Não, não estão nos governos. Nas escolas? Também não estão nas escolas. Nas igrejas? Aí seguramente não estão; elas são mercenárias. Onde encontrar um que não seja egoísta, pretensioso? Falamos da miséria nos banquetes e moramos em palácios onde discursamos sobre, a humildade e a igualdade social. Defendemos a honestidade, mas nos beneficiamos de amigos levianos. Usamos postos que seguramos com unhas e dentes para viver luxuosos. Recebemos honras e adulações por representatividade que não temos. Desejamos nos comunicar com os mortos e ainda nem sabemos falar com os vivos. Queremos saber quem fomos e não sabemos quem somos..

Supomos que a paz virá por contrato entre os povos quando meia dúzia de pessoas se reúnem para decidir a sorte da humanidade. Isso, se muito, é mera pausa na violência e na animalidade. A guerra não se faz de armas, mas de mentes. Na falta do arsenal o homem continuará guerreando com a palavra e com o pensamento. A guerra não é produto da miséria, mas do egoísmo, da ganância.

Aproxima-se o fim do século e espera-se o milagre da paz. Ela virá porque a misericórdia divina nos impulsionará à felicidade. A dor curvará nossa cabeça, até que resvale no chão e, quando levantarmos os olhos, veremos Deus refletido no caleidoscópio de nossas lágrimas. Surgirá, nesse instante, a pureza nos filhos do Criador, feitos à Sua imagem e semelhança. Será a alvorada de luz, quando as feridas cicatrizarão e as doenças terão desaparecido, porque os corpos refletirão a saúde das almas. Mas, por enquanto, cada um necessitará de mais algumas encarnações purificadoras.

O espírita, melhor informado, terá maiores razões para lutar. Se preferir ignorar, desgarrar e desprezar o esforço próprio, verá que os acontecimentos seguem o rumo normal. Os templos de luxo serão inúteis se os corações estiverem insensíveis e embrutecidos. O conhecimento é a alavanca propulsora, mas sem as ações não sairemos do chão.

O carinho de Jesus, quando veio pessoalmente trazer as lições e depois enviando o Consolador, é algo que devemos respeitar e agradecer. E a melhor forma de

fazê-lo é agir de maneira a valorizar o Seu amor. Cada criatura é um quadro esboçado que precisa de retoques. Ironicamente, ela própria é o artista incumbido de terminar a obra.

Cuidado! Até os escolhidos serão enganados, advertiu o Messias. Quem deseja paz tem de construí-la no próprio coração. Não é tarefa para ser delegada. É trabalho individual e intransferível.

A conclusão lógica, portanto, é que não faz diferença vivermos no primeiro, no segundo ou em qualquer milénio, porque Deus é o dono do tempo. O homem pensa que o tempo passa e não se dá conta que ele é quem passa pelo tempo, desperdiçando repetidamente as oportunidades.

O momento de ser feliz é agora, sem a necessidade de esperar por um novo milénio.

Revista Internacional de Espiritismo julho de 1992

## ***16) Chás, shows, bazares e bingos***

"O grama de exemplo fala mais que a tonelada de palavras "

Não há agrupamento de assistência social que não tenha problemas financeiros. A Casa Espírita não é exceção. Fiel aos compromissos, procura, a par dos trabalhos espirituais, realizar um serviço de atendimento social e, dentro do possível, conseguir a sonhada sede própria. Nesse particular é preciso cuidado, caso contrário, ainda que chegue a edificar a estrutura material estará demolindo os alicerces da casa espiritual. Alguns perigos tem nomes.

Chás - Desacreditados, os chás beneficentes são preparados sem cuidados e mesmo quando agradam aos espíritas, que sabem das finalidades do evento, recebem críticas de outras pessoas, já que o convite é para todos. Mal servidas, percebem que os da casa dão tratamento privilegiado aos amigos e parentes. Os que vieram por primeira vez chegam e se vão como estranhos. Ao invés de ganharmos novos adeptos eles são espantados pela frieza dos que formam o agrupamento.

Shows - É comum as casas aceitarem a colaboração de artistas que oferecem trabalho de graça. Mesmo que a apresentação conflite com as propostas do Espiritismo, a desculpa é que o público gosta de irreverência, normal até nos meios de comunicação tradicionais. E se a arrecadação compensa, vale a pena. Triste raciocínio, especialmente em se tratando de Doutrina Espírita.

Bazares - Via de regra, faz parte dos chás um bazar de peças novas - que nem sempre são novas - e que deveria (sic!) ser aberto no horário marcado no convite, com início da reunião para todos. Não é o que acontece. Abrem antes para que os trabalhadores, amigos e organizadores do bazar aproveitem para "comprar", a preços estabelecidos de comum acordo, as melhores peças, que deixarão de ser oferecidas ao público em condições iguais.

Quanto aos visitantes, também vão ali em busca de vantagens e não pelo espírito de caridade. Querem fazer compras a preços vantajosos, senão não compensa. Quando não são espíritas, até poderemos desculpar ...

Bingos - O Espiritismo propõe ao adepto um treinamento de autoanálise para a reforma íntima, aproveitando a encarnação para abolir vícios e defeitos. Logo não

pode promover jogos ou sorteios. Por mais filantropo que seja, ninguém joga sem a intenção de ganhar e, no calor do jogo, perde o equilíbrio. Não contemos com Espíritos Superiores na supervisão dessas tarefas, por mais que tentemos justificar os seus fins. Quando no passado políticos propuseram a abertura dos cassinos para pagamentos da dívida externa, foram rebatidos que se os fins justificassem os meios deveríamos incentivar a prostituição, o álcool, fumo e drogas, cobiçadas fontes de receitas. Os interessados dirão que há jogos e jogos... Não nos convencerão.

Somos operários a serviço do Senhor e não os donos da obra. A casa material é edificada de acordo com os planos da matriz espiritual. Se os Espíritos encontram em nós seriedade e boa vontade, providenciam para que os recursos cheguem sem que nos afadiguemos pelos templos. Deixemos para os outros erigirem catedrais, como registro de vaidades. Ao construirmos na Terra uma filial da casa dos Espíritos, não podemos afastá-la de sua verdadeira finalidade, sob pena de que no plano divino ela não seja respeitada como um Centro Espírita.

O desconhecimento faz com que muitos dirigentes cometam enganos. No Reformador de Janeiro de 1992, há comentário sobre o artigo NO DIA QUE A DÚVIDA SURTIU, de Bezerra de Menezes, por Francisco Cândido Xavier. Registremos pequeno trecho:

“No Centro Espírita, por exemplo, alguns detalhes devem ser levados em consideração.” Segundo aprendemos com os sábios mentores espirituais, para o Centro Espírita se deslocam os espíritos com acentuado desequilíbrio e outros com o propósito de aprender. Outros são levados pelos protetores desencarnados para serem doutrinados e ali permanecem para prosseguir no tratamento de reequilíbrio espiritual ou no aprendizado. Detendo-se aí, observam-nos o procedimento, a conversação e os pensamentos. Dessa forma, o Centro Espírita deve se transformar em verdadeiro santuário de respeito e oração.

Não se pode, pois, permitir em seu seio festas, músicas de fundo não edificante, peças teatrais, aplausos, conversações tumultuadas e não construtivas, discussões violentas, homenagens humanas, "comes e bebes", reuniões sem disciplina, rifas, leilões, comércio, brincadeiras, competições, ataques a outras religiões, enfim, tudo aquilo que não se concebe num hospital, junto a um leito de dor ou num santuário de oração. “É necessário o mais digno procedimento no Centro Espírita,

a fim de que Jesus não tenha de voltar para expulsar-nos dele, como procedeu com os mercadores do templo.”

Diz ainda o amigo espiritual, que os Centros que se desviam para normas e práticas extravagantes ou inapropriadas, serão no Espaço considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes de Espiritismo em horas de lazer.

Não podemos esquecer que os espíritas somos observados por todos. Até mesmo por aqueles que dividem conosco o próprio lar. É preciso vigilância, com o tempero da oração.

Para encerrar, pedimos desculpas aos que não concordam conosco. E as casas dirigidas por companheiros que já compreenderam nossos argumentos, sintam-se excluídas deste comentário. Para elas nossas palavras não têm sentido.

Roguemos a Jesus que nos ampare e nos dê coerência para o discernimento quanto à nossa verdadeira tarefa neste mundo de Deus.

Revista Internacional de Espiritismo setembro de 1992

## *17) A vida é uma só*

"Nossa vida eterna começou há milênios. Não podemos perdê-la, porque é uma só."

Quando as pessoas fazem essa afirmativa - A Vida é uma só, é preciso aproveitar - não imaginam que grande verdade estão dizendo.

A intenção, sabemos, é enfatizar que a vida deve ser vivida em cada minuto, no mundo material. Há que comer bem, passear, crescer socialmente e desfrutar tudo que o mundo oferece. Enfim, como se diz habitualmente, temos de curtir a vida.

Se analisarmos a frase sob a ótica espiritual, constataremos uma outra verdade. A vida é realmente uma só, eterna, que é cumprida em diversas etapas, algumas como encarnados e outras sem o corpo, sem que haja entre elas qualquer interrupção. É o futuro amarrado ao passado. Presos ao que já fomos, tentando nos desvencilhar das algemas da inferioridade para ter alguma alegria.

Estamos na vida eterna desde o nosso nascimento como espíritos simples e sem qualquer conhecimento, quando fomos premiados com o sopro divino e iniciamos nosso processo evolutivo. Já vivemos em mundos primitivos, probatórios e neles ainda continuamos fazendo experiências de crescimento, sempre de conformidade com o nosso atual estado espiritual.

A limitação mental impõe a densidade e determina o mundo onde temos de viver. Por isso temos de nos desprender do mundo material enquanto nele, para viver na espiritualidade divorciados de valores que não terão utilidade. Se enquanto encarnados formos escravos da matéria, seremos dependentes dela mesmo depois de deixar o mundo dos "vivos". Avarentos, gananciosos, sensuais aqui, continuaremos iguais na erraticidade.

A vida é uma só e tem de ser aproveitada. Em cada momento e em cada encarnação - que são minutos espirituais - vamos nos desligando de Mamom e nos aproximando de Deus. Trabalho lento, difícil com quedas e desânimos. Tão duro que vez por outra caímos e abandonamos tudo o que já foi conquistado. Renegamos o esforço feito para subir um degrau e despencamos escada abaixo. Lembramos Paulo, quando dizia que a despeito do muito que sabia, quando

pensava era só no que aborrecia. Afirmava, porém, que suas quedas não eram a sua derrota.

Em determinadas situações, fatos vistos do ponto de vista material parecem desanimadores. Sofrer, adoecer, morrer, coisas abomináveis. Mas Jesus ensinou na prática a razão de tais ocorrências. Após a cura do paralítico, quando um apóstolo perguntou se estava feliz respondeu que não, porque enquanto doente ele orava a Deus. Agora, curado, está na taverna com mulheres e se embriagando. Só o curou, completou o Mestre, para manifestar-se nele a Vontade do Pai.

A doença é na verdade o remédio. As dores são reguladoras da vida e limitam os excessos que habitualmente cometemos. Por vezes, pior ser curado que continuar doente. Será que compreendemos e concordamos com isso?

Aproveitemos as orientações de Paulo, em seu testemunho. Se Jesus ensinou dando demonstração de fé, Paulo nos encoraja e antes de ser o santo Paulo da igreja, que deixou-se imolar resignadamente, lutou contra as más tendências. Ainda Saulo, contou com a ajuda do Cristo que o convidou a segui-Lo após o episódio vivido durante a viagem para Damasco. Nós também somos chamados por Jesus, diariamente. Basta aceitar o convite.

Ávida é uma só, é preciso aproveitar, é uma grande verdade. Entretanto, temos de saber o que é aproveitar a vida. De acordo com as nossas preferências, talvez não nos traga bom proveito. Dia desses deixaremos o mundo e seguiremos para lugares desconhecidos, onde teremos de continuar, enfrentando a razão e a sabedoria das Leis. Poderemos ficar totalmente desajustados se, enquanto na carne, não nos desligarmos dela.

Temos o mundo material ao nosso dispor para as experiências necessárias. Uma vez fora dele, ficamos escravos das próprias realizações, o que poderá, dependendo dos nossos atos, ser motivo para grande sofrimento.

Mas o sábio conselho continua valendo:

**VAMOS APROVEITAR ÁVIDA, PORQUE É UMA SÓ.**

O Clarim abril de 1992.

## *18) Comportamento e participação*

"É quando o homem se cala, que Deus, dentro dele, fala."

Nas Casas Espíritas há habitualmente o aviso O SILÊNCIO É UMA PRECE. Mas por que é importante o silêncio? Analisemos uma reunião.

Generalizou-se que de um lado estão os servidores e do outro os que buscam auxílio. Os primeiros com toda a responsabilidade e os demais sem qualquer compromisso. Um expositor dá aulas de moral e os demais escutam. Generalizou-se que é assim.

Acontece que os trabalhos da espiritualidade mudam conforme as necessidades. Socorrem doentes, atendem desencarnados e encarnados... Onde houver necessidade de ajuda ali estará um enviado do Senhor para suavizar dores. Mas os espíritos precisam também da participação do plano material; da nossa participação, para falar claramente. De acordo com a afinidade, como nos tipos sanguíneos, nem sempre todos podem socorrer todos. A química e a movimentação dos fluidos escapam ao nosso melhor entendimento.

Por problemas pessoais, pode ocorrer que naquele dia não haja passista em condições de atender a certo necessitado, em uma transfusão de emergência. A espiritualidade se utiliza, então, da assistência. Como não há privilégios diante de Deus, todos podemos ajudar. Entre os que foram buscar socorro podem estar, anonimamente, pessoas com conhecimento doutrinário ou de grande bondade, uma aquisição própria do espírito maduro. Mesmo sem conhecer as "técnicas" de auxílio ao próximo, e sem cursos especiais para ser discípulo do Cristo, abrem o coração e dele jorra amor.

Temos de fazer silêncio e prestar atenção. Cada participante da reunião é um colaborador, independente de onde se sente, em que sala esteja ou que cargo ocupe. A ida ao Centro, esperançados e cheios de fé, já nos faz úteis porque levamos espíritos necessitados. Nenhum outro trabalho nos fosse solicitado e nossa presença já teria valido a pena. Além de nós, servimos ao próximo e, o que é curioso, sempre no nosso benefício.

Importante compreender esta interligação nos trabalhos a fim de nos tratarmos com igualdade, sem privilegiar alguns, imaginando que teriam funções mais

importantes. Os dons procedem de Deus e o companheiro ao nosso lado pode estar doando ou recebendo sem a necessidade do passe. Se a tal isonomia - todos são iguais perante a lei - não funciona entre os homens, ela é perfeita na esfera divina.

Ao chegarmos no Centro, trabalhadores ou assistidos, recolhamo-nos à intimidade e vigiemos o pensamento. Evitemos queixas, conversas negativas ou falar das próprias dores e enfermidades, porque nos afastam dos objetivos do dia. Temos de nos unir à equipe espiritual; do contrário, só daremos trabalho.

Por tudo isso, a espiritualidade precisa do silêncio para trabalhar e diz que somos muito barulhentos. Nem conseguimos ouvir a voz de Deus. Procuremos permanecer calados, física e mentalmente, porque é quando o homem se cala, que Deus, dentro dele, fala.

Revista Espírita Allan Kardec março de 1992

## 19) *Que droga!*

"O sofrimento é produto da discórdia que se observa em todos os cantos da Terra."

É raro encontrarmos nos dias atuais uma família ajustada, com amor e respeito entre as pessoas e alguma renúncia em favor daquele que é o mais necessitado. Um pouco de diálogo solucionaria muitos problemas e proporcionaria aos que vivem sob o mesmo teto a oportunidade de se conhecerem melhor. Se fôssemos menos gananciosos, sobraria tempo para investir na formação, educação e evangelização de todos e as dificuldades seriam menores.

Das fraquezas humanas nascem os vícios, mesmo aqueles que sob desculpa praticamos socialmente. Quando compreendermos e aceitarmos, mudaremos a cabeça e não mais fugiremos dos problemas.

A maioria não nos drogamos com a coca ou com a maconha. Tomamos somente alguns tragos e fumamos um pouco, tudo sem compromisso ou dependência. Não causamos prejuízo a ninguém e nem a nós mesmos. Será?

Quando Moisés libertou os judeus do Egito, a comunidade tinha um conforto que definiríamos como privilegiado para um povo escravo; muitos tinham os próprios serviços, não lhes faltavam a casa e a comida, com relativa fartura. O sábio judeu, porém, já sabia que nada temos quando nos falta a liberdade e o domínio sobre nós mesmos. Libertar sua gente para buscar a terra prometida, mesmo que ficasse mais pobre materialmente, era libertá-la da impossibilidade de falar, de expressar ideias e tomar atitudes. Não bastava ter, o importante era ser.

Cada um de nós é um escravo da matéria e não temos autoridade para criticar um drogado. Quando fumamos o inocente cigarro, atacamos o nosso pulmão e o dos que estão à nossa volta, envenenamos o sangue, afetamos os brônquios e o coração. Pior, quando afirmamos não conseguir deixar de fumar, atestamos nossa insignificância espiritual. Se não conseguimos deixar de fumar, de depender do cafezinho, de levantar sempre com o pé direito ou se somos escravos de qualquer superstição, que esperar de nós? Pensamos estar preparados para grandes tarefas mas não conseguimos nos livrar dos problemas menores.

Alguns argumentarão que não desejam deixar o vício. Ao contrário, fumam porque lhes causa prazer. Mas será verdade ? Ninguém, se sente bem com dentes e dedos amarelados, impregnados dos venenos contidos naquele pequeno canudo. Ninguém pode gostar do sarro e do cinzeiro malcheiroso que polui o quarto de dormir. Diz que gosta porque não tem coragem de admitir que é fraco.

Quem não vencer no pouco não se qualifica para o muito. Deixar um vício, um cacoete, hábitos nocivos, é exercício de autodomínio. E a prevalência da alma sobre o corpo, quando se restabelece a ordem das coisas. Enquanto o físico comandar, o espírito será conduzido para onde o levarem. Não terá vontade própria.

É prova de coragem deixar de fumar, de beber, de ser mero reflexo condicionado, para ser uma pessoa. Faça o teste com você mesmo. Depois de conseguir e provar que pode, decida se quer voltar aos velhos vícios e se os exercia realmente por opção e prazer.

No caso de conseguir superá-los, está de parabéns. Mas não fique vaidoso. Seu próximo passo é vencer o egoísmo, o orgulho, a maledicência, o personalismo e outras doenças que tais. Mas não se assuste. Essa tarefa fica para bem mais tarde; é trabalho para quando formos grandes...

O Clarim novembro de 1991

## *20) Tempo de casa não dá sabedoria*

"Trabalhador da última hora não é o que chega na última hora, mas o que permanece no seu posto até a última hora "

Os velhos espíritas se envaidecem por conhecer a doutrina há mais tempo. São admirados pelos recém-chegados que supõem que a antiguidade lhes confira grande competência. Afinal, viveram os tempos difíceis e não estão no Espiritismo pelos modismos da atualidade.

A maioria espera desses mitos uma conduta além do convencional, o que nem sempre se confirma. Os trabalhadores antigos, consideradas as justas exceções, são mais refratários à disciplina e difíceis de serem orientados. Têm pontos de vista cristalizados. Ouvimos entre estes afirmativas como "já dei trinta anos para a doutrina e agora posso descansar; trabalhei muito e há que se dar oportunidade aos novos." Aposentam-se com méritos nos bons serviços prestados à causa.

Por isso, a experiência mostra ser vantajosa a formação de colaboradores, seguindo as etapas normais. Assistir o interessado, orientá-lo para o indispensável equilíbrio e convidá-lo para o estudo. Em seguida, dar-lhe a possibilidade de crescimento através do trabalho. E o roteiro básico. Nas casas onde a direção é firme e atualizada, formam-se tarefeiros sem o ranço do velho espírita.

Os problemas são maiores quando chegam os trabalhadores formados do que quando se moldam no grupo, embora estes tenham menos conhecimento doutrinário.

Estudam, deixam-se orientar e não são melindrosos. Aceitam qualquer trabalho, porque nada os humilha, e com a mesma naturalidade como aplicam o passe para a limpeza psíquica, manejam a vassoura para a higiene do chão. Não querem projeção, apenas servir.

O velho espírita, em particular o médium, não valoriza o estudo e entende que o "dom" que Deus lhe deu dispensa outros conhecimentos. A mediunidade é auto-suficiente.

Há também os velhos espíritas, que nem sempre são espíritas velhos, que menosprezam o trabalho prático do Centro como fonte de aprendizado. Não

crêem que o contato com o assistido, encarnado ou não, possa trazer-lhes algum esclarecimento. São os enviados do Céu para doutrinar a humanidade, porque pensam que o saber já vem de outras vidas e o grupo nada mais lhes pode ensinar. O problema mereceu o capítulo 22 de O Livro dos Médiuns, quando mostrou os que se fascinam e não percebem que são médiuns das sombras. Sua verve não constrói, apenas expressa vaidade, e o Evangelho decorado na mente não desce até as mãos.

Na parábola dos trabalhadores, o homem pagou a todos igualmente e esperou deles o mesmo empenho, embora alguns ali estivessem por pouco tempo. Espírita da última hora não é o que chega na última hora, mas o que permanece, com a mesma dedicação do primeiro dia, até a última hora.

Ao analisar a questão, vem-nos à mente o importante depoimento do Sr. Chalard, do Courier de Paris, em junho de 1857, quando da primeira edição de O Livro dos Espíritos, contido na apresentação deste livro. Em meio a excepcionais afirmações, declarava estar convicto que ali estava página nova no livro do infinito. Inspirado tributo a Kardec . E nós que pensamos oferecer ao livro da eternidade?

O jovem espírita destes dias, que se esforça na restauração da mensagem do Cristo, olha os mais antigos como modelos. Não pode ser desapontado. De outro lado, o velho espírita tem de manter jovem o vigor espiritual e não se acomodar na desculpa do fim de vida, porque ela não tem fim, é eterna. Têm de se fixar na pureza doutrinária, estudar e não perder as oportunidades. Não podem invejar o mais moço que se destaca pelo serviço, mas participar da equipe e contribuir para que sejam alcançados os objetivos.

Neste minuto da história, quando a maioria mesmo religiosa, embora pregue o espírito, vive somente a matéria, conseguir nova encarnação é um problema. A defesa do aborto e o controle da natalidade, confundido com planejamento familiar, são obstáculos às novas oportunidades. Estamos na carne, o Espiritismo ao nosso dispor e não faz sentido morrer para daqui a pouco ter de renascer.

Velhos espíritas e espíritas velhos, juntos aos novos espíritas e espíritas novos, têm muito a realizar em favor da causa. Não há maior ou menor porque todos

desconhecemos a cronologia espiritual. União e respeito mútuo fazem a receita para o sucesso deste difícil e importante empreendimento.

A Voz do Espírito março/abril de 1994

## ***21) Epidemia de moral contagia o mundo***

"Honestidade já... Abaixo o "Sujeitinho" brasileiro !"

A cada dia confirma-se o acerto do Jornal Espírita quanto à campanha "Honestidade Já! Abaixo o Sujeitinho brasileiro."

Observa-se uma reviravolta nos conceitos da humanidade e não sabemos que estranho fenómeno está impelindo os homens às atitudes que nos levem à moralização. Passaram pelo planeta alguns que, a despeito de cometerem enganos ou serem mal interpretados, acabaram por deixar sinais que contribuiram para os acontecimentos que hoje estamos vivendo.

Quem, em fria análise, poderia supor que do dia para a noite cairia o muro de Berlim, o que culminou com a implosão da velha União Soviética ? Mikhail Gorbachev, com as suas "glasnosfe "perestroika" foi o responsável pelo episódio. Ficou pouco tempo, mas disse a que veio. Longas ditaduras não conseguiram algo tão importante. Na nossa terra, abençoada por Deus, o presidente cassado criou leis que obrigavam as pessoas a se identificarem quando das transações milionárias. Graças à medida, são conhecidos os "fantasmas", sem o que não seria possível apurar a corrupção. Seu tempo foi pequeno, mas cumpriu a finalidade, estabelecendo um ponto de partida.

O mundo novo está se formando, mas antes é preciso demolir o que está avariado, para depois construir a nova Terra, futura sede de uma humanidade mais feliz. Que estranho fenómeno está acontecendo, voltamos a perguntar, quando políticos, médicos, eclesiásticos, empresários, em Roma, Brasília, São Paulo, Lisboa, na falecida URSS, no Vaticano, têm a moral radiografada e nela se constata profundas lesões morais provocadas pela ganância, tendo como cúmplices a impunidade dos tribunais da justiça dos homens?

Algo está levando as pessoas a se sentirem agoniadas por conhecer as manobras e precisem delatar a desonestidade, ainda que os envolvidos sejam parentes ou amigos. Que força está conduzindo a humanidade a essa ânsia de ser decente, quando busca eliminar as enfermidades do caráter, abundantes nos momentos presentes?

Parece que cansamos e não queremos mais viver oprimidos e ter de sufocar o desejo de clamar por igualdade. Somos participantes da criação do mundo e além

de não estragá-lo, temos o dever de lutar pela sua melhora. E isso que as pessoas estão fazendo. Nada mais pode explicar porque em todos os países, das mais diferentes raças, religiões e condições sociais, o pensamento é um só.

Honestidade !

É dever de cada um contribuir e exigir, porque os que decidem os destinos dos países já são privilegiados, especialmente em nações com acentuada desigualdade social - caso do Brasil - e não têm necessidade de prêmios extras que nem mesmo conseguem desfrutar. São tão gananciosos que seus negócios escusos envolvem milhões e eles, quando inquiridos, declaram que não se lembram...

O mundo do novo milênio já é visível no horizonte e abrigará uma minoria, ao passo que as dependências do umbral estão sendo ampliadas para a população que ali estagiará, esperamos, por pouco tempo. Entendidos os valores cristãos, também esta terá direito a viver no planeta da Paz.

Definindo-se a chegada dos tempos, fica evidente que o "Sujeitinho" não é somente brasileiro e os que ironizavam este povo bom, sentem agora na pele as situações que lhes causavam repugnância e espanto. A violência da bela Rio de Janeiro tem agora nas civilizadas Miami, Chicago, Amsterdã, Liverpool e tantas outras, sérias concorrentes.

É preciso que cada um cuide da honestidade a partir de si mesmo, desde as atitudes no trânsito, no cotidiano ou no comportamento na via pública, dedicando-se profundo auto-respeito. Percebe-se a formação da Pátria do Evangelho, na Terra do Cruzeiro. E necessária a nossa ajuda para que o projeto seja concluído mais rapidamente.

O pioneirismo do Jornal Espírita precisa ser reconhecido, valorizado e copiado. Mesmo que represente pequena parcela, quando comparado ao que poderia fazer a grande imprensa, é digno de respeito, em especial pela comunidade espírita brasileira. Se quando começou há dois anos era importante, ainda que representasse voz isolada, que dizer hoje quando o mundo lodo começa a sentir sede de decência.

Jornal Espírita dezembro de 1993

## *22) Anjos de guarda, guias e mentores*

"Bom saber que estamos sob permanente proteção de pelo menos um espírito: o nosso mentor. "

Por bondade de Deus, um espírito é especialmente destacado para cuidar de nós. Mas além deste protetor particular, estamos, também, sob influência de muitos outros espíritos. Por afinidade, uns auxiliam e outros contribuem para que permaneçamos imperfeitos. Enquanto não formos melhores para merecer a ajuda dos bons, nosso irmão especial vela por nós, independentemente de como somos. Mas como ele não interfere no livre-arbítrio, ainda limitado na Terra, como será então o relacionamento entre nós e o nosso anjo?

Na pergunta 491, diz O Livro dos Espíritos:- Qual a missão do espírito protetor ? Resposta: "A de um pai com os filhos, conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-los nas suas aflições e sustentar sua coragem nas provas da vida."

Na questão 495, encontramos: -O espírito protetor abandona às vezes o protegido, quando este se mostra rebelde às suas advertências ? Foi explicado: "Afasta-se quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é a vontade do protegido em se submeter às influências dos espíritos inferiores, mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. E o homem que lhe fecha os ouvidos. Ele volta logo que chamado."

A informação é clara. Se não lutamos, a despeito da advertência, ele observa nossa queda e sabe que levantaremos mais humildes. De queda em queda, construímos a vida. Muitos argumentam que, por amor, ele deveria impedir que caíssemos, mas isso nos tiraria a oportunidade do aprendizado e do crescimento por virtude própria. No comentário da questão 495, vemos que ele pergunta: "Não te avisei disto? E não o fizeste. Não te mostrei o abismo? E nele te precipitaste. Não fiz soar na tua consciência a voz da verdade e não seguiste o conselho da mentira?"

Quando, porém, encontramos o caminho do bem, o nosso protetor pode cuidar de outras responsabilidades, já que nós não somos o seu único compromisso. Se pudermos diminuir-lhe a tarefa, dando conta dos nossos deveres, será para ele

motivo de alegria. É sinal que ouvimos suas orientações. Isto está claro na questão 499.

Com nosso esforço, podemos suavizar o trabalho do nosso anjo guardião e quando nos reencontrarmos na espiritualidade, nos abraçaremos, afetuosamente. De nossa parte, como agradecimento sincero pela ajuda que nos deu e ele porque teve em nós um tutelado esforçado, que soube aproveitar a ventura de mais uma vida na Terra.

O Semeador março de 1994

## *23) Bem-aventurados os fanáticos*

"É preciso esforço e coerência para o sucesso de um trabalho. "

Espiritismo não é doutrina que faz adeptos trombeteando como pregões em feiras livres. Entretanto, observamos acanhamento na divulgação da proposta consoladora, uma das principais atribuições do movimento espírita. E temos de considerar que os filmes e as novelas tornam o momento propício, porque aguçam a curiosidade geral.

Quando levantamos o problema no nosso centro, um companheiro argumentou que isto acontece porque somos principiantes. A quase totalidade dos espíritas o somos por primeira vez. Até então, éramos os praticantes da fé cega e por isso continuamos presos aos dogmas. Além disso, não foi apenas nas reencarnações passadas que fomos os crentes de cabresto. A maioria na vida presente tornou-se espírita há cinco, dez ou cinquenta anos. É pouco tempo para reverter tendências.

Para comprovar esta verdade, é só verificar que tiramos dos centros as imagens dos santos, mas colocamos os retratos dos mentores. E o mesmo ritualismo e a mesma dependência. O que atenua a situação é que uma minoria mais lúcida começa a despertar. Estes, que compreenderam que o enunciado "fora da caridade não há salvação" diz verdade irrefutável, dedicam-se aos trabalhos com seriedade. Infelizmente, ficam conhecidos - inclusive entre os espíritas - como fanáticos.

Os dicionários definem que fanático é o que tem dedicação, admiração ou amor exaltado - vivo, ardente - a alguém ou alguma coisa. Logo, quem se dedica ao próximo e é tido como fanático, deve ficar lisonjeado e não ofendido.

Senna, o ídolo e mito que convulsionou este país, era um fanático pelo automobilismo. Graff, a grande tenista, é fanática pelo seu esporte. Pavarotti, tenor que ensaia meses para oferecer recitais de uma hora, é fanático pela sua arte. No entanto, são exemplos de idealismo e determinação para os que perseguem objetivos definidos.

Os novelistas, que assistem à das seis, das sete, das oito, todos os dias, não são considerados fanáticos. Por que só quem tem ânimo para auxiliar o semelhante, e procura ser um pouco mais cristão do que o comum, é um fanático? Quem assim o vê é o preguiçoso, o acomodado e o que tem compromisso apenas com o próprio egoísmo. Para os companheiros de tarefa, que como ele entendem a razão das atitudes, ele é um irmão. Se cristianizar é fanatizar, então sejamos fanáticos.

Nos centros há diferentes atividades. Um dia para o Evangelho, o passe, a entrevista; outro dia para o estudo e a educação da mediunidade; há o dia da desobsessão, da evangelização infantil. Além destes, os trabalhos noturnos se repetem durante o dia para os que não podem sair à noite. Felizmente, meia dúzia de fanáticos - e raramente mais que estes - mantém a casa aberta. Até os que os chamam de fanáticos se beneficiam porque escolhem dia e hora que mais se adaptem às suas conveniências. E preciso que as pessoas respeitem os que cuidam da estrutura dos agrupamentos porque é tarefa extremamente difícil. Os que ainda não compreendem os valores espirituais e que insistem em ser os mundanos do mundo, deixem em paz os que se preocupam com o semelhante.

Mesmo na família, quando um decide cuidar-se espiritualmente, o egoísmo dos demais cobra-lhe a presença, por vezes desnecessária. Amparados pelo chavão que o mais próximo dos próximos está no lar, verdade que não discutimos, não percebem que a par da parentela está a responsabilidade de cada um consigo mesmo e com o restante da humanidade. O parentesco sanguíneo é temporário e reajustador, enquanto o espiritual é definitivo e redentor. Temos direito aos nossos momentos de agradável solidão interior e ao lado do estudo das ciências e das artes, precisamos de tempo para conhecer a vida. Ninguém, nem o mais próximo dos parentes, tem o direito de impedir este anseio.

Ao agirmos como cristãos e nos considerarem exagerados, roguemos a Deus para que abençoe os fanáticos porque são bem-aventurados, verdadeiros e corajosos na perseguição dos ideais. A responsabilidade é intransferível. A ninguém culparemos pela nossa omissão e nenhuma desculpa será aceita no ajuste de contas. Os que tentaram impedir nosso fanatismo não estarão lá para nos defender. É bom pensar no assunto.

## 24) *Médium ou espírita?*

"Por estudar a mediunidade, o Espiritismo é confundido com o fenómeno, embora ela seja tão antiga quanto o homem."

No passado a mediunidade era considerada loucura ou bruxaria, o que deu origem à inquisição e levou aos manicômios criaturas que adoeceram pelo uso de remédios desnecessários. Devemos ao Espiritismo o esvaziamento dos hospitais psiquiátricos com a "cura" dos chamados loucos, sem que apresentassem qualquer patologia.

Embora habitualmente comentado, continua sendo necessário repetir que mediunidade e Espiritismo são coisas diferentes. A primeira é a ligação - por afinidade - entre espíritos encarnados e desencarnados, devido a tarefas ou consequência dos desequilíbrios. Espiritismo é a Doutrina dos Espíritos e traz informações sobre o Universo, o mundo espiritual, o relacionamento moral entre os seres, o intercâmbio entre os dois planos e a continuidade da vida depois da morte. Mesmo em relação à morte, ele a modificou quanto aos velhos conceitos de céu e inferno. Para o espírita a morte não destrói a esperança, mas renova as perspectivas.

Ao organizar a Doutrina, o codificador criou as palavras ESPÍRITA E ESPIRITISMO porque as ideias novas precisavam de palavras novas. No livro O que é o Espiritismo o próprio Kardec dá amplas explicações.

Hoje as criaturas buscam socorro em todo lugar. Vão à igreja, ao templo, à sinagoga, ao centro, ao terreiro... E a dor que conduz as pessoas, na busca da fé. Logo, é preciso identificar cada doutrina pelo que ensina e exemplifica, para que tenha responsabilidade no que divulga.

Os espíritas cuidam de informar que umbanda, quimbanda, candomblé, não são Espiritismo, já que até Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, faz confusões. "Umbanda", ensina ele, "é forma cultural originada da assimilação de elementos religiosos afro-brasileiros, pelo espiritismo brasileiro urbano; magia branca." Discordamos, porque não há espiritismo urbano, nem rural ou de mesa branca, mas somente Espiritismo, que nada tem a ver com essas práticas. O dicionarista informa ainda, que "candomblé é a religião dos negros ioruba, na Bahia, canguá.

Qualquer das grandes festas dos orixás. A macumba é o sincretismo afro-brasileiro derivado do candomblé com elementos de várias religiões africanas, de indígenas brasileiros e do cristianismo. Por derivação, magia negra."

Queremos lembrar que essas práticas chegaram ao Brasil com os escravos vindos de África e eram antigas naquele continente. No Brasil suas divindades foram identificadas como Jesus, São Jorge, Santa Bárbara a fim de que o clero aceitasse a prática. Esses irmãos usam uniformes, incensos, velas, percussão, fumo, álcool, danças, búzios, tarôs, que respeitamos, mas que nada têm de Espiritismo.

Nenhuma confusão pode ser feita com nossa doutrina. Exemplificando, se uma casa se diz Centro Espírita de Umbanda Pai João, deveria chamar-se Centro Espiritualista de Umbanda Pai João, ou se preferir definir-se claramente, Tenda ou Centro de Umbanda Pai João. Ali também as pessoas fazem caridade, distribuem amor e atendem criaturas em aflição. É importante trabalho cristão.

Fundamental, porém, que os espíritas que lutam para mostrar tais diferenças não façam eles mesmos as confusões. Não digam médicos e padres espíritas quando querem se referir a médicos e padres médiuns. Espírita não é o que pratica a mediunidade, mas o que segue a doutrina, luta pela sua transformação e combate as más inclinações. Certa vez, quando do atentado contra o papa católico, ouvimos em respeitável casa espírita que era absurdo alguém tentar contra a vida do representante de Deus na Terra. Era um fato realmente triste, porque um irmão, líder de importante religião estava sendo covardemente agredido. Mas representante de Deus na Terra, ignoramos onde a irmã aprendeu. Com Kardec, seguramente, não foi.

Temos observado que enquanto os da umbanda, quimbanda e candomblé, tarólogos, teólogos, videntes, buziólogos, cartomantes e quiromantes, orgulhosamente se auto-intitulam espíritas, o kardecista trata de sofisticar dizendo-se espiritualista, o que nada define. Não podemos usar disfarces definindo-nos como paranormal, sensitivo, parapsicólogo, extra-sensorial, mas assumir posição coerente com o que defendemos. Servir-se da pirâmide, do cristal, como recursos para obter favores sem trabalho é o mesmo que usar pé de coelho, ferradura ou fitinha da sorte.

Os que valorizam os "patuás" foram definidos pelos Espíritos como atrasados. Quando o codificador perguntou se aquele que confia na virtude de um talismã,

não poderia atrair um espírito, teve como resposta que sim. Mas a pureza das intenções definiria o tipo de espírito e, raramente, aquele que acredita na virtude de um talismã deixa de objetivar só vantagem material.

Justo defendermos nossa religião, impedindo que seja atacada ou confundida, mas não podemos nós mesmos fazer as confusões. Precisa ficar claro, pelo menos entre os espíritas, o que é Espiritismo.

A continuar como vamos, os centros terão de afixar cartazes com os dizeres:

**AQUI SE PRATICA ESPIRITISMO. ESPIRITISMO É A DOCTRINA DOS ESPÍRITOS, CODIFICADA POR ALLAN KARDEC.**

Reformador junho de 1994

## ***25) A carne, o indivíduo e o centro***

"Não basta afirmar que o que faz mal é o que sai da boca do homem, não o que entra..."

Eis um assunto polêmico entre os espíritas, especialmente quando envolve o exercício da mediunidade.

Os estudiosos do corpo humano afirmam que a carne é contraindicada para o homem. Sua dentição não é a de um carnívoro, além de o aparelho digestivo reter os alimentos por longo tempo. Por isso, as toxinas resultantes da putrefação, que precisam ser eliminadas rapidamente, tem de percorrer um extenso caminho e contaminam todo o organismo. Pesquisas norte-americanas informam que aos cinquenta anos o homem terá em seu intestino um quilo e meio de carne não digerida.

Depreende-se da análise, que todo esforço deve ser leito no sentido de substituir esse alimento por outros adequados à atual constituição do corpo humano. Humberto de Campos, o Irmão X, adverte que o cemitério que mantemos na barriga é terrível obstáculo à nossa adaptação quando da chegada na espiritualidade.

Por outro lado, segundo orientações de O Livro dos Espíritos, temos de considerar o esforço sem coação, pois o estudioso do Espiritismo sabe que esta não é doutrina da proibição e do pecado, mas a da luta renovatória, respeitada a capacidade de cada um. Diz a codificação:

Pergunta 723 - A alimentação animal com relação ao homem é contrária à Lei Natural?

Resposta: "Em virtude de vossa constituição física, a carne alimenta a carne; do contrário, o homem perece. Em obediência à lei da conservação, o homem tem o dever de preservar sua saúde e suas energias para cumprir a lei do trabalho. Deve alimentar-se, pois, de acordo com as exigências da sua organização fisiológica."

Questão 724 - É meritória a abstenção de alimentos animais, ou qualquer outro, como expiação?

Resposta – “Sim, desde que em benefício de outras pessoas.” Mas Deus não vê mortificação onde haja privação séria e útil. Eis porque dizemos que os que só se privam na aparência são hipócritas (Veja questão 720).

Passemos a ela:- São meritórias aos olhos de Deus as privações voluntárias com o objetivo de uma expiação igualmente voluntária ?

Foi respondido pelos espíritos: "Sem dúvida, a privação de gozos inúteis liberta o homem da matéria e eleva o seu espírito. E meritório resistir à tentação que nos quer induzir aos prazeres efêmeros, como é meritório retirar do necessário para ajudar aos que nada têm. Quando a privação não passa de simulacro, chega a ser absurda."

Finalmente, estudemos a questão 722. - É racional a abstenção de certos alimentos como se prescreve entre diversos povos ?

Resposta: "Todo alimento é permitido ao homem, desde que não lhe prejudique a saúde. Os legisladores de vários povos, contudo, têm interditado o uso de alguns alimentos, em geral com alguma finalidade útil e para dar mais força às suas leis, que apresentam como provindas da divindade. " Enquadram-se no caso a carne para os católicos, que era (sic!) proibida na semana santa, e certos animais, nas leis judaicas.

Quando o mentor Emmanuel analisa as implicações do sexo, recomenda que não deve ser proibido, mas educado. O problema da alimentação não deve ser visto de forma diferente.

Observamos pessoas que ao se iniciarem nos trabalhos espíritas, conscientes da necessidade da modificação no comportamento e no trato com o semelhante, vão naturalmente alterando sua constituição física, porque ela é consequência da mudança espiritual. Nesse momento, muita coisa se modifica na criatura que passa a ser mais exigente consigo mesma. Deixa de se interessar pela conversa fútil, muda a alimentação e passa a comer para viver. O tipo de alimento também se altera e a carne, comumente, passa a lhe causar repugnância.

Conforme ensina o Espiritismo, não se pode forçar uma pessoa a abster-se de algo para o que não esteja preparada. Deus libera ao homem os recursos naturais à medida que este vai se capacitando a recebê-los. A carne hoje pode ser substituída por alimentos vegetais, igualmente ricos em proteínas. Feijão soja é

um exemplo. A vitamina C sempre foi encontrada nos cítricos. Atualmente esses são inexpressivos quando comparados com a acerola, kiwi e outras que fatalmente aparecerão. A fonte é inesgotável e até nas chamadas ervas daninhas são descobertas propriedades. Muitas alimentam ou curam, como a tiririca, conhecida praga de jardim que vem sendo utilizada no combate de várias doenças.

Impedir que um companheiro possa doar-se por ser portador de deficiências humanas é pretender transformar o Espiritismo em doutrina de santos. Temos de insistir na advertência quanto aos males causados pelo fumo, pelo álcool, pelos excessos alimentares, ao mesmo tempo que falaremos das toxinas do egoísmo, da irritabilidade, do maldizer, tão nocivas quanto as dos vícios materiais.

Importante compreender, cada um de nós, e isto sim é básico, que para o trabalho conjunto e harmonioso com a espiritualidade é necessário nos diminuirmos como matéria, para crescermos como espíritos. De nada adiantará proibir o trabalho como punição pelo uso do alimento inadequado ou pelas fraquezas morais. Afastar-nos das tarefas não é o caminho. Apesar das deficiências, todos podemos ser úteis em alguma atividade do centro. No trabalho iremos compreendendo e, quem sabe, também nós nos livraremos brevemente dos vícios e da carne. Será o primeiro passo de uma reforma ampla que deveríamos ter iniciado já há muito tempo.

Vamos pedir a Jesus que fortaleça os nossos propósitos e nos dê compreensão para aplicar os recursos que nos permitam vencer nesta etapa, para sairmos dela melhor do que chegamos. "Nascer, morrer, renascer e progredir sem fim, esta é a lei." ensinou Allan Kardec. Evoluir - ou evolver, como preferem outros - é isso. Crescer passo a passo, dia a dia, esforço a esforço. O pastor guia, mas é a ovelha que caminha. As lições vêm de fora, mas as soluções são de dentro.

Dirigente Espírita setembro/outubro de 1993

## 26) Otimismo

"As pessoas estão desanimadas. Pesquisam para saber se tudo vai bem, mas já estão convencidas, antecipadamente, que tudo vai mal."

Recentemente lemos resultado de levantamento junto à opinião pública, onde setenta e oito por cento dos entrevistados afirmavam que a situação em nosso país era catastrófica. Curiosamente, porém, só trinta e poucos por cento sentiam em sua vida particular os efeitos da tal crise.

Lembramos então de um amigo, que há mais de trinta anos - 1962 - relatou-nos um diálogo com sua empregada.

-Doutor, o senhor precisa me dar um aumento.

-Por que? -Porque a situação está ruim.

-Por que você acha que a situação está ruim?

-Ah, não sei... Estão falando por aí que a situação está ruim.

Depois de tantos anos a conversa é a mesma. Vivemos as crises de fato e, mais intensamente, as crises de ouvir falar. Eis a razão porque os filósofos recomendam otimismo e garantem que tudo melhora pelo pensamento positivo.

Consultamos o "Aurélio" e encontramos: "Otimismo (do latim optimu+ismo) é o sistema de julgar tudo o melhor possível; achar que tudo vai bem. Atitude em face dos problemas sociais que consiste em considerá-los possíveis de uma solução global positiva, do que resulta uma posição ativa e criadora." É este o otimismo que temos procurado? Será que nos mantemos numa posição ativa e criadora? Parece que temos é nos acomodado aos acontecimentos e esperamos soluções que não dependam de nós.

Otimismo, segundo o dicionário, é considerar que tudo vai bem. Mas realmente tudo vai bem? Claro que não. O mundo está em convulsão e o momento é o típico do final dos ciclos. Quando se vai reformar a casa, antes é preciso demolir o que está velho para depois consertar. Não, nada vai bem. O homem vai mal e, portanto, o mundo não pode estar bem. Por isso, do ponto de vista prático, o pessimismo tem se mostrado até mais eficiente. Quando constatamos que os governos não resolvem nossos problemas, decidimos ir à luta por conta própria e,

embora reclamando de tudo e de todos, progredimos. Melhor se fôssemos realistas e víssemos tudo como efetivamente é sem otimismo ilusório nem pessimismo desanimador.

Jesus, recomendando aos que tinham olhos, que vissem, aconselhava-nos a raciocinar sobre a vida. Equilibrá-la, sem sonhar com facilidades que não ajudam no progresso espiritual. Se a fartura material nos dá luxo e conforto, também traz a ociosidade e nos faz empacar espiritualmente.

Seremos verdadeiramente otimistas, se pusermos mãos à obra para solucionar, pelo menos, os nossos próprios problemas. Como ajudar o semelhante quando, mesmo otimistas, afirmamos que vamos nos esforçar, mas sabemos que não vai adiantar. Esse otimismo de quem engana não apenas os outros, mas a si mesmo, está longe de construir algo. Se o pessimismo nos obriga a lutar contra esse estado de coisas, melhor ser pessimista operante do que otimista acomodado. É tudo jogo de palavras. Os vocábulos tentam exprimir ideias e dar nomes aos momentos, aos sentimentos e a tudo o que nos rodeia. Nem sempre a palavra usada é a indicada.

Convém não esquecer que todos os dias alguém reencarna e um outro volta à espiritualidade; alguém inicia um trabalho e outro termina uma obra; alguém se casa e nesse mesmo dia um lar é desfeito; nasce uma empresa, enquanto outra vai à falência; um se cura e um adocece; um é contratado, outro demitido; alguém planta uma árvore e outra, sem necessidade, é destruída; alguém pratica a caridade e outro passa ao largo, indiferente diante da dor. Todos os dias realizamos progressos e desperdiçamos valiosas oportunidades e enquanto um agradece a Deus pela bênção da vida, outro ofende o Criador por se julgar abandonado. Amanhece e anoitece, todos os dias. Cabe a nós decidirmos como devam ser os nossos dias e as nossas alvoradas.

Quem luta e acredita no melhor, demonstra fé. Tem certeza que Deus observa e tudo permite, porque é o dono dos acontecimentos e que eles, todos, são úteis e indispensáveis lições.

Portanto, nem otimismo, nem pessimismo, mas realismo. Ou, melhor ainda, cristianismo.

Revista Internacional de Espiritismo julho de 1993

## 27) Só a competência valoriza o trabalho

"Cada centro é um centro, cada casa é uma casa. Se realizar a caridade, no melhor que pode, é uma casa de Deus."

Companheiros comentam sobre a organização das outras religiões, o que contrastaria com o Espiritismo, na opinião deles ainda improvisado, porque cada centro trabalha à sua maneira.

Acreditamos que as doutrinas comuns, preocupadas com o sucesso material, precisam de severo controle para evitar queda no faturamento. Só pensam no lucro e a mídia confirma isso, diariamente. O próprio enfoque das igrejas vem se alterando para dizer ao fiel o que lhe agrada. Para elas, pena de morte e eutanásia já não são sempre pecados. Os mandamentos estão flexibilizados. Ama o próximo, desde que ele não te contrarie; não matarás, a não ser que seja necessário. O freguês tem sempre razão, diz velha lei mercadológica. Pregam que todos têm direito à riqueza e ao prazer e não precisam se preocupar diante do sofrimento alheio. Deus sabe o que faz e toma conta de todos. Importante que ninguém se esqueça da cota pastoral, do dízimo, ou qual seja o nome que se dê à contribuição financeira.

Percebe-se ainda que as velhas religiões estão modificando os rituais devido ao sucesso dos concorrentes. Cânticos, hinos, gestos que até há pouco não usavam, e criticavam, agora fazem parte de suas cerimônias. São técnicas de mercado para os tempos de recessão.

A pregação espírita não pode se basear nos casuísmos, típicos de momentos críticos e cíclicos, e dizer ao visitante o que mais lhe agrada, fazendo supor-se inocente sobre todos os acontecimentos, inclusive suas próprias deficiências. Jesus quando falava aos fariseus, ouviu de Pedro comentário quanto ao rigor de suas expressões: "Todos irão embora". Respondeu-lhe o Mestre: "Pois que vão. E vai você também." O apóstolo, porém, corrigiu-se: "Ir para onde, Mestre, se não há outro caminho."

Não temos de nos desgastar por uma casa cheia de pessoas se iludindo, mas devemos fazer tudo por aquelas que se interessam em aproveitar a oportunidade. Mesmo que poucas, valem o esforço de todos. Isso é observado nas reuniões de estudo quando os grupos, além de pequenos, em curto prazo se reduzem a dez por cento. Felizmente são estes que sustentam o movimento e os dirigentes devem prestigiá-los e ampará-los. Eles pretendem ser auto-suficientes, mas o fardo, por vezes, fica pesado. O presidente, o expositor, o médium, humanos e imperfeitos, estão sujeitos, mais do que qualquer outro, a quedas, porque tem nos espíritos inferiores tenazes inimigos. Os componentes do grupo, portanto, devem ajudar-se mutuamente.

Analisando-se o público, a maioria vai ao Centro pela novidade, ou em busca do favor, sem deixar a crença de raiz. As pessoas não têm paciência e pensam que a fraqueza espiritual se cura como a anemia material. Acreditam que a balança e o espelho possam mostrar os resultados. Mas ao perceberem a necessidade da renovação, irão embora em busca de outro discurso que os faça menos responsáveis. Os que permanecerem um pouco mais, será em troca da sopa, do agasalho ou da cura material.

Tomando por base as igrejas, os espíritas querem uma unificação, algo mal compreendido pelos dirigentes. Pensam que isto gerará interferência em "sua" Casa e irá impor padronização e obediência a um poder central. Seria, mal comparando, a "vaticanização" do Espiritismo, o que não é verdade. Nossa doutrina é de liberdade e a unificação consiste na vivência do Evangelho de acordo com as orientações da codificação.

Os trabalhos nos Centros devem atender às particularidades. Na periferia é necessária a assistência material. Os grupos centrais poderão arrecadar para encaminhar aos mais pobres, além de oferecer seu próprio tempo e habilidade. A Seara é uma só e cada núcleo é apenas modesto departamento. Onde falta o carinho, não o pão, será ensinada a terapia do serviço do bem comum, eficiente remédio para as almas enfermas. Mas, embora não se deva padronizar ou exigir o mesmo de todos, o Evangelho, ausente nas escolas, nas fábricas, nas ruas e quase sempre nos lares, é o que não pode faltar, pelo menos, no Centro Espírita.

O esforço e a competência dos dirigentes determinarão as atividades da Casa. Estarão unidos no bem e na linguagem padrão. Estudarão a melhor forma de divulgação mediante a análise do que busca o seu público e tratando de ser

exemplo para os demais. Devem-se atualizar com o movimento, participar de cursos, seminários, intercâmbios e toda reunião que possa mantê-los em trabalho e motivação. Espiritismo, conforme Kardec, não é doutrina pronta e acabada. Ela avança e se atualiza de acordo com o entendimento dos homens. Caberá aos dirigentes levar o conhecimento até o Centro para que todos aprendam. Mesmo sem estar padronizados é preciso estar unidos. Quando vivermos e falarmos a mesma língua - a do Cristo - estará concretizada a sonhada UNIFICAÇÃO.

Temos de estar atentos para não perder esta histórica oportunidade. Quem conhece Jesus explicado por Kardec, está agasalhado por um duplo privilégio.

Dirigente Espírita novembro/dezembro de 1992

## 28) Falta de colaboradores

"Se o homem é importante no trabalho, o trabalho é a vida do homem."

A falta e a deserção de colaboradores espíritas está se acentuando pelas dificuldades pessoais, o que impede maior dedicação aos compromissos assumidos com o centro. Os trabalhos precisam de pessoas de boa vontade e alguns, além disso, exigem que o candidato tenha conhecimento para a divulgação do Espiritismo. Se para o passe é suficiente a boa vontade, para falar do Evangelho e explicar Kardec, é necessário um pouco mais.

Numa equipe há diferentes graus de cultura. Observa-se que os mais graduados, ao invés de fazerem da instrução um ponto favorável, são os que menos colaboram. Talvez por vaidade, querendo transcendência e perfeição, adiam até que tenham algo original para oferecer. Simplesmente repetir as lições do Cristo parece-lhes banal e nem chegam a perceber quanto ainda precisamos delas.

Por este motivo, os dirigentes procuram se valer dos de boa vontade, que mesmo analfabetos ou semi, têm uma sabedoria não alcançada pelos de maior escolaridade. Enquanto aqueles falam com a alma, os últimos se preocupam com a oratória. Exibem conhecimento, mas a mensagem não atinge os corações, porque são teorias vazias de exemplo.

Prestamos atenção à gramática, perdemo-nos em julgamentos estéreis e não percebemos que a falta de instrução nem sempre é culpa da criatura. Mas a pretensão e a má vontade, sim. Emmanuel, no livro "O Consolador", responde a interessante questão, no tópico 212. Foi perguntado se "o homem sem grandes possibilidades intelectuais é sempre um homem medíocre." A resposta diz que "o conceito de mediocridade modifica-se no plano das nossas conquistas universais, depois da transição da morte. Aí no mundo costumais entronizar o escritor que enganou o público, o político que ultrajou o direito, o capitalista que enriqueceu sem escrúpulos de consciência, que são colocados na galeria de homem superior. Exaltando-lhes os méritos individuais com extravagânciaslouvaminheiras, muito falais em "mediocridade", em "rebanho", em "rotina", em "personalidade superior". Para nós, a virtude da resignação dos pais de família, criteriosos e abnegados no extenso rebanho das atividades rotineiras da Terra, não se compara em grandeza com os dotes de espírito do intelectual que gesticula desesperado na

tribuna, sem qualquer educação séria, ou que se emaranha em confusões palavrosas na esfera literária, sem a preocupação sincera de aprender com os exemplos da vida."

Mais adiante, completa: "Vede, portanto, que a expressão de intelectualidade vale muito, mas não pode prescindir dos valores do sentimento em sua essência sublime, compreendendo-se, afinal, que o "homem medíocre" não é o trabalhador das lides terrestres, amoroso de suas realizações no lar e no sagrado cumprimento de seus deveres, sob cuja abnegação erige-se a organização maravilhosa do patrimônio mundano."

Há outra questão, no âmbito doutrinário.

-Os trabalhadores do Espiritismo devem buscar os intelectuais para a compreensão dos seus deveres espirituais?

Foi explicado: "Os operários da doutrina devem estar sempre bem dispostos na oficina do esclarecimento, todas as vezes que procurados pelos que desejam cooperar sinceramente com seus esforços. Mas provocar a atenção dos outros no intuito de regenerá-los, quando todos nós, mesmo os desencarnados, estamos em função de aperfeiçoamento e aprendizado, não parece muito justo. Estamos ainda com um dever essencial que é o da edificação de nós mesmos." No último parágrafo, esclarece: A verdade triunfa por si, sem o concurso das frágeis possibilidades humanas. Alma alguma deverá procurá-la supondo-se elemento indispensável á sua vitória. Como seu órgão no planeta, o Espiritismo não necessita de determinados homens para consolar ou instruir as criaturas, depreendendo-se que os próprios intelectuais do mundo é que devem buscar, espontaneamente, na fonte de conhecimentos doutrinários, o benefício de sua iluminação." Com a lição, constata-se que o homem jamais avançou tanto no conhecimento, instruindo-se, mas esquecendo das coisas simples do sentimento que edificam o equilíbrio. Emmanuel, com a clareza habitual, adverte os dirigentes espíritas que não devem se iludir com os "doutores" de fala bonita que buscam a doutrina para a satisfação pessoal, sentindo-se importantes tribunos e aconselhadores das massas, já que o dom de falar, facilita-lhes a tarefa.

Os responsáveis pelos grupos prestem atenção aos trabalhadores comuns, de poucas letras, mas plenos de vontade e sinceridade. Sua pregação parece simples, mas assim agiu Jesus que até na escolha dos discípulos

convidou os rudes e não os iniciados nas ciências da época.

Elitizar o centro é afastá-lo do compromisso primeiro. Pontualidade, assiduidade, humildade e obediência, quatro pilares que sustentam a disciplina, sem o que não se vai a parte alguma.

Uni-vos e instruí-vos, foi a recomendação. A instrução, porém, deve ser recurso para ampliar a união entre os trabalhadores e jamais para ser usada como forma de discriminação.

A Voz do Espírito setembro/outubro de 1993

## 29) O passe ideal

"Quem dá, na verdade não dá, porque quando dá, na verdade recebe."

Conhecidos os fluidos e a energia, que produz as variações na matéria conforme a condensação, tem sentido ajudar-se alguém com o passe. É provável, que o nome tenha origem no imperativo do verbo passar, ordem ou expressão de vontade para que certa força se transfira de um para outro. Convém esclarecer que não é invenção espírita.

Aceita a possibilidade, os estudiosos tentam determinar a maneira ideal de se fazer essa transfusão. Definir técnicas, selecionar os qualificados, enfim, traçar mecanismos para o passe confiável. Livros e discussões cuidam do assunto.

O passe, segundo Edgard Armond, deve ser aplicado em movimentos preestabelecidos, com número certo de vezes e locais, onde somos mais vulneráveis. Pensamento, sentimento e distúrbios sexuais, seriam os maiores responsáveis pelos problemas humanos. E mais, o trabalho deveria ter um padrão para igual atendimento a todos. Há espíritas que definem esse passe padronizado como "ballet" espiritual e garantem que os movimentos são dispensáveis, porque basta a imposição das mãos.

Outras técnicas dizem que os passes devem ser direcionados sobre o órgão doente, com as duas mãos para "fechar o circuito", já que o corpo humano teria polos positivo e negativo. Alguns preferem os passes longitudinais, que partem do alto da cabeça até o pé, outros sopram quente ou sopram frio, e assim por diante. Com a variedade de passes, e cada facção defendendo a sua como a única eficiente, fica a dúvida sobre qual seria o passe correto. O passe ideal, cujo resultado oferecesse garantia.

Vamos ao Evangelho e encontramos Jesus curando de várias maneiras e até sem se dar conta que curava. Caso da mulher que segurou em suas vestes e recebeu o socorro. Foi quando Ele fez o comentário: "Quem me tocou que de mim saiu virtude?". Saiu virtude porque havia virtude. Do que não temos, não damos.

Para não nos perdermos em controvérsias, defendemos que o passe ideal é o que nasce do coração. Para que a transfusão fluídica seja eficiente, é preciso amorosidade de quem oferece, com ressonância na fé e no mérito de quem

recebe. Logo, ainda que determinados movimentos sejam desnecessários e, no dizer de outros, espalhafatosos, não invalidam o passe se o aplicador oferecê-lo com sincero desejo de servir. Isto se aplica também a outras burocracias doutrinárias, como se a lâmpada deve permanecer acesa, se verde ou azul, se é preciso que os passistas dêem as mãos, se devemos descruzar pernas, tirar óculos, boné, casaco de nylon, etc.

Ao longo dos anos, os mistérios preocupam os homens. Discutem o corpo de Jesus, o seu desaparecimento do sepulcro e a virgindade de Maria, entre outros. E do Mestre, no entanto, o que conta é a mensagem. Quando alguém disse duvidar que Jesus realmente existiu, ouviu que se assim fosse o fenômeno teria sido maior, porque mesmo sendo uma farsa, a humanidade recebeu lições que os séculos não conseguem contrariar, nem retocar.

Depois de tanto material espírita sobre os passes, pensamos que quem desejar expor ideias deva fazê-lo para enriquecer o acervo e que elas tragam esclarecimentos positivos. O momento não se presta para discutir o sexo dos anjos. A humanidade precisa de união, colaboração e, em se tratando de passes, todas as técnicas são boas. O que fará com que o passe seja eficiente é a condição moral das partes envolvidas, particularmente do que se propõe a doar.

O passe ideal é o passe fraterno e que por vezes é aplicado a longas distâncias, de um continente a outro, sem precisar de braços longos para o sucesso do trabalho. Mente a mente, coração a coração e o passe é eficiente. Removerá montanhas de dor porque será a materialização da fé.

Pensamos que as divergências sobre esse assunto devam ser evitadas, que cada agrupamento trabalhe da forma que lhe for prazerosa e ofereça confiança a quem dá e a quem recebe esse tratamento, deixando o outro trabalhar à moda dele. Mas que cada um dê o atendimento com seriedade, use o Evangelho como a principal medicação do seu Centro e, esteja seguro, realizará um trabalho que merecerá a aprovação da Esfera Superior.

O Clarim setembro de 1994

### 30) Será que precisamos de outro Consolador ?

"Tudo me é permitido. Nem tudo me convém." Paulo.

Quando estudamos os missionários, em especial os santos da igreja, parece que nos referimos a super-homens, dos quais nos encontramos muito distantes. Se analisarmos a vida dessas criaturas, veremos que tiveram as mesmas dificuldades que nós e seu momento de decisão, na maioria dos casos, foi resultado da dor.

Paulo de Tarso, o vaso escolhido, cometeu erros e mesmo depois de aceitar o Mestre confessava sua fraqueza. Nem mesmo podia controlar o pensamento. Mas suas quedas, dizia, não eram a sua derrota... Sua virtude era ser verdadeiro e com a firmeza e dedicação que defendeu Moisés, espalhou as lições de Jesus, tão logo compreendeu a verdade.

A jovem da cidade de Magdala, Maria, foi dedicada servidora do Cristo, a ponto de merecer o privilégio de ser a primeira a vê-Lo depois do calvário. Antes, contudo, havia sido curada de grande mal de obsessão.

Mesmo depois de conviver com o Messias e testemunhar os "milagres", Pedro, a pedra da igreja de Jesus, era de pouca fé, como foi advertido no mar da Galileia. Não bastara e ainda negou repetidamente o Amigo, no seu instante de supremo sofrimento.

Embora ouvisse do próprio Cristo sobre a vida eterna e a imortalidade do espírito, Tomé duvidou e precisou tocar as chagas da cruz para poder convencer-se.

Cada santo teve derrota e vitória, instantes de dor e momentos de divino envolvimento amoroso. São espíritos como nós, filhos do Criador à Sua imagem e semelhança, todos destinados à perfeição e que precisam somente de coragem na luta do dia-a-dia para vencerem a si mesmo.

Estudar a vida dessas criaturas é para nós um estímulo, porque iremos compreender que ao afirmar "vós sois deuses", verbo no presente, Jesus declarava que todos somos capazes e que, por enquanto, nos encontramos perdidos nas próprias incertezas, que serão superadas quando quisermos. Mesmo com as limitações atuais, venceremos os obstáculos.

Este breve relato visa demonstrar que a imperfeição não é barreira para o trabalho. Se só os "santos" fossem aptos para orientar e servir, estaríamos abandonados. E no trabalho que nos desenvolvemos.

Não podemos, e isto é sério, trocar a tarefa de auto-reforma, que se consegue com luta, por milagres que encurtariam o caminho das dificuldades. Não tem sentido misturar fé com talismãs ou amuletos, mesmo que venham com embalagem de ciência, porque é da lei colher o fruto do que se plantou. Não é lícito acreditar em objetos inanimados porque se assim fosse, os que não têm dinheiro estariam desamparados. As pirâmides, os cristais, os gnomos e duendes, as cruzes ou medalhas que trazem poderes, são todos artigos caros que fazem a fortuna de muitos. Já há até espírita se aproveitando porque a proporção é de cem ingênuos para cada esperto. Aproveitar-se do desespero de uma pessoa é tarefa fácil para os habilidosos e desonestos, já que o desespero do momento embota-lhes o raciocínio.

Recomenda-se vigilância às Casas Espíritas e que rechaçam as novidades ou práticas estranhas. Os falsos profetas se infiltram com habilidade, são convincentes e os dirigentes se entusiasmam. Por iniciativa deles, dirigentes, jamais imaginamos que tais ideias cheguem aos Centros porque, então, nada mais terão de espíritas.

Jesus prometeu o consolador e Kardec organizou o Espiritismo. Cumpriu-se a promessa. Não permitamos que em nome deles se introduzam modas criando o Neo-Espiritismo ou o Consolador II. Desconhecemos por enquanto até o básico da Codificação e não há por que prometer favores sem sacrifícios. As bênçãos do Céu, representam acréscimo ao esforço de cada um. Não é de graça, porque não cumpre a finalidade para a qual nos propusemos, ou nos propuseram, reencarnar.

Os interessados em vencer dificuldades usem a receita habitual: trabalho ! Quem pretende se iludir com facilidades, melhor pedir demissão do Espiritismo por um tempo, até que as dificuldades apurem a sua visão e passem a enxergar pelos olhos da alma.

Dirigente Espírita março/abril de 1994

### 31) Estudando sobre a caridade

Piedade do Verbo - "Grande serás no mundo repartindo as sobras da mesa e os recursos da bolsa, em favor daqueles que te partilham a marcha

humana. No entanto, serás bem-aventurado pela palavra consoladora com que operas a ressurreição das esperanças semimortas."- Emmanuel

"De todas as virtudes, qual a mais meritória?", é a pergunta 893 de O Livro dos Espíritos. A resposta é clara: "Cada virtude tem seu mérito próprio, porque todas são indício de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que haja voluntária resistência ao arrastamento das más inclinações. Mas o sublime da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é a que se funda na mais desinteressada caridade. "

Caridade, aprendemos, é sentimento, comportamento e ação, nas vinte e quatro horas; é o amor em movimento. A reencarnação é caridade da Instituição Divina, que renova oportunidades; a educação do filho é caridade ao espírito que retorna, para aperfeiçoamento; quando respiramos, digerimos, falamos ou enxergamos, sentimos Deus exercendo a caridade em favor de todos os Seus filhos.

Ocorre que ela geralmente chega atrasada e, como compensação, é feita na forma mais simples e cômoda: a esmola, o que dá pouco resultado. Continuamos pensando que caridade é dar coisas, roupas, alimentos, brinquedos, e é nesse aspecto que mais atuam as casas espíritas. Esse trabalho é considerado básico e quando a fonte não vem buscar no Centro, levamos até ela. Não podemos esquecer que as instituições são meros agentes arrecadadores e precisam ter critério na distribuição. Nossa intenção não é julgar, mas recomendar discernimento.

O pai competente não é o que faz a tarefa do filho, mas o que lhe ensina o trabalho. Quando fazemos a distribuição indiscriminada de bens, estimulamos o vício de pedir e sabemos quantos profissionais há nessa atividade. Embora o terceiro não invalide a nossa atitude, porque é sempre caridade, seremos

cúmplices do pseudo-esperto que aumentará, ainda mais, os compromissos que exigirão dele dolorosa reparação.

Onde impera a miséria, percebe-se igualmente a ociosidade, o desperdício e o desinteresse. Como inspiram pena, porque são criaturas marginalizadas pela sociedade e pelos poderes públicos, nota-se nas pessoas desânimo e acomodação. Nem precisam mesmo lutar porque os caridosos espíritas, oferecem os recursos necessários. Vemos então homens nos bares, mulheres desocupadas, geralmente fumantes, e jovens próximos da maioria desencaminhados nos vícios e na vadiagem. Tudo sob a desculpa do desemprego e da recessão. Mesmo sem generalizar, já que a maioria da classe pobre é formada de gente correta e trabalhadora, não há como ignorar essa verdade.

A ajuda material tem de ser acompanhada da orientação evangélica e cada beneficiado deve ter alguma participação no trabalho. Nenhum auxílio deve ser oferecido sem que antes seja verificada a real necessidade da criatura.

Emmanuel ao afirmar que a maior caridade em favor do Espiritismo é a sua divulgação, repetia o secular provérbio do peixe, já que não se deve dar facilidades, mas, e principalmente, orientar e oferecer condições para que as pessoas possam satisfazer suas necessidades com esforço próprio. Ninguém gosta de depender da esmola, porque aspira ser uma PESSOA. O trabalho, conhecido como castigo, é, na verdade, o grande meio para a elevação do homem.

Vendo deste ângulo, compreendemos que embora haja pobreza e desigualdade na divisão dos bens naturais, quando alguns poucos se apossaram das terras de Deus e as transformaram em seus latifúndios, não podemos esquecer que muitos que pedem não precisariam fazê-lo e parte do que recebem deveriam conquistar por si mesmos. Caridade é o lema e fora dela não há salvação. Mas quando percebemos que o outro mente e é um aproveitador da boa fé humana, dizer-lhe grande e sonoro NÃO será expressivo gesto de caridade.

Como kardecistas, vamos seguir a orientação de O Livro dos Espíritos. Na questão 896 Kardec desejou saber se "pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus haveres sem utilidade real, por não lhe saberem dar emprego criterioso, têm algum merecimento". Os Espíritos disseram que "é uma virtude, mas a prodigalidade irrefletida é, pelo menos, falta de juízo. A fortuna não existe para espalhar-se ao vento nem para se encerrar nos cofres; é

um depósito de que terão de prestar contas os que a retêm, respondendo por todo o bem que poderiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que poderiam ter enxugado com o dinheiro que deram aos que não estavam realmente dele necessitados."

Para finalizar, lembramos André Luiz. "Devemos render culto à amizade e à gentileza, estendendo-as quanto possível aos companheiros e às organizações, mas sem escravizar-se a ponto de contrariar a própria doutrina, para ser agradável aos outros. O Espiritismo é caminho libertador."

O Centro Espírita pode ser o assistente social, o hospital e o pronto socorro. Entretanto, hoje mais do que nunca, ele precisa ser A ESCOLA.

Revista Internacional de Espiritismo novembro de 1993

### 32) Vim, Vi... e voltei

"Ninguém comete erro maior do que não fazer nada porque só pode fazer um pouco". Edmund Burke

Questão 202 de O Livro dos Espíritos: "Quando desencarnado, prefere o Espírito encarnar no corpo de um homem ou no de uma mulher?" Resposta: "Isto pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas que terá de passar."

Parte expressiva da humanidade, destacando-se os orientais, crê já ter vivido antes e que retornará muitas vezes aos mundos materiais. Mesmo em nosso país, pesquisas mostram que mais da metade da população demonstra essa certeza. Mas será que acreditamos mesmo em reencarnação?

Os espíritas são os que mais defendem essa lei, já que a codificação explica com clareza todo o mecanismo da ação e reação. Ela tem sido básica para convencer o adepto desta doutrina quanto à utilidade dos problemas reparadores e explicar que a desigualdade entre as pessoas é consequência de atos do passado. O Espiritismo é a religião que mais dá condições para o raciocínio e alerta cada um para que cuide de sua conduta e construa, para si próprio, momentos melhores no transcorrer da eternidade. Explica também que essa eternidade já começou há muito tempo, quando fomos criados simples e ignorantes, e vivemos um pouco na carne e parte em desconhecidas dimensões.

Em antiga matéria no jornal Folha Espírita, lemos estatística referente aos intervalos que permanecemos na espiritualidade, entre as reencarnações. Até por volta de 1700, informava, ficávamos em média 250 anos. Hoje se reduziu a 30, sempre como média, e, portanto, podemos reencarnar após um, dois ou dez anos depois da morte.

Sem entrar no mérito da análise, uma coisa é certa. No mundo espiritual, nas condições em que habitualmente saímos daqui, nada de útil teremos para oferecer. Como o mundo material é a melhor escola para o espírito, é natural que voltemos, rapidamente, em novas oportunidades. Os tempos estão com pressa e o planeta está mudando. Para continuarmos na Terra temos de melhorar, e muito. Tudo indica que vai valer a pena.

Bom senso, porém, é o que tem faltado aos homens, espíritos ou não. Hoje governos, descuidamos da responsabilidade, preocupados com o enriquecimento e a exaltação pessoal; amanhã povo, criticamos os políticos. Hoje ricos, não temos sensibilidade diante da miséria; amanhã reencarnamos pobres com ódio dos abastados. Hoje somos os homens da sociedade machista e casamos em regime de escravidão da companheira; amanhã, retornamos como mulheres, revoltadas contra o jugo do lar. Hoje, mulheres, defendemos os movimentos feministas que buscam a igualdade, a liberdade e direito dos varões; amanhã voltamos à carne como homens e censuramos a esposa e a filha pelos exageros da modernidade.

Pelo fato de não percebermos o claro planejamento, não movemos um dedo para colaborar na melhoria do mundo. Ajudamos a estragá-lo e vamos embora, como se nada tivéssemos a ver com o fato. Em alguns anos - minutos no relógio espiritual - aqui estamos novamente, criticando que está tudo errado e que vivemos num lugar onde ninguém se respeita. Nossos antepassados, censuramos, bem que poderiam ter feito melhor.

Nem percebemos que somos os antepassados, e que voltamos ao mesmo lugar que ajudamos a destruir, bem mais cedo do que imaginávamos. Ele é a nossa cara e, portanto, não poderia ser diferente.

É importante fiscalizar cada atitude, desde as mais simples. Já não tem sentido atirar papel nas ruas, estacionar o carro na porta do outro, furar uma fila, comprar pessoas. Descubramos quantas outras coisas como essas se automatizaram em nossos hábitos diários. Podemos encurtar o caminho do sofrimento através das boas ações. Hoje teremos a impressão que somos poucos colaborando para consertar a nossa Casa. Amanhã veremos que outros também ajudam. E se não for assim, que importa a nós, se eles não terão de pagar as nossas contas.

Ninguém gosta da sujeira e assim como fazemos a higiene do lar temos de cuidar da Terra, a casa de todos. A rua não mais pode ser a lata de lixo coletiva, mas o espaço público onde as pessoas se relacionam com respeito e exibem sua educação. Se é difícil nos libertarmos das inferioridades morais e dos defeitos que têm raízes em passado milenar, comecemos pelo mais fácil, que só exige de nós um pouco de atenção e boa vontade.

Compreendendo a onda deste vaivém, começaremos a julgar menos, porque também tivemos erros em passado recente, independentemente da imperfeição atual. Quando voltamos nesta vez, encontramos o mundo mudado que, a despeito da maldade, da violência e da desonestidade, tem muita coisa boa e até excesso de conforto. Temos de dar nossa contribuição para melhorar este estado de coisas entristecedor.

A felicidade está reservada a todos. Mas temos de oferecer ajuda para percebê-la desde agora. Afinal ela não é causa, mas efeito; é resultado das nossas atitudes.

Quando agirmos assim, ficará claro que acreditamos de verdade em reencarnação e não somos apenas papagaio que repete teorias desconhecidas; alguém que ouviu cantar o galo, mas não sabe onde...

Revista Internacional de Espiritismo maio de 1993

### 33) Pais e filhos

"Coloca a criança no caminho em que deve andar e mesmo quando for velho não se desviará dele." - Salomão-provérbios 22-6

-Quem são os nossos filhos?

Resposta, são nossos irmãos, filhos de Deus. E, diante dessa verdade, é fácil concluir que, sob a ótica espiritual, somos todos adotados pelos pais humanos. Estes, provisoriamente, se encarregam da nossa orientação e auxiliam para que possamos crescer, visto que somos imortais.

Os amigos encarnados que nos aceitam em seus lares, e que um dia possivelmente serão recebidos nos nossos, são filhos e pais e pais e filhos, num vai e vem de longa duração. Somos os filhos carnis de alguém, segundo as normas do planeta, mas filhos espirituais do Criador. Logo, os pais de carne não passam de tutores que colaboram com Deus, o verdadeiro Pai.

Nada justifica a negligência nessa tarefa aceita por nós. Não podemos dar facilidades exageradas ou carregar o fardo que compete ao filho. Se assim agirmos o impediremos de ter o próprio crescimento. Não podemos ser os donos daquilo que não nos pertence.

Não se pode esquecer que a morte não marca data. Se desde a mais tenra idade, orientarmos o "nosso filho" como uma individualidade para viver no mundo, e não apenas na família, poderemos deixá-lo a qualquer momento, sem o risco de que se desajuste e seja incompetente para cuidar-se. Mesmo sem considerarmos a morte, viveremos a alegria de ver o filho adulto, responsável, honesto e independente. Estará capacitado a abrir seu próprio caminho na vida e perceberemos nele, mesmo no silêncio, o agradecimento de quem se ajustou ao mundo. As possíveis mágoas, pelo nosso rigor, serão esquecidas e compensadas pelos frutos colhidos.

Pelo Espiritismo, sabemos que não há criança ingênua, inocente e, por isso, temos de aproveitar desde a infância para ajustar esse espírito nessa sua volta. Muitos NÃO deverão ser ditos, embora para agradá-lo geralmente digamos SIM. Por vezes é preciso que ele chore agora para não derramar lágrimas mais tarde, quando o mundo lhe cobrar as responsabilidades.

Dentre as tarefas do cristão, ser pai é das mais importantes e, quando cumprida com amor e razão, energia e bondade, enaltece os espíritos que viveram a difícil experiência. Já disse o poeta: "Filhos, melhor não tê-los, mas se não tê-los como sabê-los". Como saboreá-los se não vivermos a oportunidade.

Seu filho será para você motivo de alegria ou tristeza, orgulho ou vergonha, dependendo da forma como for conduzido. Mas, se por motivos que independam do seu esforço, ele se recusar a ouvi-lo, resta-lhe a consciência tranquila e a certeza de ter feito o melhor que podia e sabia. Esteja seguro, porém, que a semente está plantada e viva e Deus, mesmo que seu filho se perca, terá respeito por você e irá compensá-lo com bênçãos de luz. Faça a sua parte e não se esqueça que a boa colheita depende da fertilidade da terra.

Seu filho é o seu irmão que Deus lhe emprestou até que voltem para Ele, deixando-se. Restarão as alegrias que juntos viverem e a saudade será agradável, se as consciências estiverem em paz.

O Clarim setembro de 1991

### 34) Simplicidade e objetividade

"...discutiremos, mas não disputaremos. As inconveniências de linguagem jamais foram boas razões aos olhos de gente sensata; é arma daqueles que não possuem algo melhor e que se volta contra quem a maneja." Allan Kardec

Ano passado, enviamos aos jornais um comentário - QUANTO CUSTA UMA PIZZA? - cuja finalidade era analisar porque poucos assinam veículos espíritas. Como a resposta está pendente, desejamos dialogar com os escritores, peça importante da comunicação, mas que precisam valorizar os espaços que lhes são oferecidos.

É nossa opinião que as matérias precisam ser simples e sintéticas para que todos entendam. Devem ser evitadas palavras pouco usadas e o exagero dos explicativos que aumentam o texto sem melhorá-lo. Os parágrafos grandes e o excesso de apostos, também dificultam a compreensão das ideias.

Nas referências aos Espíritos Superiores, devemos dispensar os tratamentos insigne, venerável, excelso, amável e outros que os constroem. Eles têm consciência que apenas cumprem com as obrigações e são felizes por trabalhar. Nós nos alimentamos das bajulações, eles não. Ficam satisfeitos quando os chamamos simplesmente Amigos.

A comunicação espírita, inclusive falada, não pode ser romântica, poética, igrejeira, para transmitir humildade que não temos, mas didática, se desejamos ser entendidos pela maioria. Nada impede, vez que outra, que enfeitemos o trabalho com citações filosóficas oportunas e bem colocadas. Mas seria interessante se os textos pudessem provocar a atenção, também, dos não espíritas; ampliariam a sua finalidade cristã.

Estamos todos sobrecarregados, o tempo é curto, e poucos leem as matérias por inteiro. A principal razão é que as pessoas aprendem pouco com nossos artigos. Textos curtos, objetivos e de melhor conteúdo, teriam mais aceitação.

Como ilustração do que afirmamos, transcrevemos trechos que um companheiro da nossa casa, dos raros assinantes, nos trouxe e pediu-nos para esclarecê-lo. Confessava-se incapaz de entender.

Primeiro texto: "Já lemos alhures que o centro principal da atuação do Espírito é a região talâmica do anticérebro perispiritual, na anti-glândula pineal e dali se espalha numa força dinâmica, provendo o perispírito e o conjunto somático de um sustentáculo interminável de energia." E continuava: "Esses males psíquicos provocam diminuição vorticosa dos chacras do perispírito, prejudicando as defesas áuricas e dão origem a fluidos deletérios que desarmonizam a rede simpática e a tela atômica, permitindo a penetração de ondas mentoelettomagnéticas projetadas por espíritos obsessores e malévolos."

Em outro artigo, em linguagem bem mais simples, pediu-nos explicação sobre o seguinte: "Então, surgiu uma aptidão, exteriorizando-se por certo dos refolhos mais íntimos do nosso ser, armazenada durante o tempo em que utilizávamos a fixação mental para o mal, em prisca era." São meros exemplos ilustrativos do comentário, embora outros pudessem ser apresentados.

Dispensamo-nos mencionar fontes e escritores já que a intenção não é a crítica. São irmãos que muito têm feito pela Doutrina e não temos estatura para censurá-los. Por serem trabalhadores de inteligência e cultura brilhantes, desejaríamos, e isto é sincero, que mais pessoas pudessem aproveitar suas mensagens, já que falta instrução à maioria do nosso povo. As atuais técnicas de mercado impõem comunicação moderna, objetiva e descomplicada. Caso contrário não vende.

Jesus e Kardec, expressivos orientadores da humanidade, falaram simples e suas lições são compreendidas até pelos incultos. A partir de cada parábola, Sermão do Monte, até chegar ao Espiritismo, tudo é fácil e de claro entendimento.

É certo que não é comum ser simples, mas é obrigação de cada divulgador esforçar-se para que as orientações ajudem a um número maior de criaturas; ninguém tem o direito de desperdiçar talentos a não ser alguns homens em determinadas profissões onde a ausência de clareza é, na verdade, a sua grande arma. Política e economia, são exemplos.

De nossa parte, lembrando Kardec e discutindo sem disputar, esperamos ter deixado clara a intenção sem que nos julguem pretensiosos.

### 35) Uma experiência prática

"Quem não defende a Verdade, traída e conspurcada pela impostura, pela mentira, não é digno dela. E quem não é digno da Verdade, entrega-se à mentira" - José Herculano Pires.

Convidamos um amigo e sua família para nos visitar. Durante o almoço conversávamos sobre diferentes assuntos. Em dado momento, quando falávamos de erros e acertos, ignorância e conhecimento, o prezado visitante afirmou que se descobrisse que errou em tudo o que fez, ao longo de seus cinquenta anos de vida, não mudaria de opinião porque se o fizesse daria um atestado de incompetência. O contra argumento foi imediato, pois é melhor reconhecer o erro para corrigir-se do que continuar se enganando.

Lamentavelmente, o ponto de vista do nosso convidado é algo comum. Sem perceber, vivemos ritualizados, cristalizados nos hábitos e nas ideias, conceitos e princípios. A simples mudança nos móveis do escritório nos deixa de orelha em pé. Quando nos vestimos, começamos sempre do mesmo jeito. Experimentem inverter. "Todo dia ela faz tudo sempre igual", diz a canção popular.

No Espiritismo dá-se o mesmo. Numa sessão, por exemplo, o médium tem lugar certo e se o dirigente lhe pedir que mude, logo indagará sobre as razões. Gostaríamos de oferecer um exemplo pessoal.

Trabalhamos em casa espírita fundada por alunos de outro centro, que ao final do curso decidiram abrir nova frente de trabalho. A organização, sem que se discutisse a respeito, seria com a divulgação doutrinária e tudo o mais, nos mesmos moldes da casa mãe.

Pela sistemática, os passes eram aplicados durante a palestra e o orador, coitado, além de ter de falar em meio ao senta levanta, cadeira arrastando, virou "Horador" - palestra de uma hora -. Frequentemente se tornava repetitivo, pela exaustão do tema e pelo tumulto no ambiente que não lhe permitia concentrar-se no trabalho.

Iniciávamos a reunião às 20h15, com uma prece preparatória, e a seguir abriam-se as portas para os retardatários, que iam chegando em meio à palestra. Tumultuava-se a ordem, devido ao vaivém, e pela falta de integração dos

atrasados com a equipe espiritual. Não havia tempo para acomodação e relaxamento. Algo não parecia certo. Pensamos em mudanças e hoje é diferente.

Às 20h15 - em ponto (sic !) - fechamos o portão principal e iniciamos as tarefas. A prece preparatória é acompanhada por todos, público, trabalhadores e orador, e em seguida começam os trabalhos.

Na sala de passes há caixas de som, para que os passistas acompanhem o comentário do salão, o que não acontecia no sistema anterior. O Evangelho, agora de trinta minutos, se mostra mais proveitoso e recebe mais atenção do que nos antigos sessenta. Raramente há bocejos, impaciência e consultas aos relógios.

Nos primeiros dias alguns retardatários tiveram de voltar, porque não fizemos exceções. Depois de algumas semanas não tivemos mais problemas. Os trabalhos são agora calmos e produtivos e a casa é tida como séria e disciplinada. São os maus hábitos, via.de regra, a causa dos atrasos e não as dificuldades da cidade grande.

O que fizemos foi uma reforma, proposta que vem agitando o movimento espírita? Reforma, racionalização, reorganização, atualização, remodelação, não faz diferença. Ficou claro é que devemos estar atentos, cultivar o bom senso e nos manter ligados aos orientadores espirituais, para produzir mais e de melhor qualidade, ainda que haja prejuízo de quantidade.

No nosso caso, simples e particular, não soubemos de opositores. Mas quando a mudança abrange âmbito maior, é natural que enfrente ideias contrárias, críticas mordazes ou descabidas, em oposição sistemática, embora por vezes surjam opiniões interessantes, que são colaboração sincera. Mas quem, pensa e estuda, para depois agir, não dá importância a comentários vazios.

Qualquer que seja a posição do homem, encontrará os contra e os a favor. Relembremos Jesus! "O tempo", diz o filósofo, "é o senhor da razão" e as mudanças que não convierem ao Espiritismo serão obstruídas pelo próprio Cristo, único dono da obra e que sabe como impedir que ela se perca. Portanto, mesmo quando acreditamos que as modificações apenas alimentam o ego e a autoridade do dirigente, temos de apurar cuidadosamente e com isenção de ânimo, se elas não são úteis e, portanto, necessárias, mesmo que nos desagradem.

O homem, refratário às alterações, tem medo de não acompanhar as novas ideias, porque sente preguiça de pensar. Prefere continuar acomodado, centro do saber, fazendo com que tudo gire em volta dele. Ainda não percebeu que individualmente nada vale, mas cresce quando se une.

Na colmeia dos homens, há cem rainhas para cada operária. Por isso não há paz, nem se produz. Um dia aprenderemos com os animais as vantagens da colaboração. A vaidade será substituída pela modéstia e o orgulho derrotado pela humildade. Pena que ainda vá demorar um pouco; a dor ainda não doeu o suficiente...

A Voz do Espírito novembro/dezembro de 1994.

### 36) Considerações sobre o futuro

"Só há um tempo possível de ser vivido. Ele se chama presente e é o construtor de todos os outros tempos."

Falávamos de Judas Iscariotes, em dia de estudo sobre a vida de Jesus. Ao comentarmos a fraqueza do discípulo judeu, alguém perguntou se não estava profetizado que Jesus seria traído e, portanto, a história não poderia ser diferente.

Quando estudamos as profecias, sabemos que elas se realizam, com maior ou menor precisão, mas não compreendemos os mistérios que permitem a uma pessoa conseguir prever os acontecimentos com antecipação. Podemos garantir, entretanto, que ninguém reencarna predestinado à delinquência, ao roubo à traição ou à vingança. A prática do mal é opção individual - LIVRE ARBÍTRIO - e cada um, se lutar, pode vencer as próprias fraquezas - REFORMA INTIMA -. Judas traiu porque se equivocou nas próprias ambições. Esperava um salvador que lhe oferecesse facilidades, como até hoje fazemos todos nós, quer com referência aos governantes quer quando confiamos nos "enviados". Vide questão 861 de O Livro dos Espíritos.

Os cientistas pesquisam as dimensões do Universo e, com base na ciência quântica, têm teorias a respeito. Afirmam que passado e futuro não são tempos, mas lugares. O tempo na TERRA é medida específica dos mundos como o nosso, presos às tradicionais dimensões. Tudo é explicado pela largura, comprimento e altura e tempo e espaço são meios de compreender e organizar nossas atividades.

Quando vamos ao Velho Testamento, encontramos Isaias, que antecipou com precisão a vinda de Jesus, descrevendo Belém, desde a manjedoura até o suplício final e a Sua mansuetude diante do sofrimento. No Novo Testamento, Jesus encoraja Judas a que faça o que teria de fazer. Falou sobre a destruição do Templo e advertiu Simão Pedro, quando o informou que ele iria negá-Lo. Como entender tais episódios? Ainda no mesmo livro, temos o Apocalipse, quando o anjo, por ordem de Jesus, leva João ao futuro, mostra-lhe o século XX e adverte-o para que não fizesse o mesmo. Com que finalidade o Cristo entristeceria o amigo e discípulo Evangelista, exibindo as fraquezas humanas, se a advertência não tivesse utilidade e nada pudesse ser corrigido? Não cremos que simplesmente mostraria o caos a que chegou a humanidade, sem uma intenção mais nobre.

O futuro, segundo outros, não pode ser algo imprevisto porque então até Deus seria pegado desprevenido. Se Ele tem todo o conhecimento das Leis e de tudo o que há na natureza, é porque o futuro, de alguma forma ou em algum lugar, já existe, em dimensões que ainda não compreendemos.

Para popularizar essas leis, o cinema, de quando em vez, exhibe filmes baseados em fatos reais envolvendo pessoas que foram ao passado e conferiram a história ou que avançaram no tempo, dias, anos, séculos e relataram fatos que acabaram por acontecer. Mecanismo incomum permitiu que penetrassem nos registros divinos. Leonardo da Vinci, Júlio Verne e mesmo Nostradamus servem como exemplo.

Com que propósito, poderão indagar, estamos tratando desse assunto complicado em veículo espírita. Respondemos que a intenção é entender os carmas negativos e confirmar que podem ser alterados. A incompatibilidade, o desentendimento familiar, a revolta contra a miséria, a impaciência, a falta de sorte, são características da imperfeição e podem ser corrigidas. Se o futuro está pronto, estará adstrito e condicionado ao que somos hoje e a mudança do presente se refletirá nele para alterá-lo, por mais profetizado que esteja.

É preciso compreendamos que Jesus estava condenado independentemente de Judas, porque nada seria mudado a curto prazo. A humanidade já tinha se decidido pela sua morte. O Messias era, e ainda é, inconveniente para os egoístas e não fora Judas outro O teria traído. Os que defenderam Barrabás são também judas. Até nós, depois do muito que sabemos, O traímos mesmo com a certeza de que Ele é o enviado de Deus.

Se o futuro será triste, isto se deve ao presente lamentável que insistimos em viver. Mudando o dia de hoje, alteramos o amanhã. Caso toda a humanidade se conscientizasse dessa verdade, os dias do apocalipse seriam substituídos por alvoradas de luz e felicidade.

É assim que entendemos as revelações do plano Superior, já que esses mensageiros não espalham pânico, nem terrorismo. Quando precisam falar do futuro o fazem para o bem da maioria. Os gritos de alerta são para mostrar que somos donos da nossa vida, que construímos passo a passo e dia a dia. Plantamos e colhemos, agimos e temos a reação, criamos a causa e aparece o efeito.

Para o nosso atual entendimento, tudo isso parece uma teoria complicada e vazia, mas sabemos que é verdadeira, lógica, e, em breve, teremos revelações que confirmarão essa certeza.

Revista Internacional de Espiritismo outubro de 1994

### 37) Evangelho no lar

"A parentela sanguínea é preparação para a família espiritual."

Nascido na casa de Pedro, em Cafarnaum, o culto em família é hoje um hábito na casa do espírita.

Orientados quanto à necessidade de uma harmonia, fazemos do Evangelho no Lar o suporte espiritual para os dias turbulentos da atualidade. Cada praticante é orientado quanto à importância deste pronto-socorro, sabendo que além dos benefícios particulares para os conviventes encarnados, número representativo de espíritos vêm buscar forças e esclarecimentos através da prece que ali se realiza.

Sob a proteção da espiritualidade, esse lar vai recebendo tratamento especial, porque passa a ser suprimento socorrista para emergências. Os espíritos acompanham a intenção amorosa e responsável como se realizam as reuniões naquela casa e trazem os necessitados para serem atendidos. O que ocorre, a partir de então ? O núcleo espiritual vai se formando e nascerá nova família por afinidade e auxílio mútuo. Ali seremos visitados por companheiros que estiveram em aflição por longo tempo e não fora esse serviço não teriam se libertado. De sofredores, inicialmente, passam agora a fazer parte da equipe e, cada vez mais, irá se ampliando o trabalho de socorro. E a caridade que se amplia!

Nos dias do Evangelho no Lar - que não dispensa a prece diária -, é recomendada uma preparação especial como quando recebemos amigos encarnados em visita de cortesia. Para estes oferecemos a melhor comida e cuidamos da limpeza da casa. Para os espíritos, é aconselhável a higiene mental, para que o clima espiritual seja adequado e agradável. O bom ar pulverizado pelas mentes será sentido por todo espírito que vier em busca de ajuda ou a serviço de colaboração. Começa a estreitar-se a intimidade entre encarnados e desencarnados. A convivência já não se restringirá à reunião, mas será permanente. Os espíritos cuidarão das pessoas na mesma proporção que participam do trabalho.

Embora impossível alcançar até que ponto a nova família se harmonizará, sabemos que passaremos a ter novos amigos que poderão ser no futuro os nossos parentes ou estarão entre os que nos receberão no desencarne e nos recomendarão aos mentores para que nos assistam. Proporão que nos confiemos tarefas junto às equipes espirituais e serão fiadores da nossa fé, conduta e responsabilidade.

Fazem isto após convivência e certeza de que somos dignos de confiança.  
Provamos por conduta.

Temos de compreender a força do Evangelho e concluir que não se limita a simples reunião de pessoas. É importante trabalho da Seara, em âmbito maior do que imaginamos. Por não entendermos o alcance da prece, fazemos o trabalho com pouca convicção.

Evangelho no Lar, reunião de fraternidade, pronto-socorro e preparação da família universal. Contribui para que cada lar e cada ser humano, construa um templo na sua intimidade. É mais importante do que muitas reuniões religiosas dogmáticas, mercenárias e materialistas, que se desviaram de suas funções e, espiritualmente, não têm qualquer finalidade.

O Clarim maio de 1994

### 38) Carma, obsessão, livre-arbítrio

"Verdadeiramente também tú és um deles, pois a tua fala te denuncia." Mateus 26:73

Assim como a mulher observou em Pedro, quando de sua negativa em relação ao Mestre, também o vocabulário espírita é pleno de termos que identificam o praticante da Doutrina. Alguns são repetidos automática e naturalmente, sem que muitas vezes se raciocine sobre eles. Carma, Livre-Arbítrio, Obsessão, são alguns deles.

O que é na verdade o Carma?

Segundo o dicionarista Buarque de Holanda, é "o conjunto das ações do homem e suas consequências. " Diríamos que é como ação e reação.

O carma duraria a vida toda e só terminaria com a morte. Não adiantaria lutar para eliminar ou atenuar seus efeitos. São orientações habituais que ouvimos nos Centros Espíritas.

Doutrina da razão, o Espiritismo propõe que observemos que nossa vida eterna iniciou-se quando fomos criados simples e ignorantes e que o calendário dos homens não marca o tempo espiritual. Portanto, se temos um carma negativo, tratemos de anulá-lo por esforço próprio. Se o vencermos, extingue-se o processo, estejamos encarnados ou não, durante a vida material ou ao fim dela. Cessada a moléstia suspende-se o remédio. Por que não dizem isso nas Casas Espíritas?

E o livre-arbítrio. Parece que também este é mal explicado. Não temos ainda toda a liberdade, porque acima dela estão as Leis de Deus. Segundo o próprio Kardec, nosso livre-arbítrio se assemelha à liberdade do prisioneiro que pode se movimentar à vontade, mas apenas dentro da cela. Se nem mesmo nós, os pais humanos, deixamos nossas crianças à vontade, já que entre o lazer e o dever elas sempre escolherão o que lhes pareça mais agradável, como imaginar que Deus agiria de forma diferente.

Obsessão. Outro termo que faz confusão na cabeça das pessoas. Existe ? Sem dúvida. E comum? Nem tanto, como ensinam.

O que é normal é o nosso pensamento sofrer a interferência permanente dos espíritos, geralmente atrasados, devido à sintonia que estabelecemos em função da nossa inferioridade. Amigos afins, como os que nos reunimos no futebol, na mesa de jogos ou na roda de tóxicos. Não são inimigos e apenas comungam as mesmas ideias. "Onde puseres o teu tesouro, lá estará o teu coração", disse Jesus.

Há real obsessão nas cobranças, nas vinganças, nos ciúmes descontrolados, na vocação para o mal, no exagerado sentido de posse. E é fácil perceber-se o mecanismo.

Mas temos de observar que, via de regra, no processo obsessivo quem age são os desencarnados. Os encarnados, porém, também são obsessores dos espíritos. É comum essa relação entre dois "vivos" ou dois "mortos". Vale entender, porém, que o processo funciona como na radiofonia. São precisos o transmissor e o receptor, na mesma frequência. Um espírito está conosco porque estamos com ele, em simpatia recíproca.

Antes de culparmos os espíritos, analisemos como é comum a auto-obsessão, um dos processos mais tristes de perturbação. Criaturas que acreditam ser vítimas das entidades quando, na realidade, são tão auto-perturbáveis que nem precisam dos espíritos para fazer-lhes mal. Elas próprias são o problema. Dificultam tudo; moram complicado, vestem complicado, sonham com o que não podem ter e se martirizam. Querem o que não precisam e não desfrutam o que têm. Vivem o pânico da insegurança, o medo do empobrecimento, o ciúme irracional e a inveja destruidora.

Esse tipo de criatura existe desde que o mundo é mundo. Salomão, o rei de sabedoria, quase mil anos antes de Cristo, já afirmava que era maior governador o que governasse a si próprio, do que aquele que conquistasse nações. O remédio para o mal é a renovação dos hábitos. Quem se julgar sofredor, trabalhe e estará descobrindo o antídoto para seus males. Obsessor não fica perto de quem trabalha e busca se melhorar.

Carma, Livre-Arbítrio, Obsessão, expressões do cotidiano espírita, como tantas outras, deveriam ser melhor estudadas. Especialmente, pelos que fazem relatos de vidência, informações mediúnicas, entrevistas e orientações. Cada um desses assuntos, conforme apresentado, servirá de ânimo ou sepultará, definitivamente, as esperanças das criaturas.

Ensina o Espiritismo que não devemos esperar a morte para entrar na vida. Se já conseguimos perceber quando um corpo está à míngua por falta de pão, dizem os espíritos, aprendamos a reconhecer quando uma alma está perecendo por falta de luz.

O Reformador fevereiro de 1991

### 39) O grande carma

"Karman, do sânscrito, é o conjunto das ações do homem e suas consequências."

Ignora-se quando e quem introduziu a palavra carma nas religiões ocidentais. O certo é que ela se incorporou também ao Espiritismo e tem sido usada como sinónimo de ação e reação. Segundo a etimologia, ela pode ser coisa boa ou má, mas isso não acontece na prática. Carma virou coisa ruim.

Nas orientações espíritas é comum dizerem que as dores vêm do passado e temos de aceitar. Se quisermos saber quanto tempo durará o carma, ninguém saberá responder. Os "técnicos" arriscarão informar que irá até o fim da vida, como se a vida tivesse fim. No entanto, é possível que naquele mesmo dia estejam terminando os problemas do que sofre e iniciando um tempo de dores para o que está orientando.

Interessados em saber quando começou o compromisso, será difícil uma resposta. Poderá ser da encarnação imediatamente anterior, de outras mais remotas ou mesmo da atual. Se vivemos uma vida eterna, e portanto não morremos, não há porque acreditar que o carma deva terminar com a morte física. Todos os dias terminam velhos ciclos e outros se iniciam. Não se mede a vida por uma encarnação.

Diante de qualquer problema, por maior que pareça, é preciso reagir. Morrer não resgata débitos e o eventual carma que hoje nos incomoda, poderá acompanhar-nos na erraticidade e até reencarnar conosco. Por isso, a proposta espírita para que nos livremos dos débitos já, pela renovação e amor ao semelhante, faz absoluto sentido. Os carmas podem ser modificados. As orientações de Jesus nos recomendam que nos reconciliemos com o inimigo enquanto é tempo. As deficiências morais são, também, inimigos.

Mas uma coisa é certa, temos todos um grande carma, que é o nosso grande problema: a imperfeição. Ela provoca mais dores do que todos os erros do desconhecimento e libertar-nos de nós tem sido mais difícil do que nos livramos dos adversários. Um trabalho de desobsessão poderá convencer um espírito a nos abandonar. Infelizmente, essa mesma reunião raramente consegue induzir-nos à modificação. Depois que as entidades são afastadas, saímos aliviados e sentindo-nos injustiçados. Como não fazemos mal a ninguém, não deveríamos estar

cercados de tais espíritos, vingativos. É nosso desabafo habitual, porque nos consideramos eternamente injustiçados e inocentes.

Esquecemos, e é falha indesculpável, que obsessão é estrada de duas mãos. Sem sintonia não há ligação. O espírito está conosco porque somos iguais. Temos como amigos os que nos são afins, encarnados ou desencarnados. O melhor tratamento contra esse mal, continua sendo a transformação moral, pela evangelização, estudo e trabalho. Quando vamos ao centro para receber o passe, temos de fazer nossa parte. De nada adiantará os socorristas afastarem os perseguidores se somos o imã que os atrai de volta, quase que instantaneamente. Como xifópagos, vivemos grudados mente a mente.

Embora habitando um mundo de provas e expiações, nosso tempo na Terra não precisa ser penoso. A pobreza, a cegueira, a feiura, a fraqueza são limitações com as quais convivemos de maneira mais ou menos natural. Fazem parte do nosso habitat. Os que tem menos problemas, esses sim, são os que transformam tudo em tragédia. O que tem olhos e cega, sofre; o que tem as posses e empobrece, revolta-se; o que tem saúde e adocece, reclama; o que é bonito e se acidenta, inconforma-se. Os carmas negativos encarnam com o espírito como amoráveis freios, auxiliares e reparadores, tão naturalmente que ele nem se dá conta do peso. Só se entrega quando é fraco, porque são exatamente os menos infelizes que mais se queixam e até se surpreendem com a resignação dos miseráveis.

Informados dos carmas, é preciso seguir a vida no ritmo normal, porque esse é problema comum. A dor está em todos os lares da Terra, ricos e pobres. Somos iguais, "xerox" uns dos outros, e só os pretensiosos ousam rir do semelhante. Constatar que somos fracos e que temos muito a corrigir não deve nos envergonhar, porque esse é o nosso momento espiritual. Deve, isto sim, servir de estímulo para a luta, porque um planeta de provas e expiações não é morada de santos. Mas sentar e chorar, não resolve.

Os orientadores espíritas, os que explicam o Evangelho, cuidem de encontrar as palavras certas para alevantar as criaturas e abastecê-las de coragem. Se elas necessitam de socorro para as aflições imediatas, precisam muito mais das informações correias, que as ensinem a buscar a luz por si mesmas. Falemos menos de carmas e mais de esperanças.

Correio Fraternal do ABC fevereiro de 1995

## 40) Um diálogo

"Deus não concede privilégios, faz justiça."

Naquela noite, o orador explicava que o divulgador espírita é como um vendedor ou um propagandista, que usa a força da argumentação para ter sucesso nas vendas.

- Hoje estou aqui, como se diz popularmente, para vender o meu peixe.

Terminada a explicação, alguém perguntou:

- Que é que o senhor acredita ter vendido?

- Informações...

- Que tipo de informações?

- Científicas, com base na Lei Maior, que regula a vida.

- Quais?

- Ama o próximo como a ti mesmo. Quem ama não sofre, diz a Lei.

- Dê outro exemplo, por favor.

- Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim, disse Jesus. Significa que não se chega a Deus sem antes purificar o coração. Esse é o caminho, a verdade e a vida.

- Que pessoas o senhor acredita que podem "vender" no Centro Espírita?

- Todas. O dirigente, o expositor, o passista, a recepcionista, o livreiro, o faxineiro, você ...

- Eu? Como, se aqui no Centro sou apenas um anónimo assistido? Eles nem sabem o meu nome.

- O trabalhador do Centro não é o que está inscrito na Casa, mas o que sintoniza com ela. É comum uma pessoa não fazer parte do grupo encarnado e estar em harmonia com a equipe espiritual. Sua conduta é o Evangelho que será "lido" por muitos, dos dois planos. Sua disciplina, sua paz, sua paciência, seu silêncio, sua oração, são valiosas "mercadorias" para os que vêm procurar orientação e equilíbrio.

- Mas eu também estou aqui por essas razões. Também preciso dessas coisas!
- Um comprador, também é vendedor. Cada homem produz algo, mas sempre dependerá de terceiros para obter outras coisas.
- Em se tratando de valores espirituais, está difícil entender.
- Você veio em busca de ajuda, sem imaginar que há pessoas que precisam de socorro mais do que você, encarnados ou desencarnados. Sabe, com certeza, que os desencarnados também sofrem e que nossos problemas nem sempre são os mais graves. Aliás, raramente o são. Vindo ao Centro, trará espíritos da sua convivência, que ao ouvirem a palestra se orientam e descobrem um novo caminho, libertando-se de você e deles mesmos.
- Isto entendi, mais ou menos. Temos de vir ao Centro preparados para servir e assim ficamos em condições de receber. E isso?
- Cada um colhe conforme o esforço próprio. É a lei do merecimento. A persistência, assiduidade, a atenção e respeito, a vibração amorosa, o comportamento sereno e a mente voltada para a prece, nos torna úteis, independentemente da nossa função ou cargo no agrupamento.
- Já que o senhor falou em "comprar" e "vender", no sentido figurado, é verdade, gostaria de saber que "moeda" se usa nessas transações e qual a técnica de vendas mais indicada.
- Misericórdia é a moeda, porque amortiza faltas, reduzindo a intensidade das dores. Deus recompensa, diminuindo grande parte das dívidas em troca de um gesto de amor ao próximo. A mil por um, ensinou Jesus. A técnica de vendas é a caridade, que dá carinho e atenção, muito eficiente para o tipo de freguesia que busca o Espiritismo.
- Deu para ter uma pequena ideia do que se pode receber e como temos de nos comportar durante os trabalhos no Centro Espírita. Obrigado!
- Graças a Deus, meu irmão. Que a paz de Jesus permaneça com todos, agora e sempre.

## 41) Espiritismo ou fatalidade

"Não temos de nos preocupar com o que o destino faz conosco, mas com o que fazemos para melhorar nosso destino."

Os Centros Espíritas, cada vez mais, enfatizam as ideias que envolvem as provas e as expiações e pela forma como essas verdades são difundidas e compreendidas, tem criado nas criaturas mais desânimo do que coragem. Ensinam também que a resignação e a conformação diante das dores são qualidades do cristão. Tem de aceitar tudo segundo a vontade de Deus. Até parece que conhecemos a vontade de Deus.

Informados que tudo é consequência de erros passados, é inútil lutar já que está tudo decidido e teremos de passar pelas provas já programadas, sem que adiante qualquer esforço para mudar o destino. Pensando dessa forma, deixaremos de ser racionais, donos da própria vida, e desconsideraremos os recursos do livre-arbítrio, para nos transformarmos em vítimas da fatalidade.

Seguindo tais lições, determinado senhor casado com certa senhora, não teria outra alternativa. Como todo o esquema já estaria estabelecido na espiritualidade, os dois estavam destinados a se encontrarem, por mais difícil que fosse a aproximação. Nenhum outro marido e nenhuma outra esposa serviriam para os referidos cônjuges, os quais, fatalmente, teriam de se unir. Acontece que não encontramos essas afirmativas no Espiritismo.

Na questão 298 de O Livro dos Espíritos, lemos o seguinte: Pergunta - As almas que devam unir-se estão desde sua origem predestinadas a essa união e cada um de nós tem, nalguma parte do Universo, sua metade à qual fatalmente um dia se reunirá?

Resposta - "Não; não há união particular e fatal, de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quando mais perfeitos tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade."

Entendemos que há uma integração total no planeta, com interligação dos diferentes reinos. Portanto, o movimento em defesa da ecologia faz sentido,

quando liga a árvore ao homem, porque ela ajuda no bem-estar. Dá oxigénio, oferece o fruto e cura doenças. O mesmo acontece com a água e o ar, que trazem muitos benefícios, como tudo o mais que existe na natureza.

Compreendemos, portanto, que os resgates são compromissos do própria autor. A ação registra-se na consciência do agente, independentemente de terceiros. Se alguém fez mal a outrem - à esposa, por exemplo -, significa que registrou o mal em si mesmo. Reencarnarem para viver situação oposta, quando a vítima se transformaria no agressor, pode não interessar às partes. Quem tem capacidade de perdão não cogita de vingança.

O natural seria perguntar, então, como ficará o processo cármico do agressor. A resposta é simples. Será cumprido junto a qualquer Espírito atrasado, que sente prazer no mal. Este fará com que o outro passe pelas mesmas dores que causou, a quem quer que seja. Excepcionalmente, não podemos descartar, há resgates diretos se os espíritos envolvidos forem vingativos e insistirem em se manter atrasados.

Segundo o Livro dos Espíritos, lógica há na programação entre pais e filhos, quando estes voltam ao lar onde se desajustaram como ex-cônjuges, ex-amantes, ex-inimigos, para novo exercício de amor. A consanguinidade produz esse milagre. Faz sentido, também, as raras uniões missionárias, quando as almas renascem para realizar tarefas de auxílio ou obras inacabadas que objetivam o bem da humanidade.

Se voltarmos à questão 298, analisada pelo escritor espírita, Rodolfo Calligaris, no livro *A Vida em Família*, encontramos no capítulo *Perspectivas da União Conjugal*, um estudo interessante. Diz ele: "O que acontece comumente é o seguinte: Durante o namoro e o noivado, os jovens, desejosos de causar-se reciprocamente impressão favorável, esforçam-se por manter uma boa conduta, procurando esconder ou camuflar os aspectos indesejáveis de seus caracteres {...} Mesmo quando um dos dois chega a observar no outros característicos comprometedores ou menos dignos, acreditam, ingenuamente, que o casamento os eliminará ou que terão forças suficientes para suportá-los sem prejuízo da "eterna felicidade" com que sonham (...) (...) Se não houver então concessões mútuas, (...) a harmonia do lar será arruinada e, ipso facto, a felicidade conjugal, destruída.

Não há inocentes. Casamos com quem escolhemos, levados pela ambição financeira, valorizando a inteligência e a beleza, sem darmos prioridade às qualidades morais e espirituais. Sofremos as consequências dessa má escolha, ou da incapacidade para manter vida i dois, e não das vidas passadas. Todos vamos ao casamento pensando nas vantagens próprias. Nossa vontade tem de prevalecer e quando isso não acontece nasce a infelicidade.

Somos um ser racional, com condições para mudar a forma de viver. Aceitação e conformação, na verdade, são qualidades do cristão. Só que isso não significa cruzar os braços e definir tudo como imutável vontade divina. Este é o grande equívoco que os espíritas cometem quando analisam a lei de Ação e Reação.

O Reformador junho de 1996

## 42) Os Essênios

"Pelo fruto se conhece a árvore" Mateus 12:33

Após vinte séculos, a humanidade foi presenteada com uma revelação. Caminhando pelo deserto da Judeia, próximo do Mar Morto e da velha Jericó, um jovem beduíno, "ao acaso", fez importante descoberta.

Na região do Qumran, em grutas nas montanhas próximas às ruínas de um mosteiro, zona árida e quente, foram encontrados jarros com manuscritos que continham documentos, revelações, cânticos, leis, usos e costumes de um povo: Os Essênios.

As menções a respeito dessas criaturas, antes de 1947, eram limitadas e apócrifas, até porque nem mesmo Jesus as mencionou. Referiu-se aos fariseus, saduceus, levitas, samaritanos, e tantos outros, usando-os nos ensinamentos, nas parábolas, mas nada mencionou que envolvesse os essênios.

A vida dessa gente, agora documentada, trouxe luz à história do tempo em que o Messias esteve entre nós. Hoje, nenhum grupo da época é tão conhecido como essa civilização do Qumran. Escritores, historiadores, arqueólogos, não tiveram alternativa a não ser ligar Jesus ao essenismo, a despeito de a igreja sonegar informações que têm em seu poder. O Cristo não falou deles para poupá-los dos que combatiam todos os que fossem Seus amigos.

Flávio Josefo, Filon de Alexandria, e outros historiadores da época, já relatavam essa ligação que sempre foi menosprezada pelo clero e que agora, com farta documentação, já não mais é posta em dúvida.

- Quem eram afinal os Essênios? Por que pretender ligá-los a Jesus?
- Por questão de justiça, poderíamos responder, como prêmio pelo exemplo que foram para os homens.
- E como viviam? Poderiam perguntar.
- Conforme recomenda Jesus, com respeito e amor.

Os relatos a respeito deles informam que não se encontra na comunidade fabricantes de armas. Cuidam dos órfãos como filhos e dos velhos como pais.

Amam o próximo sem a preocupação da parentela. Não têm posses, seus bens são postos em comum e deles cada um retira o necessário. A ninguém falta a comida, a roupa, a moradia ou o remédio.

Instruem-se. Nos fins de semana um lê e orienta os demais. Qualquer um pode explicar, independentemente de cultura. Mas exigem que aquele que ensina igualmente viva o que prega. Se assim não for, qualquer outro menos instruído poderá tomar-lhe o lugar. São criaturas mansas e calmas. O silêncio em suas casas causa grande impressão. Quando um fala, o outro se cala. Ninguém interrompe sem ser autorizado.

Acreditam que as almas vivem no éter, de onde descem, unem-se a um corpo que lhes serve de prisão, para aprender. Uma vez libertadas, voltam ao espaço para aguardar novas oportunidades de aprendizado e progresso.

Alimentam-se frugalmente. O chefe da mesa divide o pão e o distribui aos demais. Raramente comem carne.

Consideram grande abundância ter-se poucos desejos porque são fáceis de serem realizados. Não acumulam terras, nem ouro, nem bens de qualquer natureza. Entre eles não há escravos. A escravidão destrói a igualdade e afronta contra a natureza que, como boa mãe, faz dos homens irmãos.

Cantam salmos e hinos, entre eles os da Bem-Aventuranças. Outros grupos, além dos monásticos, vivem espalhados por toda a Palestina, Egito, Síria etc.

Vivem com uma simplicidade muito rara de se encontrar nas pessoas, em todas as épocas. Mantêm as casas do caminho, onde qualquer forasteiro pode retirar o alimento e a roupa necessários para continuar a jornada. Tudo é de graça. A opinião do povo a respeito deles é que são pessoas irrepreensíveis e excelentes.

Depois de observar a vida dos Essênios, concluímos que não há necessidade de tentar provar sua ligação com Jesus. Tendo eles vivido entre 150 a.C e 70 d.C, percebe-se que o Mestre, no mínimo, os teria conhecido. Como rabi e judeu, Jesus tinha seus compromissos religiosos e é natural que tivesse participado de reuniões em mosteiros essênios, onde os hábitos coincidem com as suas pregações.

Historiadores chegam a afirmar que essenismo e cristianismo são uma coisa só. Dizem que mais do que Belém e Jerusalém, o Qumran, com seu mosteiro e seus

manuscritos, é o berço da revelação cristã. Poucos viveram a aliança com Deus, como expressão de amor, como esses homens.

Por esta pequena biografia desses amigos, percebemos como a organização se preocupa com o avanço da humanidade. Os Essênios prepararam no deserto os caminhos do Senhor, assim como Hydesville despertou-nos para a realidade do mundo espiritual, preparando-nos para as revelações de Kardec.

Com base no amor divino, fica sem sentido a nossa aflição diante dos quadros sociais provisórios. Recessão, inflação, violência, são repetições permanentes de um passado que se perde no tempo. A história registra crises constantes. A mais grave, porém, é sempre a que se vive no momento, porque é a que dói agora.

Tudo está sob o controle de Deus. O poder soberano vai permitindo os acontecimentos para o despertar da humanidade. São simples etapas de uma novela que vai acabar bem, como é normal em toda história de amor. Até lá, em cada capítulo haverá coisas boas e coisas desagradáveis. Os Essênios, afastando-se de Jerusalém para viver longe da concorrência da grande cidade, nos enviaram, já há vinte séculos, sábias lições. Se nós fugirmos da ganância, na maioria das vezes por coisas desnecessárias, escreveremos capítulos menos tristes na novela de nossas vidas.

Onde estariam os Essênios? Eram tão poucos, que mesmo reencarnados entre nós terão dificuldade para nos motivar. Prestemos atenção, porque um deles pode estar ao nosso lado. E, enquanto vivemos a escravidão de nós mesmos, vamos torcer para que a igreja apresse a tradução dos manuscritos do Mar Morto, prometidos finalmente para 1997. Estamos certos que essas revelações irão colaborar para a mudança de nossas inclinações e para que despertemos de um sono milenar.

A proposta não é sermos espíritas ou católicos, protestantes ou evangélicos; nossa meta é aprender a amar o semelhante para sermos CRISTÃOS.

Revista Internacional de Espiritismo maio de 1991

### 43) Ciência ou religião

"O falso cientista se afasta de Deus; o verdadeiro O glorifica."

Em 18 de abril de 1857, ao divulgar a primeira edição de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec falava de uma nova ciência que viria para atender aos apelos da humanidade.

A sua afirmativa era conveniente para a época, porque, a exemplo de nossos dias, uma avalanche de seitas invadiam as sociedades, em acirrada disputa comercial. Moisés já havia tido problemas semelhantes no Sinai e Jesus no templo de Jerusalém.

Outra religião, não, iriam refutar as pessoas. Mais uma, menos uma, não modificaria a vida porque são todas iguais, subjetivas, inconsistentes, dogmáticas, místicas, abstratas. Melhor, pensou Kardec, uma ciência, que merecerá respeito porque tudo prova pela Lei e de tudo dá explicação. A densidade, a gravidade, a relatividade. Por que não, a verdade?

E assim se fez. Estava batizada a nova revelação como Ciência Espírita. Mais de cento e trinta anos se passaram e começamos a compreender a "simbiose" entre Ciência e Religião e podemos mesmo afirmar que são uma coisa só. Não as religiões - seitas - criadas pelo homem, mas a Religião como união ao Criador.

Se assim entendermos, a ciência espírita sempre foi a Religião assim como o Evangelho de Jesus sempre foi a Ciência de Deus. Sua ação como supremo cientista se manifesta por intermédio de leis naturais, leis de vida.

Ir contra elas é perder tempo e sofrer sem necessidade. Mais tarde será preciso voltar ao ponto de partida para sintonizar com elas e caminhar. Nos dias de hoje, a Boa Nova de Jesus não pode mais ser entendida como um romance místico, nem como divagação para filósofos ou ocupação de crentes irracionais.

Começa a se definir a nova civilização, como podemos verificar pela imprensa de todo o mundo. Novos regimes de governo e o mandamento maior começando a ser exercitado, embora ainda acanhadamente. O amor ao próximo como a si mesmo, começa a ser compreendido como único caminho que nos leva ao Pai.

O final dos tempos, claramente relatado por João na sua visita ao futuro, já não está apenas na Bíblia, mas é novela cujos capítulos são publicados diariamente em todos os jornais. Não está em parábolas, nem em metáforas, mas em linguagem fácil de ser compreendida até pelos mais simples.

Aproxima-se a paz do mundo e como moto-niveladora vai esmagando empecilhos que tentam obstar-lhe a marcha. Missionários já estão encarnados no planeta em todas as áreas, seja social, religiosa, política, artística, científica, misturados aos anti-cristos e falsos profetas, em acirrada luta, a fim de que, finalmente, se estabeleça o Reino de Deus no coração das criaturas.

A cada um de nós, co-participantes na obra, compete uma tarefa. Se desejarmos o céu na Terra, temos de auxiliar na sustentação das forças do bem, com ações e orações, espalhando otimismo e sendo exemplos para o fortalecimento dos enviados que vivem árduas tarefas, pela regeneração da humanidade.

Não acreditemos que tal empreitada é tarefa de fracos. Mas convençamo-nos que o bem tem lugar preparado no futuro e quando for total a harmonia no mundo, independentemente da alegria que possa nos causar desde agora, é que iremos colher os frutos do nosso esforço. Desde há muito o convite foi feito. Chamados todos fomos e a hora é de decidirmos se aceitamos a escolha.

Ninguém poderá discordar do aspecto religioso da nossa Doutrina, já que o próprio Codificador, em 9 de agosto de 1863, quando elaborava o Evangelho Segundo o Espiritismo, foi orientado pelo seu guia que assim se expressou: "Aproxima-se a hora em que diante do Céu e da Terra, terás de proclamar o Espiritismo como única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez de tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual um muro de aço, resistiria a todos os ataques."

Religião ou ciência, a critério de cada um, o certo é que o Espiritismo é libertação. O consolador prometido por Jesus é o grande redentor, porque ensina ao homem as regras simples para uma vida feliz.

Que Deus abençoe a todos os que contribuíram, ao longo dos séculos, para que esta dádiva chegasse até nós!

O Clarim julho de 1990

#### 44) Os amigos... e os marotos

"Ama o próximo como a ti mesmo." - Jesus

Quando estudamos os atos de Jesus e os comparamos com o nosso comportamento, percebemos como estamos distantes das recomendações deste Senhor.

Amigos! Todos queremos e em quantidade. Afinal, são eles que nos sustentam a alma, e por vezes o corpo, nas difíceis circunstâncias que a vida nos prepara. Embora a dificuldade sempre traga de brinde uma receita de felicidade, pela pouca compreensão raramente tiramos dela o devido proveito. E nesta hora que precisamos do amigo...

Amigos existem. Não em abundância, mas existem. Alguns até verdadeiros, desprendidos e que se alegram com a oportunidade de nos ajudar. De nossa parte, porém, o comportamento é lamentável. Quase sempre conseguimos transformar amigo, em inimigo. Depois de sugar toda a energia e alegria que o outro tem para nos oferecer, o descartamos como sapato velho. Ainda não lhe damos o devido respeito. Não temos o menor cuidado em não magoá-lo e nem percebemos que é mais comum encontrá-lo ao lado de nosso leito de enfermo do que nas reuniões de festas...

Sempre no papel de vítimas, vamos nos acostumando a explorar a criatura, que passa a ter a obrigação de nos atender. Precisamos dela no campo afetivo, financeiro, como permanente ouvinte de nossas histórias sempre iguais, quando buscamos os mesmos conselhos, de outras vezes, mas que não temos coragem de praticar. E, comodamente, continuamos nos queixando...

Se formos alertados para o exagero, argumentamos que se não pudermos contar com os amigos, afinal, com os inimigos seguramente é que não contaremos. O amigo tem paciência, atenção e cuidado conosco. Tem sempre um tempo disponível; o inimigo não!

Chega porém um dia - e sempre chega esse dia - em que o nosso amigo também tem problemas. Todos temos. Nesse dia, ah, nesse fatídico dia, o amigo está sem forças para nos atender. É o dia da sua fragilidade e ele não pode nos servir.

Provavelmente, de tanto ser explorado acabou sem energia para cuidar de si mesmo. Então, adeus amigo.

A partir desse dia, acrescentaremos mais um na longa lista das nossas inimizades. Esqueceremos os dias, meses e anos em que a criatura nos serviu, pacientemente, e só lembramos desse momento em que o amigo não quis ou não pode deixar-se explorar. Saímos em busca de nova vítima, assim como fizemos com o outro, que já não atende mais às nossas conveniências. Lamentavelmente, logo percebemos nosso erro e nossa ingratidão e, confusos, sentiremos saudade.

Disse bem Freud quando alertou que aquele a quem ajudamos terá pressa em se desentender conosco, porque assim deixará de ser nosso devedor. Os inimigos se detestam e uma vez distanciados nada há para ser agradecido ou retribuído. É caminho curto para desobrigar-se de um favor. Na verdade chega a ser desonesto, mas é usado habitualmente.

Se estamos de acordo com este comentário, procuremos modificar o nosso comportamento com as pessoas. Vamos respeitá-las e não sobrecarregá-las com cargas desnecessárias que competem a nós. Guardar para socorrer-nos do amigo só em situação extrema, quando realmente não possamos resolver sozinhos as nossas dificuldades. Não encomendar-lhe coisas ou soluções que não são verdadeiramente necessárias. Não ter pressa em informá-lo de problemas que nos são desagradáveis, nem exagerar em nossas doenças, para que ele não sofra conosco. O verdadeiro amigo, vive nossos dramas até mais intensamente do que nós. Por isso, tenhamos o cuidado de avisá-lo quando um assunto já tiver sido resolvido, a fim de que ele também se despreocupe.

"Amigo" - diz a música popular - "é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves e no lado esquerdo do peito" São tão raros que mereceram do filósofo Cícero, a frase: "Meus amigos, não há amigos."

Vamos apoiar o cancionista e desmentir o pensador, pelo menos nós os espíritas, que participamos na formação da Pátria do Evangelho. Se Jesus recomendou que amássemos ao inimigo, que não diria em relação àqueles que convivem conosco e estão sempre prontos a nos atender.

Fechamos este trabalho com sugestivo soneto do poeta português Camilo Castelo Branco, que retrata claramente este tipo de situação.

## Os Amigos

Amigos, 110 ou talvez mais  
eu já contei. Vaidades que eu sentia.  
Pensar que sobre a terra não havia  
mais feliz mortal entre os mortais.

Amigos, 110 ou talvez mais,  
zelosos das leis da cortesia,  
que já farto de os ver me escapulia,  
às suas curvaturas vertebrais.

Um dia adoeci ceguei profundamente.  
Dos 110 houve um somente  
que não desfez os laços quase rotos...

"Que vamos", diziam ", lá fazer,  
se ele está cego e nem nos pode ver !?"  
Que 109 impávidos marotos...

Jornal Espírita dezembro de 1991 45

## 45) Um jeito errado de ver

"18 de abril de 1857. Dia da libertação da humanidade."

A partir de o Livro dos Espíritos, o mundo conhece novo princípio de fé. As orientações de Jesus são melhor compreendidas e fazem mais sentido as lições de amor e perdão. A lei de ação e reação passa a explicar como se processa a colheita do plantio.

Alteram-se os conceitos de felicidade. O hábito de tirar proveito, independentemente do mal que pudessem causar, sofre profundos retoques. Passamos a controlar atos e palavras, porque agora sabemos que somos a consequência de nós mesmos.

Doutrina nascida em França, O Espiritismo se transporta para o Brasil, a terra fértil para a semente que deseja espocar, e a ciência espírita se transforma na religião libertadora. Com ele Jesus desce da cruz e caminha novamente com os homens. O amor ao próximo é vivido na essência e não mais nas teorias. A mistura das raças no país do Cruzeiro cria facilidades para a irmanação. O momento chegara!

Toma corpo o movimento espírita. Casas se abrem, trabalhadores são recrutados. Rompida a inércia, já não há como frear o ímpeto de servir. Cada centro espírita é agora importante departamento divino, onde há os mais diversos serviços. Orientam pessoas, assistem o ser humano nas suas necessidades, fornecem agasalhos e alimentos. O amor movimenta os corações.

Mas, a despeito da feliz revelação, pela qual só temos a agradecer, ainda há muita coisa a ser construída. Por enquanto, estamos matriculados como aprendizes. Paralelamente ao trabalho, temos de educar consciências e cobrar-nos comportamento equilibrado e sensibilidade para discernir entre o certo e o errado.

Certa feita, Jesus declarou que seria difícil o rico entrar no reino do Céu. Afirmava que não temos estrutura para usar a riqueza como escada espiritual. Agora o Espiritismo vem ensinar que o mal está em nós e que o mesmo dinheiro que compra o pão, compra o tóxico.

Considerados os valores humanos, a pobreza nos sensibiliza e a riqueza nos causa inveja. Entretanto, o inverso talvez fosse mais racional. O pobre, sem alternativa,

só pode lutar e trabalhar e desse esforço nasce o entendimento. Mais importante do que conquistar riqueza é incorporar virtudes. Não dá facilidades ao filho porque não pode, ainda que deseje. Além disso, talvez seja um ex-abastado em renovação de experiência.

Da parte do rico, entretanto, é preciso bom senso para usar com equilíbrio as regalias. Enquanto se acomoda e "curte a vida" o tempo passa. Dá ao filho os prazeres materiais que não está pronto para receber e ao invés de usar a riqueza para melhorá-lo acaba prejudicando. Por isso, as orientações nas casas espíritas devem ser esclarecedoras e não sentimentais. A linguagem, às vezes, tem de ser dura, desde que não implique em falta de amor.

Nas atividades do centro, é triste dizer, a assistência material funciona, muitas vezes, como lata de lixo. Quando há campanhas, aproveitamos para doar a boneca sem braço e o carrinho sem rodas, que não servem mais para o nosso filho. Fazemos faxina, porque o centro aceita tudo. Damos roupas rasgadas, sem botões, quando não sujas. Sapatos furados, tênis rasgados... Esquecemos que o centro não tem oficina de conserto, nem lavanderia e que o pobre também é gente. Que tal identificar os pacotes recebidos e cobrar responsabilidades? Gonçalves Pereira, fundador da Casa Transitória, disse certa vez, que deveríamos oferecer à criança pobre só o que daríamos ao nosso próprio filho.

Outro lado que se observa nos centros espíritas é que as melhores doações são desviadas entre os participantes da casa, porque também seriam necessitados. Além de o ofertante desacreditar no Centro, é desonesto, porque o destino era outro. O dirigente não pode ser irracionalmente fraterno. Pelo contrário, deve educar, alertar e jamais ser conivente com tais atitudes.

Se de um lado agradecemos a Jesus por enviar o Espiritismo consolador e libertador, de outro é preciso estarmos atentos para fazer jus a ele. Enfermos, que mal conseguimos ficar sobre as pernas, temos de colaborar para que o remédio faça efeito. Que Deus nos ajude e que o Mestre continue a nos orientar com Sua sabedoria.

## 46) A maior caridade

"A maior caridade em favor do Espiritismo é a sua divulgação" Emmanuel

Encontramos com frequência em palestras e periódicos espíritas a orientação acima, enviada pelo mentor de Francisco Cândido Xavier.

O entendimento foi tomado ao pé da letra e consideramos que a divulgação do Espiritismo é aquela feita por palestras, jornais e livros, quando explicam as máximas de Jesus, de Kardec e de outros orientadores. E, nesse sentido, a tarefa sugerida tem sido levada a sério.

A cada dia temos novos escritos, novos jornais e a tentativa desesperada de se chegar à mídia falada e televisada, para uma eficiente e maciça divulgação. O que tem impedido o sucesso desse esforço é que perdemos o trabalho pelas atitudes que contradizem a pregação.

Quando foi proposto que a maior caridade em favor do Espiritismo é a sua divulgação, isso inclui - e é mesmo o mais importante - o comportamento do espírita diante da sociedade e do próprio meio onde respira, no convívio com seus afins. É comum insistirmos para que nossos familiares frequentem a Casa onde trabalhamos, insinuando que só terão vantagens, mas não conseguimos convencê-los. Observando nossa conduta, diferente do discurso, não têm interesse em participar do agrupamento, já que este nada fez por nós, segundo nos enxergam. Conhecem-nos na intimidade e diante desses é mais difícil dissimular. Somos mais rigorosos quando analisamos nossos conviventes.

Em nossa chegada na Doutrina, tínhamos uma Amiga que nos rotulou "trabalhador de última hora", com intenção pejorativa, já que ela, privilegiada, estava no Espiritismo havia tempo. Anos a fio esta irmã insistiu para que o esposo participasse do Centro o que depois de décadas conseguiu. Passados dois anos, desencantou-se com o Espiritismo, porque este não conseguiu o milagre da modificação do marido. Deixou a Doutrina e depois o marido, após um casamento de mais de trinta anos. Quando participamos do Espiritismo, somos um divulgador e se não tivermos disposição de dar dele o correto testemunho, melhor não falarmos de nossas convicções religiosas. Dizer uma coisa e mostrar outra é fazer propaganda contrária.

Desde o lar, se apenas um dos cônjuges participa do Centro, cabe a este a exemplificação e a tolerância, porque só assim o outro acreditará que tal prática contribuiu para a sua modificação e poderá, com o passar do tempo, animar-se a conhecer o Espiritismo.

E certo que devemos recomendar aos outros o que é bom para nós. Se estamos satisfeitos no Centro é justo desejarmos que nossos parentes e amigos também se beneficiem. Mas se não demonstrarmos por atitudes, nossa insistência afastará o outro, cada vez mais. Se ele tinha alguma vontade de se iniciar na doutrina, estaremos sepultando de vez essa intenção.

Outros temas como o que estamos estudando são repetidos pelos espíritas sem analisá-los com profundidade. Carma, livre-arbítrio, obsessão, reforma íntima, Pátria do Evangelho, conceitos comuns do linguajar espírita, ainda incorretamente compreendidos.

Por isso é preciso estudar sempre. Temos de estar atentos, discutir os assuntos e ler nas entrelinhas. Se as instruções nos vêm dos espíritos e são captadas por médiuns da psicografia, para registrar e espalhar como mensagem da escrita Superior, vêm também por outros meios.

As notícias do Espiritismo, proposta por Emmanuel como a maior caridade em favor da Doutrina, não são privilégio de escritores ou tribunos. A sua divulgação está a cargo também do mais simples e inculto servidor que poderá mostrar, por conduta, o valor das lições e a capacidade que elas têm de renovar consciências e acalmar as tempestades da alma. A imagem sempre foi mais eloquente do que a palavra. Como alerta, lembremos velha expressão: O que você é grita tão alto, que não escuto o que você diz... !

Abertura maio de 1995

## 47) O lazer do espírita

"Quando o trabalho é feito com alegria, ele se transforma na alegria do trabalhador". André Luiz

Todo espírita dedicado, já ouviu a clássica frase: "Por que você não leva a cama pro Centro ?" São queixas dos filhos, dos pais, do cônjuge que não comunga os mesmos ideais e até mesmo dos amigos. Há cobrança, porque depois que a criatura resolveu dedicar-se à Doutrina Espírita já não liga para a vida social. Ficou fanático !

É um sério problema. O despertar de um nem sempre encontra ressonância no outro. O que para um faz sentido, para muitos é absurdo. Por vezes, chega a ser complicada a conciliação dessas necessidades, quando todos têm razão, sem que isso solucione a divergência. Cabe aos que se dedicam ao Espiritismo, e cuidam de estudá-lo e vivê-lo no cotidiano, contornar o problema.

Seria bom se as pessoas entendessem que lazer ou "hobby", consistem em que tenhamos nossos momentos ou atividades relaxantes, agradáveis, para contrabalançar com as preocupações da dura sobrevivência, o que varia de pessoa para pessoa. "Lazer", numa das definições do Aurélio, " é o senso de prazer". "Hobby é a atividade de descanso ou recreio, praticada em horas de lazer."

Para o comum dos seres, o lazer consiste em "malhar" na academia, empanturrar-se no rodízio, curtir um whiskinho, emendar o feriadão e "jacarezar" na praia, comer pizza ou "jogar conversa fora". E o trivial e respeitamos o gosto e o entendimento de cada um, na esperança de que também respeitem a forma de pensar do trabalhador espírita. Não é preciso que haja incompatibilidade entre o lazer e o dever. O dever executado com satisfação e boa vontade vira lazer.

Nada se compara à alegria de servir. E isso que o espírita já sabe e sente e que a maioria não consegue compreender. Na reunião social o prazer é acompanhado, geralmente, de segundas intenções. Quem oferece opções, reúne mais gente à sua volta. Uma casa de campo, um apartamento na praia, uma piscina, são, via de regra, bons argumentos para fazer amigos. Amigos que se vão quando a última garrafa esvazia e já não há dinheiro para uma nova. Com estes não podemos contar, além do que, manter esse relacionamento artificial dá constante e cansativa mão de obra.

O trabalho espírita, híbrido de dever e lazer, é exercido em uma sociedade diferente, porque o relacionamento se baseia na solidariedade. Quem tem mais fortalece o fraco, nas suas necessidades, físicas ou espirituais. É um grupo onde as pessoas se querem bem porque cultivam os mesmos ideais. As diferenças materiais se apagam e é normal que o rico precise do pobre. E se nem sempre é assim, é assim que deveria ser.

Define-se sociedade como um grupo de indivíduos que vivem sob desejos iguais. Quando nos perguntam se devido à religião abandonamos a sociedade, respondemos que não. Apenas mudamos de sociedade. Estamos na sociedade espírita.

Nada impede que participemos do casamento, do aniversário, da reunião com os amigos. Também não desprezemos as férias, porque o espírita sustenta-se do trabalho profissional e precisa refazer-se para seguir na luta, diferente de sacerdotes, pastores ou ministros que vivem dos dízimos. O que não faz sentido é supor que por nos dedicarmos ao trabalho espiritual, estejamos fora do mundo. Apenas o estamos buscando na sua melhor parte, segundo nosso modo de ver.

Depois da festa vêm a indisposição e a dor de cabeça. Após a reunião espírita sentimos grande prazer, resultante do dever cumprido. Quem duvidar faça o teste. É preciso ter em mente que nossas atitudes não terminam no momento em que são praticadas, mas refletem-se nas consequências futuras. Por isso, preferimos a nossa versão social. Reencarnação não se desperdiça, porque é sempre curta diante do grande aprendizado a que ainda temos necessidade.

O Semeador agosto de 1995

## 48) Na defesa de um ideal

"Seja o seu falar, sim, sim, não, não. " Jesus-Mateus

Encontramos nos veículos espíritas, com frequência, matérias interessadas em que fique claramente estabelecida a diferença entre o Espiritismo e as outras doutrinas que se utilizam da mediunidade. Julgamos a preocupação procedente, porque as pessoas que buscam uma casa, devem saber claramente o que ali encontrarão. Se querem um terreiro ou um centro espírita, que isso fique desde logo caracterizado, para que o interessado não se sinta confundido.

Os umbandistas, e os de seitas similares, têm incluído o vocábulo espírita no nome de suas instituições, o que tem causado confusão entre as pessoas que não sabem, corretamente, o que é o Espiritismo.

Entre os Centros Espíritas - centro que trabalha de acordo com as orientações de Allan Kardec - vemos ainda acanhamento no sentido de definir suas atividades. Preocupados com a caridade, quase sempre material, deixam desamparados aqueles que não têm conhecimento e não sabem distinguir entre um Centro Espírita e um de Quimbanda, Umbanda ou Candomblé. Pior então, quando o grupo pratica Umbandec, uma pitada de Umbanda e um pouquinho de Kardec.

Já defendemos em outras ocasiões que essas seitas também executam uma tarefa cristã, porque auxiliam pessoas que desejam ajuda imediata, diante das muitas dificuldades. Mas não são espíritas. Seus ritos e dogmas, são anteriores a 1857, quando foi editado o livro dos Espíritos, trazendo a público o Espiritismo como doutrina.

Para acabar de vez com a dúvida, propomos que todos os Centros Espíritas incluam na divulgação de suas casas, sejam nas placas, nas mensagens, nos jornais, revistas ou boletins, que se trata de uma casa kardecista. Os Centros Espíritas devem auxiliar os que buscam seus ensinamentos, passes, orientações, informando claramente o tipo de instituição que ali funciona.

Os que já estão na Doutrina, argumentarão que se trata de proposta descabida porque é uma redundância desnecessária. Kardecismo ou Espiritismo dá no mesmo. Todos sabem que o codificador criou as palavras Espírita e Espiritismo para identificar nossa religião. Todos sabem, não. Alguns espíritas sabem, já que

a maioria desconhece, e não podemos esquecer que diariamente está chegando gente nova em nossas casas.

O grupo onde trabalhamos, chama-se Centro Kardecista "Os Essênios", o que não deixa dúvidas. Mas se assim não for, sugerimos campanha para que os Centros definam, independentemente do nome, seus reais objetivos. Por exemplo, colocar placa à porta, da seguinte maneira:

### **Grupo Espírita Bezerra de Menezes**

#### **(Instituição Kardecista)**

#### **Horário dos trabalhos etc etc**

Feito isto, basta manter a fidelidade aos postulados de Kardec, zelar pela pureza doutrinária e evitar misturar práticas aos trabalhos do Centro. Seria profundamente incoerente, além de desonesto, servir-se do Espiritismo para divulgar o que não somos ou não fazemos.

A partir daí, começemos a usar nosso próprio "patuá", que é o Livro dos Espíritos e vamos nos socorrer do melhor amuleto, o Evangelho Segundo o Espiritismo. Nossa energização não virá dos cristais, mas da prece e a nossa cura não será conseguida pela cromoterapia, mas pelo equilíbrio da consciência tranquila.

O pequeno detalhe que propomos, como campanha nacional, pode representar caridade para os que estão desorientados e buscam um caminho. Serviremos de guia para estes, além de defendermos nosso ideal divulgando corretamente o Espiritismo, que, segundo Emmanuel, é a maior caridade que ele espera de seus participantes.

Seria oportuno que as Federativas, jornais e revistas encampassem esta iniciativa, auxiliando na sua divulgação. Se isto acontecer, é provável que já no próximo censo o governo decida incluir o kardecismo como religião, para diferenciar do vocábulo espírita, totalmente deturpado pelo leigo. Poderemos, a partir daí, saber quantos somos, efetivamente, porque o apurado nas últimas verificações não merece crédito.

## 49) É questão de fé

"A resistência do incrédulo, convenhamos, quase sempre se deve menos a ele do que à maneira pela qual lhe apresentam as coisas." ESE – Cap. XIX

O alerta da espiritualidade nos itens 6 e 7 do capítulo acima, é dirigido às religiões que não o Espiritismo.

A lição data de 1864, lançamento do livro Imitação do Evangelho, atual O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando a fé se reduzia aos dogmas da época. Essa fé foi definida pelos espíritos como cega, pois não era resultante da razão e fazia com que o praticante de uma religião seguisse as orientações de forma totalmente irracional.

O que víamos, então, era uma obediência fanática acompanhada de grande inconformação com a própria vida. Tudo era feito para fugir do castigo divino. A oração era mecânica, sem que a prece saísse do coração. Repetíamos palavras cujos significados desconhecíamos, em vezes preestabelecidas, como num ritual. Cumprida essa parte, cada um ficava quite com Deus.

Passados cento e trinta anos e o alerta se volta agora também para os espíritas.

A fé, positivamente, é a mais difícil das virtudes, porque implica na aceitação de cada momento vivido, na dor ou na alegria. Guia-se pela certeza de que o Pai é o supremo comandante dos acontecimentos. Caridade já fazemos e se ainda não damos de nós, já damos do nosso, com alguma generosidade. A fé, porém, que afirmamos ter, quase não se vê em nossas atitudes.

Ainda confundimos fé com adoração e com o comércio que tentamos estabelecer com Deus, para que nos livre das dificuldades.

A proposta de fé do Espiritismo se baseia na razão e não pede facilidades, mas justiça; não espera anistia das faltas, mas força para corrigi-las; não pede a cura da doença, mas reequilíbrio para que o espírito seja o médico do corpo. A fé tem certeza que o dono do Universo tudo sabe e tudo pode. Que Ele nos deixa com a carga da cruz para que a levemos até o fim e nos livremos do fardo, em definitivo.

Neste momento de invenções, confusões e personificações, pelas dificuldades da maioria surgem centenas de salvadores, alguns dentro da própria Casa Espírita. São os novidadeiros e o simples está perdendo a vez. Estão inovando, sofisticando e incrementando o Espiritismo, para que, seguindo o modismo atual, também seja modernizado.

"A fé se baseia na perfeita compreensão daquilo que se deve crer. Não basta ver, é necessário, sobretudo, compreender", diz ainda o Evangelho.

Nossa doutrina é esclarecedora e não se interessa em manter o seguidor na ignorância, pois não deseja lucros. Seu objetivo é consolar e, mais do que isso, libertar o homem. Libertá-lo não do pecado, do castigo divino ou das opressões sociais, passageiras e necessárias, mas de si mesmo, sem dúvida o seu maior inimigo. Isso só será conseguido através do conhecimento

É preciso cuidado. A doutrina veio para ocupar o lugar deixado pelos cristãos imprevidentes, que transformaram a pureza das lições de Jesus em teorias complicadas demais para que todos pudessemos entender. Não nos envolvamos pela vaidade. Jesus quis fazer da

Palestina o berço do cristianismo. Os homens não O compreenderam e o programa teve de ser adiado por quase vinte séculos. Foi reiniciado na Terra do Cruzeiro, o Coração do Mundo, mas precisa da nossa colaboração para que seja sedimentada aqui a Pátria do Evangelho. Se buscarmos soluções banais, mágicas e vazias para resolver cada problema, mais uma vez a planificação do Cristo será adiada.

A tarefa do Espiritismo é importante e sua execução é da responsabilidade dos espíritas. Quem aceitar a tarefa comece a agir, mas cuidando de manter a indispensável pureza doutrinária.

Correio Fraternal do ABC julho e 1994

## 50) O avesso da caridade

"Enquanto relemos, não lemos. Quando damos, é que temos. "

Observei um farrapo humano, que caminhava pela rua em noite de garoa e temperatura próxima do zero, e pus-me a pensar. Lembrei da casa confortável, da comida quente, do cobertor de lã. Veio-me à mente um baralhar de indagações e procurei pensar no que teria feito eu para estar em situação confortável, sem as angústias daquela criatura, da qual nem mesmo sabia o nome.

Como o Espiritismo explica sobre semeadura e colheita, ali deve estar um espírito que desperdiçou oportunidades e agora sofre para ter entendimento. Eu devo ter dado valor às coisas de Deus e hoje sou mais feliz.

Aprofundo-me no assunto e percebo não ser tão fácil ter o mérito que imagino. Sou imperfeito e, portanto, não tem sentido esse pretensão privilégio. Fico em dúvida, então, se aquele sofrimento seria um resgate. Poderia ser um teste. Já li casos em que bons espíritos pedem provas de grande dificuldade para verificar se o conhecimento teórico já faz parte de suas conquistas verdadeiras. Não se pode definir as pessoas pelo exterior. Tenho de admitir que por baixo daquela carcaça suja, do corpo sem banho e da barba sem trato, pode estar um espírito melhor do que eu, em difícil prova de fé. Ele pode ser um enviado do Cristo, para testar o que venho fazendo dos conhecimentos que, através de Kardec, Ele me ofereceu.

Segue a indagação: -Como posso exercer a caridade com esse irmão, se nem consigo chamá-lo irmão ? Nem tenho coragem de me aproximar ou conversar com ele e ainda apresso-me a mudar de calçada e fechar o portão. Afinal, moro na cidade grande e as autoridades me recomendam esse cuidado.

Mas continua em minha cabeça a vontade de ajudá-lo e penso no que poderia fazer por ele. Dar-lhe um trocado, um cobertor, um resto do jantar. São muitas as possibilidades de colaborar com o meu semelhante. Suponho que estou em situação favorável para a prática do amor, ao contrário dele que nada me pode oferecer. Será?

Volto ao Espiritismo, quando diz que a caridade é a mais importante das virtudes e que todos podem praticá-la, independentemente da situação. Se é verdade,

aquele mendigo também pode me ajudar de alguma maneira. Examino-lhe a situação e tento descobrir-lhe méritos. Vejamos:

Ele nada tem, mas não rouba, apenas pede ou espera que ofereçam. Não reclama, embora tenha uma vida que só de pensar me apavora. Divide o pão que mal dá para si com outros infortunados. Não é como eu que ainda não sei repartir. Ele bebe um pouco para compensar a falta do agasalho e não pelas imposições sociais que nivelam as pessoas na mediocridade. Não é avarento pelos juro que transformam os humanos em cifrões, fazendo-os valer pelo exterior. Ele, talvez, tenha esposa, filhos, pais, ou um parente qualquer, e não blasfema contra o abandono e a solidão.

O seu lar é o poste da esquina, onde venta menos, enquanto eu, que tenho um teto, reclamo do trabalho. Ali se resmunga que a roupa por passar é muita, a louça por lavar é constante, o alimento é caro, o carrinho da feira é pesado... São as queixas miúdas, não falo dos problemas reais.

Sigo Espiritismo a dentro, para entender o certo e o errado, o bem e o mal, o vantajoso e o inconveniente e pergunto: - Quem é o mais feliz e qual de nós estará realmente praticando a caridade? De minha parte, só posso oferecer-lhe umas poucas coisas materiais. Ele não. Sem dizer palavra, me dá uma aula. Mostra como a minha vida é boa, como não tenho do que reclamar e nem devo me afligir pelo futuro distante, que nem sei se chegará. Mostra que quem não tem caridade consigo mesmo, não tem o que oferecer ao próximo. Vivo a vida de um fraco e não posso ter as dificuldades que o valente farrapo já consegue vencer. Para mim, por enquanto, seria cruz pesada demais.

Por amor a mim, Deus nesta vez decidiu dar-me prova leve para que eu avance no conhecimento e transforme em prática essa teoria que divulgo, mas não consigo viver. Não tenho estrutura, ainda, para problemas de verdade. Os erros do passado, continuarão arquivados nas gavetas da consciência e só sairão dali quando eu tiver forças para a retificação. Por enquanto, limito-me a dizer que aprendi, com sábio e silencioso discurso, que aquele irmão em dificuldade é viva lição para todos que, como eu, sofrem aos primeiros sintomas de desajustes, porque os fermentam e os transformam em intransponíveis tragédias

Agora, lá no nosso Centro, não olho mais os passistas, os orientadores ou os expositores como privilegiados, e os demais como necessitados. Somos todos

iguais e é difícil saber quem é o mais carente. Instrumentos uns dos outros para o progresso conjunto, temos de nos convencer que enquanto houver lágrimas nos olhos de um só, todos estaremos chorando.

Ao irmão da rua, cujo nome, repito, não sei, envio as minhas preces pelo muito que me ensinou e por ajudar-me a valorizar a saúde, o lar, o alimento, riquezas que eu não percebi que possuía. Agora dou importância aos dons divinos, antes que os perca.

Agradeço àquele indigente por me mostrar a minha felicidade.

Revista Internacional de Espiritismo outubro de 1990.